

Liz Greene

A ASTROLOGIA DO DESTINO



Cultrix/Pensamento

ZIPAK livraria

Alameda Lorena, 871
Fone: (011) 852-8288
01424 - São Paulo - SP

Outras obras do autor:

OS PLANETAS EXTERIORES E SEUS CICLOS OS

ASTROS E O AMOR

SATURNO

RELACIONAMENTOS

Outras obras de interesse:

A ASTROLOGIA DA AUTODESCOBERTA

Tracy Maria

ASTROLOGIA DA TRANSFORMAÇÃO

Dane Rudhyar

A ASTROLOGIA E A PSIQUE MODERNA

Dane Rudhyar

A ASTROLOGIA DA PERSONALIDADE

Dane Rudhyar

ASTROLOGIA — Prática e Profissão

Stephen Arroyo

CURSO BÁSICO DE ASTROLOGIA (3 Vols.)

Marion D. March & Joan MacEvers

OS ASPECTOS ASTROLÓGICOS

Charles E. O. Carter

A TÉCNICA DAS REVOLUÇÕES SOLARES

Alexandre Volguine

A ASTROLOGIA DO DESTINO

LIZ GREENE

A ASTROLOGIA DO DESTINO

Tradução
CARMEN YOUSSEF

CULTRIX / PENSAMENTO
São Paulo

Título do original: *The Astrology of Fate*

Copyright ©Liz Greene 1984, 1985.

Ao John, com amor

Edição
1-2-3-4-5-6-7-8-9-10

Ano
89-90-91-92-93-94-95

Direitos reservados
EDITORA CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 374-04270 São Paulo, SP-Fone: 63 3141

Impresso nas oficinas gráficas da Editora Pensamento

"A morte é certa, e quando se cumpre o destino de um homem, nem mesmo os deuses podem salvá-lo, por mais que o amem."

Homero

"E Deus-a-Mente, sendo macho e fêmea ao mesmo tempo já que a Luz e a Vida existiam, criou uma outra Mente para dar forma às coisas, a qual, por ser Deus constituído de Fogo e de Espírito, formou os Sete Poderes que abarcam o universo percebido pelos sentidos. Os homens os chamam de seu Destino regente"

Corpus Hermeticum

"Não se deve falar sobre o destino. É uma palavra ímpia demais."

Oliver Cromwell, dirigindo-se ao Parlamento do Primeiro Protetorado

"O livre-arbítrio é a capacidade de fazer com alegria aquilo que eu devo fazer."

C. G. Jung

Sumário

Introdução	6
Primeira Parte — <i>MOIRA</i>	13
1 O Destino e o Feminino	14
2 O Destino e Plutão	23
3 O Plutão Astrológico	30
4 O Destino e a Família	46
5 O Destino e a Transformação	60
6 A Criação do Mundo	74
Segunda Parte — <i>DAIMON</i>	76
7 O Destino e o Mito	77
8 O Mito e o Zodíaco	83
Terceira Parte — <i>PRONOIA</i>	121
9 O Destino e a Sincronicidade	122
10 O Destino e o Self	141
Notas	153
Glossário de Nomes Mitológicos	156

Introdução

Aquilo que está determinado é senhor dos deuses e de vós
Eurípides

Era uma vez, conta a história, um rapaz que vivia em Isfahan como criado de um rico mercador. Uma bela manhã, despreocupado e com a bolsa cheia de moedas retiradas dos cofres do mercador para comprar carne, frutas e vinho, ele cavalgou até o mercado; aí chegando, deparou-se com a Morte, que lhe fez um sinal como que para dizer alguma coisa. Aterrorizado, o rapaz fez o cavalo dar meia-volta e fugiu a galope, pegando a estrada que levava a Samara. Ao anoitecer, sujo e exausto, chegou a uma estalagem dessa cidade e, com o dinheiro do mercador, alugou um quarto. Nele entrando, prostrou-se na cama, entre fatigado e aliviado, pois lhe parecia ter conseguido lograr a Morte. No meio da noite, porém, ouviu baterem à porta, e no umbral ele viu a Morte parada, de pé, sorrindo amavelmente. "Por que você está aqui?", perguntou o moço, pálido e trêmulo. "Eu só a vi esta manhã na feira, em Isfahan" E a Morte respondeu: "Ora, eu vim buscá-lo, conforme está escrito. Pois quando o encontrei esta manhã na feira, em Isfahan, tentei lhe dizer que nós tínhamos um encontro esta noite em Samara. Mas você não me deixou falar e simplesmente fugiu em disparada."

Essa história popular é curta e graciosa e dela poder-se-ia inferir muitos temas. Mas, nas entrelinhas falsamente simples, sem dúvida está incluído um comentário sobre o destino: o fato de ser este irrevogável e de, no entanto, por um paradoxo, depender da vontade humana para a sua realização. Esse tipo de narrativa, por ser paradoxal, dá margem a toda espécie de especulação filosófica e metafísica, do gênero que não desperta a atenção de pessoas sensatas. Por exemplo: Se o criado tivesse ficado e falado com a Morte, ainda assim estaria fadado a morrer em Samara? O que aconteceria se tivesse tomado outra estrada? Ele poderia ter tomado uma outra estrada? Em caso negativo, então, que poder, interior ou exterior, conduziu-o até o lugar aprazado? O que sucederia se, assim como o cavaleiro no filme O sétimo selo, de Bergmann, ele tivesse desafiado a Morte? Ou, em resumo — esse estranho enigma que o Oriente sempre tratou com tanta sutileza

e que, no entanto, o Ocidente persiste em reduzir a uma escolha exclusiva, simples e direta: somos predestinados ou livres?

Tenho constatado que a palavra destino soa muitas vezes ofensiva para muitas pessoas neste esclarecido século XX. A morte acabou sendo separada de sua unidade original com o destino e foi transformada num fenômeno clínico, mais do que metafísico. Nem sempre, porém, foi assim. O destino era chamado *Moirá* pelos gregos e constituía desde os tempos mais primitivos um *daimon* de condenação e de morte, um grande poder que se havia originado antes dos mais antigos deuses. A filosofia grega tinha muito a dizer sobre o destino, tema que iremos examinar no devido tempo. Todavia, a menção à morte parece atualmente implicar uma perda de controle, um sentido de inutilidade, de impotência e de humilhação. Quando Cromwell se dirigiu ao Parlamento dizendo que não se devia falar sobre o destino, expressou um sentimento que desde então tem impregnado nossa perspectiva social e religiosa. A história da filosofia gira em torno da intrincada questão do destino e da liberdade humana; no entanto, filósofos modernos como Bertrand Russell consideram o "fatalismo" e seus inevitáveis ramos criativos — as artes mânticas ou divinatórias — como uma espécie de nódoa produzida por Pitágoras e Platão sobre o pensamento puro e racional, uma mancha que ofuscou o brilho da construção, não fosse isso, da mente clássica grega. Onde quer que haja uma preocupação com o destino, há também uma preocupação com a astrologia, pois o conceito de Moira evolui a partir da visão de um cosmo ordenado, interligado; e a astrologia, em particular, encontra descrédito na moderna escola filosófica encarnada por Russell. Como diz o prof. Gilbert Murray: "A astrologia atacou a mente helenista assim como uma enfermidade nova ataca os habitantes de uma ilha remota." Russell cita essa passagem na sua *História da Filosofia Ocidental*, rematando-a com uma observação própria:

A maioria até mesmo dos melhores filósofos concordava com a crença na astrologia. Ela implicava, visto considerar o futuro previsível, uma crença na necessidade ou no destino.¹

A teologia cristã também considerou esse assunto do destino um grande problema. A negação de Moira, ou Heimarmenê, como às vezes é chamada nos primeiros textos astrológicos, tem sido um tema popular do cristianismo, e não é preciso ter uma inteligência excepcional para suspeitar que essa negação baseia-se em razões um tanto mais sutis do que o argumento de que o destino é uma coisa pagã. Apesar de os cristãos da Idade Média, de Boécio a Dante, reconhecerem que a tradição pagã da deusa do destino corria paralelamente com a onipotência da Trindade, a Reforma trouxe consigo a convicção de que a simples idéia dessa figura representava um insulto à supremacia divina. Deus por vezes - age com uma graça que anula a influência dos céus, afirma Calvino com confiança, e as pessoas sentem-se quase sempre renovadas pela experiência da conversão. Assim como a Reforma rejeitou o "culto" de Maria, assim também o fez com o outro numinoso poder feminino no cosmo. E conforme Cromwell ordenou, desde o século XVII não temos falado sobre o destino.

O argumento teológico que substituiu a deusa antiga e que ainda hoje é viável constitui a doutrina da Divina Providência. Até mesmo os melancólicos adeptos

de Calvino não de protestar se se der o nome de destino à salvação predestinada aos eleitos, coisa em que acreditam. As pessoas com uma tendência mais científica revertem à terminologia de "lei natural", mas a ironia disso é que Moira, tal qual se formou no pensamento de Anaximandro e na mais "científica" escola jônica da filosofia grega, que Russell prefere em detrimento dos ingênuos e místicos platônicos, é nada mais nada menos do que a lei natural, elevada ao *status* de divindade.

Moira, é verdade, era uma força moral; ninguém, porém, precisava fingir que ela era exclusivamente benévola, ou que tivesse alguma consideração para com os interesses paroquianos e os anseios do gênero humano. Ademais — e este é o ponto mais importante — não lhe atribuíam os méritos de previsão, de desígnio e de finalidade; esses méritos pertencem ao ser humano e aos deuses humanizados. Moira é a força cega e automática que permite que seus propósitos secundários e desejos ajam livremente dentro de suas próprias e legítimas esferas, mas reage com certa turbulência contra eles quando atravessam suas fronteiras... Ela é uma representação que enuncia uma verdade sobre a disposição da Natureza, e ao enunciado dessa verdade nada acrescenta senão que a disposição é ao mesmo tempo necessária e justa.²

Anaximandro e seus companheiros imaginavam o universo como que dividido, dentro de um plano geral, em províncias compartimentadas ou esferas de poder. A própria palavra Moira quer dizer "porção" ou "sorte". O universo originalmente era uma massa primária e indiferenciada; quando os quatro elementos surgiram, eles receberam seu "quinhão" não de uma deusa personificada, mas do eterno movimento no interior do cosmo, o que era considerado não menos divino. No entanto, interpretar a lei natural como um nune não nos atrai hoje em dia. E quando consideramos outros aspectos da lei natural, tais como a hereditariedade e a filogenia das doenças, estamos pouco propensos a ver esses processos como algo relacionado ao destino.

Tornou-se até mesmo aceitável, em alguns círculos, falar de *karma*, ao mesmo tempo que se evita a palavra destino. Karma, por um lado, ao que parece, é um termo mais simpático porque implica uma cadeia de causa e efeito, dando-se alguma importância às escolhas individuais em determinada encarnação. Destino, por outro lado, parece, no conceito popular, ser obra do acaso, não tendo a pessoa absolutamente qualquer escolha. Esse, porém, nunca foi o conceito filosófico de destino, nem mesmo aos olhos dos estóicos, que eram, conforme seu nome sugere, extremamente estóicos com relação à ausência de liberdade no cosmo. O estoicismo, a mais fatalista das filosofias, reconhecia o destino como um princípio de causa e efeito; ele postulava simplesmente que nós, seres humanos, em geral somos cegos demais e estúpidos demais para perceber os resultados implícitos em nossas ações. De acordo com o preceito hindu, o homem lança suas sementes e não presta nenhuma atenção ao seu crescimento. Então elas germinam e por fim amadurecem, e cada pessoa deve comer do fruto de sua própria terra. Essa é

a lei do karma. Ela não difere de Heimarmenê, que é descrita com eloqüência pelo Prof. Murray a seguir:

Heimarmenê, no espantoso símile de Zenão (o fundador do estoicismo), é como um fio delgado que atravessa toda a existência — o mundo, devemos nos lembrar, era para os estóicos uma coisa viva —, como o fio invisível da vida que, hereditariamente, nas espécies vivas, se transmite de geração a geração, mantendo-as vivas; ele se move produzindo, incessantemente produzindo, tanto o infinitesimal como o infinito. . . e é um tanto difícil distingui-lo da Pronóia ou Providencia, que é o trabalho de Deus e, com efeito, sua verdadeira essência.³

Não só é difícil distinguir o destino da Providência, como também é difícil distingui-lo do karma e da lei natural. Essa situação encontra unia irresistível analogia com o uso de palavras tais como "cópula", "fornicação" e "coito", com a finalidade de evitar você sabe o quê.

A psicologia também inventou uma outra e mais atraente terminologia ao se defrontar com a questão do destino. Ela fala de predisposição hereditária, de padrões de condicionamento, de complexos e de arquétipos. Todos esses são termos úteis e, sem dúvida, mais apropriados ao século XX; eu mesma vou usá-los do começo ao fim deste livro, e talvez seja conveniente que nossa visão do destino tenha evoluído, no decurso de dois ou três milênios, de uma deusa personificada para uma qualidade da psique inconsciente. Mas fico sempre impressionada com a aversão que os profissionais da medicina parecem sentir — em particular o psiquiatra, que deve ser capaz de perceber a relação existente quando faz o prognóstico de esquizofrenia incurável e afirma que ela é hereditária — quando a palavra destino é servida à mesa como um prato frio, sem molho ou acompanha-mento. Não é de estranhar que o astrólogo moderno, que deve se servir do destino toda vez que estuda um horóscopo, se sinta constrangido e tente formular alguma outra maneira de expressá-lo, falando, em lugar dele, com elegante ambigüidade, de potencialidades e de projetos em embrião. Ou então pode buscar refúgio no velho argumento neoplatônico que sustenta que, embora *possa* haver um destino representado pelos planetas e signos, o espírito do homem é livre e pode fazer suas escolhas à vontade. Margaret Hone é uma típica representante desse ponto de vista:

A sincronização com um esquema planetário *aparentemente* nega o livre-arbítrio por inteiro. . . Visto que um homem se identifica com seu ser físico e com o mundo material em torno dele, ele é, pois, parte indissolúvel dele e está sujeito ao seu padrão de mudança que é formado pelos planetas em suas órbitas. Somente pelo reconhecimento daquilo que ele percebe ser maior do que si mesmo poderá ele sintonizar com aquilo que se situa além do padrão terrestre. Dessa forma, embora não possa se livrar dos acontecimentos terrenos, pela doutrina da livre e espontânea "aceitação" ele pode "querer" que seu ser real seja livre na sua reação a eles.⁴

Jeff Mayo, por outro lado, parece pertencer à escola das "potencialidades":

É razoável achar que se o futuro pode ser previsto, então não temos nenhum livre-arbítrio e calamos enredados num irrevogável destino do qual não podemos nos desvencilhar. O astrólogo não pode prever todos os fatos... Um aspecto astrológico pode corresponder a qualquer uma dentre várias possibilidades, dependentes na maior parte da "liberdade de escolha" da pessoa em questão, não obstante aquele aspecto ainda constituir um prognóstico sobre a real *tendência* das circunstâncias ou sobre a *natureza* da reação dessa pessoa à situação.⁵

Essas duas interpretações são características da reação atual da astrologia ao problema do destino. Ou ele é considerado apenas uma tendência, um conjunto de possibilidades, em vez de algo mais definido, ou é realmente definido, mas só se aplica à natureza corpórea ou "inferior" do ser humano e não contamina o seu espírito. Uma abordagem é pragmática; a outra é mística e pode ser remontada até Platão. Ambas, contudo, são suscetíveis à contestação. Por um lado, a experiência deixou-me a impressão de que alguns fatos bem específicos da vida são obra do destino e inevitáveis, sendo difícil classificá-los de tendência ou atribuí-los à escolha ativa da pessoa. Alguns dos relatos neste livro ilustram isso um tanto dolorosamente. Por outro lado, parece que a vida subjetiva do ser humano — o espírito de que fala Margaret Hone — é tão matizada pelo destino quanto sua vida exterior, na forma de complexos inconscientes que até mesmo influenciam a natureza do Deus que ele cultua, e que modelam suas escolhas ainda mais fortemente do que qualquer ato de volição consciente. De fato, a concomitância de complexos subjetivos e de circunstâncias externas sugere que a divisão em "físico" e "espiritual" que Hone está fazendo é arbitrária. Não tenho a intenção de responder a esses dilemas, nem gostaria de insinuar que um ou outro desses dois talentosos e experimentados autores está "errado". Mas fica-me a sensação de que alguma coisa está sendo escamoteada.

O destino significa: isso estava escrito. É terrível pensar em algo escrito com tamanha determinação por uma mão totalmente invisível. Esse fato implica não só impotência, como ainda o obscuro mecanismo de alguma enorme e impessoal Roda ou de um Deus bastante ambíguo que tem menos consideração do que gostaríamos para com nossas esperanças, sonhos, desejos, afeições, méritos ou até mesmo pecados. De que valem os esforços da pessoa, seus conflitos morais, seus simples atos de amor e de coragem, seu empenho para o aperfeiçoamento de si próprio, de sua família e de seu mundo, se tudo, no final das contas, é tornado vão pelo que já foi escrito? Temos sido nutridos, nos últimos dois séculos, num pábulo bastante suspeito de autodeterminação racional, e essa visão do destino nos ameaça com uma experiência de desespero real ou de caótica catarse na qual a coluna dorsal do homem ético e moral desmorona. Existe igualmente uma dificuldade com relação à abordagem mais mística do destino, pois ao romper a unidade do corpo e do espírito com a finalidade de buscar refúgio contra os estreitamentos da sorte, a pessoa cria uma dissociação artificial de sua própria lei natural e poderá conjurar no mundo exterior o que está evitando no íntimo.

Entretanto, para a mente grega, como para a mente da Renascença, a visão do destino não destruiu a dignidade da moralidade ou do espírito humanos. Se algo aconteceu, foi o oposto. O primeiro poeta religioso da Grécia, Hesíodo, diz

simplesmente que o curso da Natureza não é senão indiferente ao certo e ao errado. Ele conclui que há uma definida e simpática relação entre a conduta humana e a lei ordenada da Natureza. Quando um pecado é cometido — tal como o incesto inconsciente de Édipo — toda a Natureza é envenenada pelo delito do homem, e Moira revida fazendo recair imediatamente uma grande desgraça sobre a cabeça do transgressor. O destino, para Hesíodo, é o guardião da justiça e da lei, e não a fortuita e predeterminante força que dita cada ação de um homem. Esse guardião fixou os limites da original ordem da Natureza, dentro dos quais o homem deve viver porque é parte desta; e ele aguarda para cobrar a penalidade por cada transgressão. E a morte, visto ser a declaração definitiva de Moira, o "quinhão" ou o limite circunscrito além do qual os seres mortais não podem transpor, não é uma indignidade, porém uma necessidade que deriva de uma fonte divina.

Ter-se-ia a impressão de que desde a Reforma perdemos muito desse sentido de união com a Natureza e a lei natural; esquecemo-nos do que sabíamos a respeito do significado de destino e por isso as vicissitudes da vida, incluindo a morte, se nos afiguram no Ocidente uma violação e uma humilhação. Quando uma pessoa idosa falece, já não mais falamos de "causas naturais", mas antes, conforme está escrito no atestado de óbito, de "parada cardíaco-respiratória", inferindo daí que, se não fosse por essa parada ou falha, a morte nunca teria ocorrido. Eu, no entanto, não acho que tenhamos perdido o medo do destino, apesar de zombarmos dele; pois, se o homem moderno fosse realmente tão esclarecido a ponto de superar esse conceito "pagão", não teria o hábito de ler furtivamente a seção de astrologia no jornal, nem de mostrar compulsão a ridicularizar, sempre que possível, os porta-vozes do destino. Tampouco ficaria tão fascinado pelas profecias, que são as criadas da sorte. As Centúrias de Nostradamus, essas fantásticas visões do futuro do mundo, jamais deixaram de ser impressas, e cada nova edição vende uma quantidade astronômica de exemplares. Quanto ao ridículo, sou de opinião de que o medo, quando não admitido, disfarça-se muitas vezes de desprezo agressivo, e de tentativas um tanto forçadas para desaprovar ou denegrir a coisa que causa ameaça. Todo quiromante, astrólogo, cartomante ou vidente já se deparou com esta peculiar mas inequívoca ofensiva dos "céticos". E, lamentavelmente, ela ocorre com não menos furor dentro do campo da própria astrologia. Os contornos dessa aparição podem ser vistos de relance nas mais resolutamente "científicas" tentativas dos astrólogos para provar seu estudo unicamente através de uma maré de estatísticas, ignorando ou recusando-se a reconhecer os mistérios que escapam a seus cálculos, pleiteando desavergonhadamente o reconhecimento para sua ciência (se é que for isso mesmo) de uma obstinada comunidade científica e, finalmente, desculpando-se até mesmo por chamar a astrologia pelo seu próprio nome e substituindo-a por termos difíceis e empolados como "cosmobiologia", na esperança de que isso a torne mais aceitável. Não estou desmerecendo a pesquisa legítima que tem como objetivo a clareza ou a verdade com essa observação, antes, porém, chamando a atenção para uma atitude que me parece ser uma supercompensação fanática que joga fora o bebê junto com a água do banho. A comunidade dos modernos profissionais da astrologia muitas vezes dá a impressão de se sentir muito envergonhada por ter que transacionar com o destino.

A astrologia, ao lado do tarô, da quiromancia, da cristalomancia e talvez também do I *Ching* que agora se estabeleceu firmemente no Ocidente, são os modernos mensageiros da antiga e digna função de vidência. Essa tem sido, desde tempos imemoriais, a arte de interpretar as intenções obscuras e ambíguas dos deuses, embora possamos chamar isso agora de intenções obscuras e ambíguas do inconsciente, e está voltada para a apreensão *de kairos*, o "momento certo". Jung usou o termo sincronicidade com relação a essas coisas, como um meio de tentar lançar luz sobre o mistério da coincidência significativa — quer se trate da coincidência de um acontecimento externo aparentemente não relacionado com um sonho ou estado subjetivo, ou de um acontecimento com o esquema de cartas, de planetas, de moedas. Mas seja qual for a linguagem que usemos, a psicológica ou mítica, a religiosa ou "científica", no cerne da adivinhação está o esforço para interpretar o que está sendo ou foi escrito, quer expliquemos esse mistério pelo conceito psicológico de sincronicidade ou pela muito mais antiga crença no destino. Para o leigo não-iniciado, sem experiência dessas coisas, na sua enorme sutileza de múltiplos níveis, o conhecimento de Moira está limitado às predições do signo solar nas seções de horóscopo e a ocasionais visitas à excêntrica velhinha que vive em Neasden junto com dezessete gatos e que estava *realmente certa* sobre a operação de mamãe. Nossas tipicamente concretas interpretações ocidentais do destino revelam-se nessas expressões, em toda a sua glória esquizóide. Ou acreditamos sinceramente que a semana vindoura trará a sorte inesperada, o novo namorado, más notícias pelo correio, ou a promoção de cargo, ou, por vezes, ao contrário, zombamos com crueldade do nosso amigo por ser estúpido, ignorante ou bastante ingênuo a ponto de achar que ele ou ela poderia realmente obter ajuda dessa espécie de ridícula mistificação. A afirmação feita por Novalis de que o destino e a alma são dois nomes para o mesmo princípio é, naturalmente, incompreensível apesar dessa concretização. No entanto, o astrólogo, que deveria ser mais bem informado, pode ainda ser pego fazendo afirmações concretas, e não apenas sobre um novo namorado e sobre más notícias pelo correio: os signos do zodíaco e os aspectos planetários significam comportamento e somente comportamento a partir dessa perspectiva literal, sem qualquer pensamento voltado para a "alma" subjetiva de que fala Novalis.

Não tenho a intenção de convencer o leigo nem das artes mânticas nem do destino. O que me interessa é a abordagem do profissional da astrologia. Não estou satisfeita nem com a abordagem relacionada com "tendências" do horóscopo, nem com a abordagem neoplatônica que afirma que "o destino afeta o corpo, mas não a alma". Na minha opinião, a primeira contorna a questão dos fatos misteriosamente significativos que provocam o desenvolvimento individual, e a última contorna a questão da responsabilidade individual. Pelo que tenho observado nos meus pacientes e clientes astrológicos, não há dúvida de que existe algo — quer o chamemos de destino, Providência, lei natural, karma ou inconsciente — que se vinga quando suas fronteiras são transgredidas ou quando não encontra respeito ou empenho na relação, e que parece conter uma espécie de "conhecimento absoluto" não só sobre o que a pessoa precisa, mas ainda sobre o que ela *irá* precisar para o seu desenvolvimento na vida. Essa coisa parece fazer as mais singulares e espantosas combinações, aproximando uma pessoa de outra ou provocando uma situação externa justamente no momento certo, e dá a

impressão de fazer parte tanto do homem subjetivo quanto do homem objetivo. Além disso, dá a idéia de ser ao mesmo tempo psíquica e física, pessoal e coletiva, "superior" e "inferior", podendo usar o disfarce de Mefistófeles tão facilmente como pode se apresentar como Deus. Não tenho a pretensão de saber o que "ela" é, mas estou francamente disposta a chamá-la de destino. E sou de opinião de que se compreendêssemos melhor essa coisa, teríamos condições de prestar muito mais ajuda aos nossos clientes, sem falar de nós mesmos.

O propósito deste livro, à maneira dos próprios fados gregos, é tríplice. Primeiro, ele se destina a confrontar e a levantar a questão do destino com certa minúcia. Não tenho nenhuma resposta ao problema básico de saber se somos predestinados ou livres; tampouco jamais se chega a uma conclusão parecida de modo definitivo nesta exploração. Sinto-me inclinada, quando defrontada com uma questão tão vasta assim, a responder vagamente: ambos. Não sei o que é destino num sentido metafísico definido ou num sentido teológico; a filosofia e a religião ocupam-se desse problema em termos muito mais eruditos do que minha capacidade permite. Quando Apuleio de Madaura faia com convicção do destino dualista — como energia e como substância — ou quando Chrysippos propõe que até mesmo os nossos pensamentos são predeterminados, fico numa posição difícil para contestá-los. Tem havido muitas tentativas, no decurso de séculos, para definir o destino e, por vezes, as conclusões diferem. Não sei com certeza se é possível mudar o destino, ou se o próprio destino muda, ou o que poderia significar "mudança", apesar de ter levantado algumas questões exatamente sobre o que é que se "transforma" durante processos como a psicoterapia. Tampouco sei se algumas pessoas são mais predestinadas que outras, embora certamente pareça ser assim num nível exterior concreto. Entretanto, em algumas ocasiões, é a formulação do problema que abre as portas, em vez da busca determinada por uma resposta inequívoca.

Perguntas que lidam com questões tão insondáveis copio a liberdade humana ou a falta dela, contudo, têm tendência, se consideradas seriamente, a suscitar no questionador uma ambivalência um tanto desconfortável. É como se não fosse seguro perguntar, mas apenas ignorar ou ridicularizar, pois, ao se indagar, no ato de compor a questão, arranca-se a pele protetora de um profundo e misterioso dilema humano e de uma fonte de sofrimento. Uma vez consciente desse dilema, se nenhuma resposta imediata estiver prestes a surgir, a pessoa fica suspensa entre os opostos como alguém que está crucificado. Esse problema traduz-se em termos humanos numa questão falsamente simples: se alguém é fortemente pressionado por impulsos ou desejos que irrompem da psique, ele os expressa no corpo pelo fato de serem predeterminados, ou procura reprimi-los e controlá-los? Ou pode haver uma terceira possibilidade, que admita a inevitabilidade da experiência, mas também ponha à prova o ser humano total em termos de suas escolhas morais? A questão não é fácil, e qualquer psicoterapeuta sabe disso, pois, às vezes, uma pessoa não pode ajudar a si mesma e, outras vezes, pode; algumas vezes, ela não precisa se ajudar e, outras vezes, ela deve. Esse verdadeiro dilema permeia, de fato, a história da traição e da crucificação de Cristo. Esse tipo de dúvida pode aprofundar e enriquecer, mas pode também paralisar. Aprofundamento e superação não são para todos, do contrário dificilmente nós, enquanto um ser coletivo, evitaríamos, como tão claramente fazemos, a questão. A dúvida priva-nos

da certeza, quer esteja do lado da moralidade ou da amoralidade, do destino ou da liberdade. E quantos de nós teriam a coragem de Sócrates em admitir que a raiz de toda a sabedoria reside no fato de saber que nada sabemos?

O segundo propósito deste livro é uma tentativa de compreender a repulsa e até mesmo a ira que o assunto destino suscita, de modo particular, nos meus colegas estudantes e profissionais de astrologia e nos meus colegas analistas. Não existe nenhuma profissão moderna que aproxime mais uma pessoa da experiência do destino do que a prática da horoscopia, exceto a do psicoterapeuta. A discussão a respeito de "potencialidades" e de "tendências" é bastante válida para o sujeito cuja vida não tenha sido violentamente tocada pelo destino: a pessoa saudável, física e psicologicamente, que se acha "numa encruzilhada", deseja orientação vocacional, está "à procura de um rumo" ou quer "aprender mais" sobre si mesma. Mas não são esses os únicos clientes que vêm em busca de aconselhamento astrológico. Se fossem, nosso trabalho sempre seria prazeroso e nunca nos desafiaria. Todavia, existem pessoas atormentadas por algum *daimon* ou compulsão íntimos, debatendo-se em vão contra o que experienciam como seu próprio mal; que estão quase irreconhecivelmente desfiguradas por experiências que não escolheram na sua infância; que se encontram dilaceradas por alguma experiência transcendental ou transpessoal que exige um sacrifício de alguma coisa que mais prezam; que estão fisicamente mutiladas devido a acidente, doença ou defeito congênito; que sofreram perdas injustificadas e separações imerecidas, ou foram colhidas por horrores coletivos como a Alemanha nazista, ou a Tchecoslováquia e a Irlanda do Norte do pós-guerra; que foram estupradas, roubadas, pilhadas e usadas; que ficaram, estão ou vão ficar loucas porque suas famílias insanas as escolheram como portadoras de sintomas ou bodes expiatórios. Tampouco a pessoa bem-dotada está livre de sofrimento, pois a posse de talentos e de inteligência e até mesmo o que chamamos de "sorte" marca um ser humano tão certamente como o faz uma deformidade, e o afasta da comunidade num isolamento espiritual que exige também uma determinada resposta. Não acho fácil propor expressões plausíveis quando me vejo diante desse catálogo de vicissitudes humanas aparentemente indignas. Certa vez, durante um seminário, uma mulher com voz de fátua convicção disse-me que as pessoas nunca recebem mais do que podem suportar. Uma breve visita, porém, a um hospital ou a uma clínica psiquiátrica tende a mostrar o absurdo desse tipo de declaração. Não sou capaz de discorrer com fluência sobre o karma como fazem muitos astrólogos e chegar à conclusão de que ele tem algo a ver com suas prévias encarnações; logo, não se preocupe, simplesmente feche os olhos e pense na Inglaterra; tampouco sou capaz de concluir que a pessoa "fez" com que essas coisas acontecessem a partir do que era meramente uma "tendência", pelo fato de ser uma pessoa mais estúpida ou mais culpada do que as outras. Tenho honestamente que admitir que não sei e, por não saber, estou empenhada numa tentativa de compreender mais a fundo a natureza do que quer que "isso" seja. Como acontece com a maior parte das pessoas, a presença de extremo sofrimento suscita em mim a pergunta sobre o significado. Para mim, no entanto, os caminhos da perversidade e catástrofe humanas não levam, no final das contas, aos confortadores braços paternos de um bondoso Deus judeu-cristão a quem não devemos questionar; nem sequer levam

à indicação da sociedade como fonte de todos os males. Antes, porém, levam ao destino.

Sou de opinião de que todas as vocações ou "tendências" genuínas têm, acima delas, uma figura arquetípica ou mítica, vaga e muitas vezes invisível, fascinante e irresistível em si mesma, ainda que inconsciente, que, de algum modo, é o símbolo do significado interior ou da "retidão" dessa vocação. Ou poder-se-ia expressá-la de outra maneira: a imaginação humana formula essas figuras espontaneamente como um meio de dar voz a alguma misteriosa santidade ou numinosidade a respeito de uma função particular na vida que o intelecto não consegue entender por inteiro. Jung pensava que essas figuras eram imagens arquetípicas, percepções de padrões humanos inatos ou processos de ordenação cuja origem permanece um mistério e cuja experiência transmite um sentido do divino. Tomemos o médico como exemplo. Podemos saber perfeitamente que ele é falível, que tem o hábito de não atender ao telefone nos fins de semana, que seus honorários profissionais são caros demais. (se ele mantém uma clínica particular), que ele também fica doente, que não pode curar os casos incuráveis. Todavia, quando uma doença nos apavora, não é ao médico particular que bradamos, e sim ao Xamã, ao Pajé, ao coxo Asclépio que recebeu sua sabedoria dos deuses e é ele próprio um deus e o santo sacerdote que atende aos apelos desesperados do corpo e da alma. Jung e outros sugeriram que o Curandeiro é uma figura subjetiva, que pode ser encontrado nos sonhos e que expressa esse profundo mistério da capacidade do corpo e da psique de se curar. Nós, porém, não raciocinamos em termos de figuras arquetípicas subjetivas; estendemos a mão para o telefone e chamamos o médico. O playboy um tanto insensível, que há pouco acabou de se formar em medicina, e está às voltas com um casamento desastroso, filhos negligenciados e uma grande quantidade de problemas sexuais, financeiros e emocionais, não é o rosto que vemos na sala de consultas; o que vemos, em vez dele, é alguma coisa brilhante, poderosa, capaz de infundir esperanças apesar da desesperança, que oferece uma serena aceitação diante até mesmo da morte iminente.

O médico mais sensível também sabe sobre esse Doutor, e está bem consciente de que a cura, em muitos casos, depende de que a imagem subjetiva seja cristalizada; pois, se não o for, o paciente não melhorará, apesar das habilidades técnicas e do conhecimento do profissional. O médico interior e o médico exterior trabalham assim de mãos dadas, embora freqüentemente ninguém, na relação médico-paciente, seja o mais sábio. Se não colocássemos essa confiança de inspiração divina ou arquetípica em nossos profissionais médicos, talvez jamais os visitássemos, a não ser nos casos de fraturas ósseas e pequenas contusões da vida cotidiana. E o próprio médico? É de se supor que ele obtenha uma considerável recompensa financeira na América e na Inglaterra, se conseguir adquirir uma prática oriental em Harley Street; e também o status que suas referências propiciam, um lugar na comunidade e uma sensação de segurança no "círculo" de seus colegas. Mas tanto os padrões morais como os técnicos da profissão médica têm um grau altíssimo de exigência, e não há nenhum prazer em lidar todos os dias com tecidos necrosados, desintegração física e morte, isso sem mencionar o que o Príncipe de Gales, em seu discurso à Associação Médica Britânica, referiu como

”o espírito afetado que surge... com sua alma doente disfarçada de enfermidade física”. Que justificação pode o médico oferecer à sua própria alma, quando ele finalmente tiver que se defrontar com ela, se não existir um Outrem bruxuleante por detrás de suas muitas vezes genuína, mas freqüentemente insuficiente dedicação e desejo de ser útil, quer a chame de compaixão, integridade, serviço ou necessidade de viver uma vida plena de sentido?

A psicologia analítica fala com razão dos perigos de identificação com um arquétipo. O médico não é o Médico e está em melhor situação para lembrar-se disso, a fim de não correr o risco de arrogância e mesmo de psicose potencial se a imagem divina subjugar a sensação do ego consciente de falibilidade e de limitação humanas. Essas figuras arquetípicas, porém, mesmo quando abordadas com consciência e humildade, ainda assim pedem uma oferenda de seus filhos. Comer do fruto dos deuses exige uma compensação, que aqueles que prestam "serviços", em vez de serem inspirados por uma vocação, não precisam dar. Talvez seja a sensação disso que forme a lógica interna do juramento de Hipócrates na medicina. Esse ato de retribuir algo ao ser divino — o ato de reconhecer a existência de algo sagrado do qual se é uma espécie de recipiente — diferencia a vocação do trabalho, ou diferencia a percepção da pessoa a respeito do seu trabalho. O nervosismo experimentado em círculos esotéricos com relação à cobrança de dinheiro pela elaboração de horóscopos ou "orientação espiritual" constitui uma intuição válida, se bem que às vezes totalmente mal empregada, de que em alguma parte Alguém deve alguma coisa. E que figura se encontra por trás do astrólogo, se não o destino?

A forma acabada de nosso destino, a linha traçada em torno dele. É a tarefa que os deuses nos reservam e a parcela de glória que eles nos concedem; os limites que não devemos ultrapassar, e nosso termo fixado. Moira é tudo isso.⁶

Nem todo o conhecimento científico do mundo poderá apagar o que tem existido desde o princípio e que é mais antigo que o mais antigo dos deuses. A ciência também contém uma experiência mítica que exerce um poder numinoso; do contrário, nós astrólogos não ficaríamos tão intimidados por ela, nem a comunidade científica tão disposta a utilizar a palavra como se fosse uma verdade religiosa, cujas dúvidas a respeito constituem uma heresia. E, paradoxalmente, as experiências míticas da astrologia e da ciência estão unidas numa mesma figura:

Esse genuíno sentimento religioso, tal como se encontra em Homero, diz menos respeito aos deuses do Olimpo do que a entidades mais irrealis como a Sorte, a Necessidade ou o Destino, às quais até mesmo Zeus está sujeito. A Sorte exerceu uma grande influência em todo o pensamento grego, e talvez seja uma das fontes de onde a ciência tirou a crença na lei natural.⁷

Com efeito, trata-se da mesma experiência mítica, embora vestida com uma roupagem nova. Às vezes me pergunto se os astrólogos, quando não conseguem confiar em mais nada a não ser em estatísticas, não estarão, em parte, simplesmente

trocando a roupa da Velha Rameira a fim de aplacar suas próprias inseguranças, tanto como oferecendo contribuições valiosas para uma compreensão racional de seu próprio estudo. Entretanto, por mais inquietante que possa ser confrontar essas formas antigas, ao mesmo tempo em que ainda preservamos nosso conhecimento atual, conseguido com dificuldade, do universo físico e das maiores alternativas humanas dentro dele, não obstante é este mesmo conflito que acredito ser a sorte do astrólogo moderno, se assim lhe convier: o conflito com o qual ele deve lutar, cheio de ambigüidade e, no entanto, sempre com a pergunta de Parsifal em seus lábios. A quem, na verdade, servimos? Ao destino ou à liberdade? O astrólogo que aceita a fatalidade com passividade e o seu oposto, o racionalista presunçoso que só examina a causa e o efeito mecânicos e fala em "conhecer a fundo" o mapa astral, talvez estejam entendendo mal — e, mais cedo ou mais tarde, poderão trair os deuses, o cliente e a si mesmos.

Portanto, para resumir, o segundo propósito desta investigação consiste em dar uma perspectiva mais nítida àquela figura com a qual devemos lidar e que parece provocar esse tipo de ambigüidade: o aspecto antigo do destino, do qual nos apartamos. Para facilitar este esforço, achei útil recuar a um passado bem remoto a fim de reconstituir as imagens e histórias do homem sobre o destino. Boa parte dessa reconstituição parece irrelevante para o astrólogo moderno. Todavia os mitos, como Jung arduamente esforçou-se para assinalar, constituem os padrões perenes da alma humana. Eles estão vivos e atuantes em nossos sonhos, fantasias, afeições e rancores, na tecedura de nossas vidas; e não menos na sala de consultas do astrólogo mais sensível, onde o profissional com alguma receptividade para a psique invisível e silenciosa pode sentir a presença das formas vestidas de branco de Cloto, a Fiandeira, Láquesis, a Medidora, e Átropos, a Cortadeira, pairando vagamente sobre a roda do zodíaco.

O terceiro propósito deste livro consiste, em certo sentido, em evocar, em invocar. Com isso quero dizer que qualquer símbolo, astrológico ou não, não pode ser completamente apreendido pelo intelecto apenas. Existem caminhos ardilosos, mas igualmente fecundos, através dos quais se poderia abordar o "mapa dos astros" e, por conseguinte, sinto-me tentada a tratar de alguns dos nossos símbolos astrológicos não só conceitualmente, senão também, o que talvez seja mais importante, na linguagem da qual eles costumam se revestir. Daí que, para a indubitável frustração do leitor mais pragmático, as interpretações astrológicas se achem irremediavelmente contidas neste livro, mescladas com contos de fadas, mitos, sonhos e outras excentricidades, juntamente com referências mais sérias provindas da filosofia e da psicologia. Acho difícil resumir um signo ou um planeta com uma palavra-chave, e ainda mais difícil lidar com eles como um dado estatístico. De que forma é possível mensurar os lugares onde o destino se introduz numa vida? Contudo, incluí material de pacientes a fim de fornecer base para os vãos da fantasia, na esperança de demonstrar as manobras do destino nas vidas reais das pessoas.

Tenho constatado que a sorte é uma palavra tão fluida e enganosa quanto amor. Platão achava que eram a mesma coisa e, vale observar, de passagem, que no antigo idioma norueguês a palavra para designar as Parcas é idêntica à palavra para designar os órgãos sexuais. Novalis escreveu que o destino e a alma são dois

nomes para o mesmo princípio. E visto que a mais antiga imagem humana do destino é a imagem de uma mulher, vamos começar por onde podemos encontrá-la pela primeira vez.

PRIMEIRA PARTE

Moira

I
O Destino e o Feminino

Das Ewig Weibliche zeihet uns inan.
O eterno feminino nos acusa.

Goethe

Ela pode ser encontrada nos lugares velhos, ermos e áridos: charnecas e cumes desmatados e nas entradas de grutas. Nem sempre uma, às vezes, ela é tripla, emergindo da névoa ou envolta nela. Banquo, que, na companhia de Macbeth, deparou-se com ela, exclama:

What are these?
So withered and so wild In their attire,
That look not like th'inhabitants o' the earth,
And yet are on't? Live you? or are you aught
That man may question? You seem to understand me,
By each at once her choppy finger laying
Upon her skinny lips: You should be women,
And yet your beards forbid me to interpret
That you are so.
... You can look into the seeds of time,
*And say which grain will grow and which will not.**

A cortina abre no primeiro ato de *Götterdämmerung*, de Wagner, entre um silêncio e uma calma sombria" e aí, agachadas sobre o penhasco defronte à caverna que representa ao mesmo tempo o útero e o túmulo, a passagem ascendente para a vida e a passagem descendente para a morte, estão as altas figuras femininas envoltas numa roupagem escura, como que encapuçadas:

*Quem são estas? Tão esqueléticas e rústicas em suas vestes / Que não se parecem com habitantes da Terra, / No entanto, será que o foram? Vocês vivem? Ou perceberam / Que o homem fará perguntas? Vocês parecem me entender, / Pois cada uma por sua vez levou o dedo gretado / Aos lábios descarnados; Deveriam ser mulheres, / e, no entanto, suas barbas me impedem de / Considerá-las como tais.... Vocês podem examinar o interior das sementes do tempo, / E dizer qual germinará e qual não. (N. T.)

*Vamos rodopiar e cantar;
Mas onde, onde amarraremos a corda?*

Filhas de Nyx, a deusa da Noite, ou de Erda, a Mãe Terra, elas são chamadas Moiras ou Erínias ou Nornas ou Hécate de três faces, assim como são três em forma e aspecto as três fases lunares. A promissora fase crescente, a fértil cheia e a sinistra fase minguante da Lua representam, na imagem mítica, os três aspectos da mulher: a solteira, a esposa fértil e a anciã estéril. Cloto tece o fio, Láquesis medem e Átropos corta-o, e os próprios deuses estão limitados por essas três, por terem sido originados da incipiente Mãe Noite, antes que Zeus e Apoio trouxessem dos céus a revelação do eterno e incorruptível espírito humano.

A roda (do universo) gira sobre os joelhos da Necessidade e, na parte superior de cada círculo, se encontra uma sereia, que gira com eles, entoando uma só nota ou tom. As oito juntas formam um todo harmônico e, em volta, em intervalos iguais, há um outro grupo de três sereias, cada qual sentada no seu trono: do as Parcas, filhas da Necessidade, que vestem túnicas brancas e usam uma coroa na cabeça.⁸

A intrincada visão geométrica do cosmo, de Platão, com a Necessidade e as Parcas entronizadas no centro que tudo governa, encontra eco no *Prometeu acorrentado*, de Esquilo:

Coro: Quem dirige o leme, então, da Necessidade?

Prometeu: As Parcas de três aspectos, as inesquecíveis Erínias. Coro:

Será Zeus, então, mais fraco em seu poderio do que elas? Prometeu:

Nem sequer Ele pode escapar àquilo que foi decretado.⁹

E o filósofo Heráclito, nos *Fragmentos cósmicos*, declara com menos ambigüidade do que o habitual:

O Sol não ultrapassará seus limites; se o fizer as Erínias, servas da Justiça, o desmascararão.¹⁰

O pensamento grego, segundo diz Russell, está repleto da simbologia do destino. É claro que se pode argumentar que esses sentimentos são expressões de um mundo ou de unia visão de mundo arcaicos, mortos há dois mil anos atrás e prolongados durante a época medieval devido à ignorância com relação ao universo natural, e sobre isso estamos mais bem informados hoje em dia. Num certo sentido, isto é verdade, no entanto uma das mais importantes e inquietantes percepções da psicologia profunda é a revelação de que a consciência mítica e indiferenciada de nossos ancestrais, que animava o mundo natural com imagens de deuses e *daimones*, não faz parte apenas da história cronológica. Ela pertence também à psique do homem moderno e representa uma camada que, embora estratificada pela consciência crescente e pelo hiper-racionalismo dos últimos dois séculos, continua tão forte quanto era há dois milênios ou mesmo há dez milênios atrás. Talvez ela seja até mais forte agora porque sua única voz é o desprezado mundo

de sonhos da infinda, e os incubos e os súcubos da noite que são mais bem esquecidos na clara luz da manhã. Sabemos, a partir de nosso muito mais sofisticado conhecimento do universo físico, que o sol não é um ser "masculino" e que não do as sensacionais Erínias em forma de serpentes entrançadas que o impedem de ultrapassar seus limites. Pelo menos, o ego sabe disso; o que quer dizer que esta é a única maneira de examiná-lo.

A linguagem do mito é ainda, e sempre foi, a expressão íntima da inarticulada alma humana; e se se aprende a ouvi-la com o coração, então não chega a surpreender que Esquilo, Platão e Heráclito sejam vozes eternas e não meras relíquias de uma era morta e primitiva. Talvez agora, mais do que nunca, seja importante ouvir essas visões poéticas da natureza ordenada do universo, pois temos perigosamente nos distanciando delas. A percepção mítica de um universo governado por uma moral imutável, tanto como pela lei física, está viva e atuante no inconsciente, e assim também estão as Erínias, as "servas da Justiça". O destino, nos textos gregos, é retratado em imagens que nos são pertinentes, do ponto de vista psicológico. Na imaginação arcaica, ele é, naturalmente, aquilo que escreve a lei irrevogável do futuro: começos e fins que são os produtos inevitáveis dessas fontes. Esse processo implica um padrão regular de crescimento, em vez de capricho ou ocorrência fortuitos. São só os limites da consciência humana que nos impedem de perceber todas as implicações de um começo, de maneira que somos incapazes de prever o inevitável fim. O texto gnóstico do século II, o *Corpus Hermeticum*, expressa isso com bela concisão:

E, portanto, ambas, a Sorte e a Necessidade, estão atadas uma à outra, por inseparável coesão. A primeira delas, Heimarmênê gera o começo de todas as coisas. A Necessidade compele ao fim de tudo que depende desses princípios. Na esteira de ambas vem a Ordem, que é sua tecedura e trama, e a organização do Tempo para a perfeição de todas as coisas. Pois nada existe sem a fusão íntima da Ordem.¹¹

Estamos tratando aqui de uma espécie muito particular de destino, que na realidade não diz respeito à predestinação, no sentido comum. Esse destino, que os gregos chamavam Moira, é o "servo da justiça": o que contrabalança ou pune os desvios com relação às leis do desenvolvimento natural. Esse destino pune o transgressor dos limites fixados pela Necessidade.

Os deuses têm suas províncias por concessão impessoal de Láquesis ou Moira. O mundo, de fato, era desde os primeiros tempos considerado como o reino do Destino e da Lei. Necessidade e Justiça — "necessidade" e "dever" — encontram-se juntas nesta noção primária de Ordem — uma noção que para a representação religiosa grega é elementar e enigmática.¹²

Para apreciarmos o gosto peculiar de Moira, não podemos prescindir da concepção popular de acontecimentos predeterminados que não tem sentido, mas que nos ocorrem de imprevisto. A fórmula famosa "você vai encontrar um estranho alto e moreno", da leitora da sorte do salão de chá ou da seção de astrologia do jornal, não tem muita substância no sentido profundo de uma ordem moral universal

que os gregos entendiam por destino. Essa ordem moral difere muito do significado judeu-cristão de bem e mal, pois não se ocupa dos triviais crimes do ser humano contra seus semelhantes. Para a mente grega — e, quem sabe, para alguma camada profunda e esquecida da nossa própria mente — o pior pecado que o homem poderia cometer não era qualquer um daqueles incluídos mais tarde no catálogo dos vícios mortais do cristianismo. Era, sim, *hubris*, uma palavra que sugere algo que contém arrogância, vigor, nobreza, esforço heróico, falta de humildade perante os deuses e a inevitabilidade de um fim trágico.

Antes que a filosofia surgisse, os gregos tinham uma teoria ou opinião a respeito do universo, que pode ser chamada de religiosa ou ética. De acordo com essa teoria, cada pessoa e cada coisa possuía seu lugar ou função designados. Isso não depende da sanção de Zeus, pois ele próprio está sujeito ao mesmo tipo de lei que governa os outros. A teoria está relacionada com a idéia de destino ou necessidade. Ela se aplica, com ênfase, aos corpos celestes. Mas onde há vigor, há a tendência de ultrapassar os limites exatos; daí surge a disputa. Alguma espécie de impessoal e superolímpica lei pune *hubris* e restaura a ordem eterna que o transgressor buscava vilar.¹³

Quando uma pessoa é atormentada por *hubris*, ela tenta ultrapassar os limites do destino fixados para si (que é, implicitamente, o destino representado pelas posições dos corpos celestes no nascimento, visto que a mesma lei impessoal rege tanto o micro quanto o macrocosmos). Assim, ela se esforça para tornar-se divina; e nem mesmo os deuses têm permissão para transgredir a lei natural. A essência da tragédia grega reside no dilema de *hubris*, que é, ao mesmo tempo, o grande dom do ser humano e seu grande crime. Pois, ao opor-se aos seus limites predestinados, ela dá expressão a um destino heróico, ainda que pela própria natureza dessa tentativa heróica ela seja castigada pelas Erínias.

Os temas da lei natural e da transgressão dos limites; impostos pelo destino poderiam encher, e realmente enchem, volumes de drama, poesia e ficção, sem falar da filosofia. Parece que nós, criaturas humanas curiosas, sempre estivemos preocupados com a difícil questão de saber qual o nosso papel no cosmo: somos predestinados, ou somos livres? Ou estamos fadados a procurar por nossa liberdade, apenas para fracassar? Será melhor, como fizeram Édipo e Prometeu, lutar até os limites extremos de que se é capaz, mesmo que isso provoque um fim trágico, ou será mais sensato viver moderadamente, portar-se com humildade diante dos deuses e morrer com tranqüilidade em seu próprio leito, sem jamais ter provado a glória ou o terror dessa imperdoável transgressão? É evidente que poderia me estender por milhares de páginas sobre este tema, que é o que a maioria dos filósofos fazem. Já que não sou filósofa, em vez disso, vou concentrar minha atenção sobre o fato interessante de que as "servas da Justiça", quer se as encontre na mitologia ou na poesia, são sempre do gênero feminino.

Talvez uma das razões por que existe uma inevitável associação entre o destino e o feminino seja a inexorável experiência de nossos corpos mortais. O ventre que nos gera, e a mãe a quem abrimos nossos olhos pela primeira vez, é, no princípio, o Inundo inteiro e o único árbitro da vida e da morte. Enquanto experiência psíquica direta, o pai é, na melhor das hipóteses, uma conjectura, mas a mãe é o fato da vida primário e mais real. Nossos corpos estão em harmonia

com os corpos de nossas mães durante a gestação que precede qualquer individualidade independente. Se não temos memória do estado intra-uterino e das contorções do parto, nossos corpos tem, e também a psique inconsciente. Tudo que se relaciona com o corpo pertence, pois, ao mundo da mãe — nossa hereditariedade, nossas experiências de dor e prazer físicos e até mesmo nossa morte. Assim como não conseguimos nos lembrar do tempo em que ainda não existíamos, simples ovo no ovário materno, também não conseguimos imaginar o tempo em que deixaremos de existir, como se o lugar de saída e o lugar de regresso fossem o mesmo. O mito sempre ligou o feminino com a terra, com a carne e com os processos de nascimento e de morte. O corpo em que uma pessoa vive seu período de tempo devido provém do corpo da mãe, e essas características e limitações inerentes a nossa herança física são experienciadas como destino: o que está escrito nos hieróglifos do código genético que se estende até eras atrás. O legado físico dos antepassados constitui o destino do corpo e, embora a cirurgia plástica possa modificar o formato de um nariz ou corrigir uma arcada dentária, mesmo assim nos contam que vamos herdar as doenças de nossos pais, suas predisposições à longevidade ou à ausência dela, suas alergias, seus apetites, seus rostos e suas estruturas ósseas.

Assim, o destino é imaginado como feminino porquanto é experienciado no corpo, e as predisposições inerentes ao corpo não podem ser alteradas malgrado a consciência que habita a carne — assim como Zeus não pode, em última análise, alterar Moira. Os impulsos instintivos de uma espécie constituem também o domínio de Moira, pois estes são também inerentes à matéria e, ainda que não sejam exclusivos de uma ou de outra família, são universais no que diz respeito ao gênero humano. É como se não pudéssemos infringir aquilo que em nós representa a natureza e que pertence à espécie — por mais que o reprimamos ou o alimentemos com cultura. Nesse sentido Freud, malgrado ele próprio, aparece como um dos grandes animadores do destino enquanto instinto, porque foi compelido a reconhecer a força dos instintos como modeladora do destino humano. O instinto de procriar, diferenciado daquilo a que chamamos de amor, existe em todas as espécies vivas e o fato de que opera como uma força do destino pode ser observado nos encontros sexuais compulsivos e nas suas conseqüências que virtualmente pontuam toda vida humana. Não é de se estranhar que os povos nórdicos igualassem o destino aos órgãos genitais. Da mesma forma, o instinto de agressão existe em todos nós e a história da guerra, que eclode, não obstante nossas melhores intenções, é testemunha da "fatalidade" desse instinto.

A alma também é representada como feminina, e a grande obra poética de Dante em louvor à sua Beatriz morta ergue-se como um dos nossos mais impressionantes testemunhos do poder do feminino em afastar o homem da vida mundana e alçá-lo às alturas e profundezas de seu ser interior. Jung tem muita coisa a dizer sobre a alma como *anima*, a parte feminina subjetiva que pode levar um homem tanto aos tormentos do inferno como aos êxtases do céu, acendendo o fogo de sua vida criativa e individual. Aqui, o destino parece provir de dentro, através das paixões, da imaginação e da incurável aspiração mística. Não importa se é uma mulher de verdade que desempenha esta função na vida de um homem ou não, apesar disso a alma irá empurrá-la na direção do destino dele. Essa alma estabelece limites, também; ela não haverá de permitir que ele voe alto demais

na direção dos reinos remotos do intelecto e do espírito, mas o fará cair numa armadilha através das paixões sensuais ou mesmo de uma doença física. No mito são as deusas, não os deuses, que regem as doenças e a decomposição orgânica — tal como Kali rege a varíola — e, no final, elas fazem voltar até mesmo o mais espiritualizado dos homens ao pó de onde ele veio. Essas associações impropriamente cobertas talvez sejam alguns dos fios que ligam a imagem mítica do destino ao feminino. Por mais que desejemos compreender esta face tríplice do destino, ela é concebida como uma presença eterna, que faz girar os ciclos do tempo, o manto do nascimento, o véu das núpcias, a mortalha, os tecidos do corpo e as pedras da terra, o círculo celeste e a constante passagem dos planetas através da eterna roda do zodíaco.

Além disso, encontramos a face feminina do destino nos ingênuos contos de fada infantis. A palavra "fada" vem do latim *fata* ou *fatum*, que no francês acabou sendo traduzida por *fée*, encantamento. Por conseguinte, o destino não só pune a transgressão da lei natural, ele também encanta. Ele fia um feitiço, tece unia teia tal como a aranha que representa um dos símbolos mais antigos, transforma um príncipe em sapo e faz a Bela Adormecida cair num sono que dura cem anos.

Há muito tempo atrás havia um rei e uma rainha que diziam todo dia: "Ah, se ao menos tivéssemos um filho! ", mas nunca o tiveram. Aconteceu, porém, que certa vez, quando a Rainha estava se banhando, um sapo pulou da água para a terra e disse a ela: "Seu desejo será atendido; antes que se passe um ano, você terá uma filha."

O que o sapo disse se realizou, e a rainha teve uma *menininha* tão bonita que o rei não conseguiu se conter de alegria e decidiu dar uma grande festa. Convidou não só seus parentes, amigos e conhecidos, como também as feiticeiras, a fim de que elas pudessem ser bondosas e bem dispostas para com a criança. Havia treze delas em seu reino, mas, como ele só tivesse doze pratos de ouro para servir-lhes comida neles, uma delas teve de ficar em casa.

A festa foi realizada com todas as pompas e, quando terminou, as feiticeiras conferiram seus dotes mágicos ao bebê: uma deu-lhe sua virtude, outra sua beleza, uma terceira riquezas e assim por diante com relação a tudo que alguém possa desejar no mundo.

Depois que onze delas já tinham feito suas promessas, eis que de repente entra a décima terceira. Ela desejava se vingar por não ter sido convidada e, sem cumprimentar ou sequer olhar para alguém, declarou em voz alta: "A filha do rei, quando fizer quinze anos, irá se picar num fuso e cairá morta."¹⁴

Quem, portanto, são essas "feiticeiras", graciosas e generosas se reconhecidas, mas vingativas e cruéis se ignoradas? "A Bela Adormecida" é um conto de fadas e, por conseguinte, uma história sobre o destino. Não posso deixar de associar os números doze e treze com algumas coisas muito antigas, pois que existem em um ano treze luas e doze solares; e o rei, nesse conto de fadas,

por ser um rei e não uma rainha, optou por colocar a medida solar acima da lunar. Dessa forma, seu próprio problema com o feminino encontra a punição na sua filha, e as Erínias, disfarçadas na forma das treze feiticeiras, clamam por vingança.

Parece ser o destino, e não o acaso, que efetua as estranhas transformações nos contos de fada, e é o destino que acima de todas as outras coisas se ressentido por não ser reconhecido ou por ser tratado com humilhação. Tampouco é esse ressentimento jamais questionado numa base moral dentro do conto. Nenhum personagem da história jamais diz: "Mas não é razoável ou humanitário que a fada má lance uma maldição sobre a Bela Adormecida." As palavras mágicas, os feitiços e as maldições pronunciadas pelas fadas são parte da vida retratada no conto; o herói ou a heroína pode tentar transformar ou superá-los, porém nunca são contestados do ponto de vista ético, já que não são *errados*. São *naturais*, isto é, são reflexos de uma lei natural em ação. Ademais, nunca deparamos com um bruxo malvado; vez por outra, um anão malvado pode ser encontrado, mas quase sempre ele está a serviço de uma bruxa, da mesma forma como outrora os Kabiros serviam à Grande Mãe.

Os irmãos Grimm coletaram seus contos de fada, originalmente, da Europa Ocidental e dos povos de língua germânica, em particular. As Feiticeiras que fazem suas aparições nessas histórias são parentes próximas das Parcas tectônicas, as deusas do destino, que habitam ao lado da fonte do destino, abaixo das raízes de Yggdrasil, a Árvore do Mundo, e a água todos os dias para conservar-lhe a vida. Nos tempos medievais, depois que os velhos deuses teutônicos foram desalojados pelo poder da Igreja, persistia a lenda de que, em todo o Noroeste da Europa, havia um grupo de mulheres sobrenaturais que podiam determinar o destino de uma criança recém-nascida. Eram chamadas Parcae em latim e, em geral, eram três; inclusive as mulheres tinham por hábito reservar três lugares à mesa para elas. Algumas vezes chamavam-nas de deusas do destino.¹⁵ A conclusão que disso tiramos é que alguma coisa *além* da hereditariedade desempenha um papel na formação de uma vida. Não é a mãe, mas a Mãe e suas emissárias, que conferem dotes e maldições à criança recém-nascida.

Portanto, são uma espécie de destino essas bruxas e fadas que nos oferecem uma besta-fera que é potencialmente um gracioso príncipe, ou uma princesa adormecida escondida atrás de uma cortina de espinhos que necessita de tempo e de um beijo para acordar; e teríamos permissão para transformar essas coisas somente se encontrássemos a fórmula mágica para remover o feitiço. A sabedoria dos contos de fada, porém, não apresenta razões sociológicas para explicar por que as coisas precisam ser assim, em primeiro lugar. Era magia, e é o nosso destino. Idries Shah, no comentário à sua coleção de *World Tales [Contos populares]*, escreve:

Assim, o Destino e a magia estão sempre associados nos contos tradicionais; e o tipo de "ficção" encontrado nos modernos livros de histórias ocidentais, geralmente para crianças, é apenas uma forma desse Destino tornado concreto.¹⁶

Os procedimentos necessários para a superação ou a transformação dos feitiços

e das maldições das histórias de fadas são tarefas altamente ritualizadas. Somente a vontade não pode fazer nada. Até mesmo onde a inteligência serve como um meio de abordagem, ela deve estar associada ao ritmo do tempo e ao auxílio de fatores estranhos e muitas vezes mágicos. Frequentemente, o socorro vem dessas mesmas ignóbeis fadas, ou de seus lacaios, que lançaram o feitiço antes. Ora é o coração que opera a transformação, assim como o amor da Bela transforma a sua Fera; ora é a passagem do tempo, como é o caso da Bela Adormecida. Outras vezes, o herói deve fazer, desesperadamente, uma longa e cansativa viagem até o fim do mundo, cercado pelas trevas e pelo desespero, a fim de encontrar o objeto milagroso que irá salvar o reino. No entanto, a solução do feitiço ou maldição depende de outras faculdades que não as racionais, e nenhuma solução pode dar certo sem o secreto conluio das fadas ou das próprias parcas. Isso sugere um outro mistério sobre nossa face feminina do destino; embora ela possa se contrapor à omissão ou punir e transgressão da lei natural, ainda assim age nas trevas ocultas para entrar em contato com a vontade alienada do homem, antes que o rompimento aumente demais e se torne premente um desfecho trágico. Os temas dos contos de fadas são mais modestos e aparentemente mais mundanos do que as gloriosas representações teatrais das grandes sagas míticas populares. Todavia, em alguns aspectos, eles têm mais importância para nós por serem mais acessíveis, exuberantes, imaturos e mais próximos da vida comum. E eles sugerem, no ponto onde o mito falha, que seria possível construir uma ponte entre o homem e Moira, se respeito, esforço e ritos propiciatórios adequados forem oferecidos.¹⁷

Inúmeros exploradores de caminhos inexplorados da psique tentaram entender o fato curioso de que o ser humano, esbarrando de leve nos profundos impulsos subjetivos que representam a sua necessidade, dá ao seu destino um nome e um rosto de mulher. O mais importante desses investigadores é Jung, que escreveu longamente, em vários volumes de suas *Obras reunidas*, sobre o destino tal como ele o sentiu na sua própria vida e nas vidas de seus pacientes. As vezes, ele se refere ao instinto como uma força compulsiva e dá a impressão de equipará-lo a uma espécie de destino biológico ou natural: o vôo do ganso selvagem é o seu destino, da mesma forma que a erupção da semente em muda, rebento, folha, flor e fruto. Assim também é o "instinto" de individuação, que leva um homem a tornar-se ele mesmo. Destino, natureza e finalidade são aqui uma só e mesma coisa. Meu destino é o que sou, e o que sou é também a razão por que sou e aquilo que me acontece.

Jung também escreveu sobre o espectro do instinto e do arquétipo, o primeiro como o determinante do comportamento físico ou natural, o último como o determinante da percepção e da experiência psíquicas. Ou, expressando de outra forma, a imagem arquetípica — tal como a imagem das três Parcas — representa a experiência ou percepção psíquica do esquema instintivo, encarnado em figuras que são numinosas ou divinas.

Os instintos são equivalentes muito próximos dos arquétipos — tão próximos, na verdade, que existe uma boa razão para supor que os arquétipos sejam as imagens inconscientes dos próprios instintos; noutras palavras, eles são padrões do comportamento instintivo.¹⁸

Instinto e arquétipo são, portanto, dois pólos do mesmo dinamismo. O instinto acha-se incluído em, ou é a força ativa que se expressa através de todo movimento de cada célula de nossos organismos físicos: a vontade da natureza que governa o desenvolvimento ordenado e inteligente e a perpetuação da vida. Mas o arquétipo, revestido em sua imagem arquetípica, é a experiência psíquica desse instinto, a força ativa que se expressa através de todo movimento esboçado por cada fantasia, por cada sentimento e por cada vôo da alma. Essa imagem que é mais antiga que o mais antigo dos deuses, a face primordial de Moira, é a percepção psíquica da lei imutável, inerente à vida. Somos aquinhoados com nossa sorte, e nada mais. Jung chegou perto de um mistério que o intelecto tem grande dificuldade em compreender: a união do subjetivo com o objetivo, do corpo e da psique, do indivíduo com o mundo, do fato exterior com a imagem subjetiva. Ele fala do arquétipo, por um lado, como uma modalidade herdada de funcionamento, um padrão inato de comportamento semelhante àquele que podemos observar em todos os reinos da natureza. Mas, por outro lado, ele é alguma coisa mais também.

Este aspecto do arquétipo é o aspecto biológico. . . No entanto, o quadro muda imediatamente quando olhado de dentro, isto é, de dentro do domínio da psique subjetiva. Aqui, o arquétipo se apresenta como numinoso, ou seja, aparece como uma *experiência* de importância fundamental. Sempre que se reveste com os símbolos apropriados, o que nem sempre é o caso, ele coloca a pessoa num estado de possessão, cujas conseqüências podem ser imprevisíveis.¹⁹

São justamente essas "conseqüências imprevisíveis" que parecem se introduzir na vida como acontecimentos predestinados de fora. Eis então a doença da paralisia, o acidente estranhamente acontecido na hora marcada, o sucesso inesperado, a relação amorosa compulsiva, o ínfimo erro que resulta na subversão de todo um sistema de vida. Todavia, tem-se a impressão de que a fonte desse poder não vem de fora, ou melhor, não unicamente de fora; Moira também se encontra no lado de dentro.

Pode-se ler, na obra de Jung, uma relação cada vez mais amplamente formulada entre o destino e o inconsciente.

"Meu destino" significa uma vontade demoníaca com relação precisamente a esse destino — uma vontade que não coincide necessariamente com a minha própria (a vontade do ego). Quando ela é oposta ao ego, é difícil não sentir um certo "poder" nela, seja ele divino ou diabólico. O homem que se submete ao seu destino chama-o de a vontade de Deus; o homem que trava um desesperado e extenuante combate está mais apto a ver o diabo nele.²⁰

Traça-se também uma relação ampliada entre essa "vontade não necessariamente coincidente com a minha própria" e a Individualidade, o arquétipo central da "ordem" que se situa no âmago do desenvolvimento individual. Destino, natureza, matéria, mundo, corpo e inconsciente — são esses os fios entrelaçados que se tecem no tear de Moira, que rege o reino da matéria, da essência e dos impulsos

instintivos da psique inconsciente, da qual o ego é um produto da nossa época.

A raiz indo-européia *mer, mor*, significa "morrer". Dela também provém os termos *mors*, em latim, e *moros* ("sorte"), em grego e, possivelmente, Moira, a deusa do destino. As Nornas que se reúnem sob o pó do mundo são personificações familiares do destino, haja vista Cloto, Láquesis e Átropos. Com os celtas, a concepção das Parcas talvez tenha se deslocado para a de *matres e matronae*, que eram consideradas divinas pelos teutos... Não será possível que ela retroceda à grande imagem da mãe primordial, que era outrora nosso único mundo e que depois se tornou o símbolo do mundo todo?²¹

Sobre as representações simbólicas do arquétipo da Mãe, Jung escreve o seguinte:

Todos estes símbolos podem ter um significado positivo e favorável ou um significado negativo e desfavorável... Vemos um aspecto ambivalente nas deusas do destino. . . Símbolos do mal são a bruxa, o dragão (ou qualquer animal voraz ou rastejante, tal como um grande peixe ou uma serpente), o túmulo, o sarcófago, a água profunda, a morte, os pesadelos e os duendes. . . O lugar da transformação mágica e de renascimento, juntamente com o mundo subterrâneo e seus habitantes, são presididos pela Mãe. No aspecto negativo, o arquétipo da Mãe pode conotar algo secreto, oculto, sombrio; o abismo, o mundo dos mortos, qualquer coisa que devore, seduza ou envenene, isso tudo é terrificante e inevitável como o destino.²²

Cito Jung literalmente, pois creio que essas passagens são fundamentais para uma compreensão do sentimento de fatalidade ou de compulsividade irracional que tantas vezes acompanha dificuldades emocionais e os acontecimentos que essas erupções ou abalos precipitam. Depressão, apatia e enfermidade talvez sejam máscaras que as Erínias utilizam. desnecessário dizer que a relação de uma pessoa com a própria mãe está, sem dúvida, significativamente associada ao seu próprio sentimento de escolha e de liberdade subjetiva na vida adulta, pois quanto mais magnânima e sinistra é a mãe, mais tememos o destino. A mãe, porém, é também a Mãe, que aqui parece, em parte, encarnar o inconsciente em seu disfarce de "origens", "útero" ou "profundidades desconhecidas". Não há resposta para a discussão sobre se é o homem que formula suas imagens psíquicas de deusa, serpente, oceano e sarcófago, devido à sua vaga memória corporal do mar de águas uterinas, do serpeante cordão umbilical que dá a vida e, no entanto, pode estrangular, da escuridão tumular e das contrações do parto, do bem-estar vital que propicia a amamentação no peito da mãe; ou se experimenta prazer ou terror, alívio ou compulsão, desejo ou repulsa, e exagera uma "mera" experiência biológica com imagens divinas devido à figura arquetípica ou numinosa, da qual a experiência biológica é apenas uma manifestação concreta. Este, é claro, o velho dilema espírito-matéria: o que vem primeiro, o ovo ou a galinha? Será que inventamos os deuses porque temos necessidade de investir significado nos caprichos e nas vicissitudes da vida física, ou será que a vida física é vivenciada como intrinsecamente significativa porque os deuses existem? É evidente que não sei responder a es

sa questão. Jung, certamente, em seus esforços para se expressar com clareza e exatidão, do ponto de vista psicológico, a respeito dessas águas não navegadas, procurou ficar no meio-termo: ambos são aspectos de uma realidade e não podem ser separados. Se o instinto é uma extremidade do espectro que abrange também um nível arquetípico ou "espiritual", então o destino não é somente o destino do corpo, mas da alma também. A experiência do poder e da natureza relacionada com a vida e a morte da mãe individual acha-se associada na psique com a numinosidade de Moira, divina criadora de vida e de morte. Talvez tudo o que podemos dizer é que existe um elo.

Vale a pena examinar o que dizem dois outros escritores sobre esses temas. Um deles é Johann Jakob Bachofen, jurista e filósofo social suíço do século passado, cuja abordagem poética do mito faz um agradável contraponto à admiravelmente sutil definição do mito registrada no Concise *Oxford Dictionary*, como "uma história inverídica".

Assim, a atividade da natureza, sua criação e formação engenhosas eram simbolizadas na fiação, no trançado e na tecelagem; todavia, essas tarefas relacionavam-se, ainda de outras maneiras, com a obra de criação telúrica. Na tecedura de dois fios, podia-se perceber o poder duplo da natureza, a interpenetração dos dois princípios sexuais, requisito indispensável para toda geração. O sexual estava ainda mais manifesto na ação do tear. Essa relação psico-erótica também compreende a idéia de fatum e de destino. O fio da morte é tecido na teia de que todo organismo telúrico consiste. A morte é a suprema lei natural, o fatum da vida material, diante da qual os próprios deuses se curvam e sobre a qual não podem pretender ter domínio. Assim, a trama da criação telúrica torna-se a trama do destino; o fio torna-se o mensageiro do destino humano e Eileitíia, a parteira, a boa fiandeira, torna-se a grande Mova que é ainda mais velha do que o próprio Crono. O tear, veículo da suprema lei da criação escrita nos astros, era atribuído às divindades celestes na sua celestial natureza. E, finalmente, essa vida humana e o cosmo inteiro eram vistos como uma grande trama do destino.²³

Excetuando-se sua obsessão pela palavra "telúrico", Bachofen realmente não precisa ser parafraseado, de forma que o citei literalmente. Aqui, em sua intrincada rede de relações, podemos começar a ver o ponto a partir do qual a própria astrologia — Heimarmenê, a "compulsão planetária" ou a lei natural do céu e da terra — é fragmento e parte do corpo celestial da Grande Mãe. Esse é um mito da criação que antecipa Javé do Velho Testamento, pois aqui o original poder criativo no cosmo é a grande deusa Moira. Essa organização harmoniosa das esferas celestiais é o seu desígnio, e o deslumbramento que causa essa extraordinária imagem zomba delicadamente de nosso conceito ordinário de um destino que pode ser lido na borra do café deixado no fundo da xícara. É essa imagem que acho que tocamos e invocamos quando ponderamos sobre a roda do horóscopo, pois essa imagem antiga jaz em nós mesmos. Talvez seja assim que o corpo tenha uma experiência de si mesmo como possuindo uma duração determinada. A imagem de Moira não se apaga quando o intelecto racional sobe a alturas impressionantes. Posto que arcaica, ela simplesmente retorna ao mundo subterrâneo de

onde surgiu há muito tempo atrás e onde a fiação e a tecelagem continuam despercebidas e sem interrupção, apenas para emergir à luz do dia como uma experiência de "meu destino".

Vou citar uma outra passagem de Bachofen, pois iremos ver, mais adiante, sua relevância.

Nas escuras profundezas de ogygianas da terra, elas tecem toda a vida e enviam-na para cima, para a luz do sol; e na morte tudo retorna a elas. Toda a vida salda seu débito para com a natureza, isto é, para com a matéria. Desse modo, as Erínias, assim como a terra à qual pertencem, regem tanto a morte quanto a vida, pois ambas são abarcadas pelo ser material, telúrico. . . No seu outro aspecto, as amáveis Eumênides são as terríveis e cruéis deusas, hostis a toda vida terrestre. Nesse aspecto, elas se comprazem na catástrofe, no sangue e na morte; nesse aspecto, são monstros detestáveis, sanguinários e horrendos, a quem Zeus "declarou proscritos". Nesse aspecto, elas distribuem ao homem sua merecida recompensa.²⁴

Quando as Erínias entram em cena em *Orestéia* a última peça de Ésquilo, é essa face mais sombria que mostram:

*Nossa missão é justa e sanguinária, não somos
jamais enviadas para ferir os inocentes.
Mostre-nos suas mãos. Se estiverem vermelhas,
você dormirá profundamente no seu leito.
Mostre-nos suas mãos. Esquerda. Direita.
Você será poupado se elas estiverem brancas.
Mostre-nos suas mãos. Sabemos que há alguém
cujas mãos estão vermelhas e não ousa mostrá-las.
Para homens iguais a este cujas mãos estão vermelhas,
trazemos o rancor sanguinário dos mortos.
A deusa da vida nos deu estes poderes,
que são nossos, para todo o sempre nossos.
Quando surgimos, os confins estavam demarcados.
Nós e os Olímpicos não temos relações íntimas.
O alimento é oferecido a um dos dois, mas não a ambos.
Não usamos vestes brancas, nem eles usam vestes negras*²⁵

Não tenho nenhuma dúvida de que nós também, neste século, a exemplo de Zeus, os proscrevemos. Desde o início da era cristã nossos deuses têm usado apenas trajes brancos. Contudo, essas coisas permanecem como imagens eternas nas profundezas. Veio-as com tanta frequência nos sonhos de virtualmente todos os pacientes que tenho analisado, que não acho que seja diferente. Na tragédia de Esquilo, elas atormentam Orestes até a loucura pelo assassinio da mãe, apesar de o próprio Apoio exigir essa chacina; e Ésquilo oferece-nos visão muito interessante sobre o modo pelo qual este aspecto retaliativo do destino, que pune o transgressor da lei natural, poderia ser observado no homem moderno.

Mesmo um século após Ésquilo, os homens Já não mais acreditavam naquelas temíveis damas com garras em vez de pés e serpentes em vez de cabelos, asas de abutre e vozes de mocho. Há muito que o mundo ocidental já as deixou para trás. Todavia, uma visita ao hospital psiquiátrico mais perto pode, efetivamente, nos reintroduzir à sua atual manifestação desincorporada. Gostaria de sugerir que a pessoa homem ou mulher, que transgredir com demasiada brutalidade a lei natural de seu próprio ser talvez corra o risco de pagar o preço naquilo que agora conviemos chamar de "doença mental". Não existe nenhuma justiça nisto, pois essas transgressões em geral são feitas inconscientemente, e não se pode culpar a pessoa por aquilo de que ela é ignorante. No entanto, as Erínias não são justas sequer no modo como tratam Orestes; ele não tem escolha alguma e é coagido a cometer seu assassinato pelo deus Apoio, ainda que, não obstante, tenha de pagar o preço. Pessoalmente, às vezes, acho mais criativo considerar as Erínias como guardiãs da lei natural, em vez de recorrer a termos que não compreendo cabalmente, tais como esquizofrenia, mas, sem dúvida, qualquer pessoa que clã atenção às Erínias hoje em dia é um esquizofrênico. Seja como for, acho imensamente valioso saber, quando se trabalha como astrólogo, de que forma as leis naturais são representadas pelo horóscopo e em que esfera uma "transgressão" está sendo perpetrada, intencionalmente ou não; e se e de que modo essa transgressão poderia ser corrigida, a fim de que as Erínias não persigam aquela pessoa interna ou externamente, na qualidade de um "destino desfavorável".

O terceiro escritor que contribuiu com interpretações decisivas para o misterioso complexo de imagens psicológicas sobre o destino, o inconsciente, a mãe e o mundo, é Erich Neumann. No seu livro *A Grande Mãe*, ele escreve:

A sensação vital de toda consciência do eu que se percebe diminuído com relação às potestades é dominada pela preponderância do Grande Círculo que contém toda mudança. Este arquétipo pode ser vivenciado exteriormente enquanto mundo ou natureza, ou interiormente enquanto destino e inconsciente. . . Assim, o aspecto terrível do Feminino inclui sempre a urobórica mulher-cobra, a mulher provida de falo, a união entre a gravidez e a procriação, entre a vida e a morte. . . Na Grécia, a Górgona na figura de Ártemis-Hécate é também a regente dos caminhos noturnos, do destino e do mundo dos mortos.²⁶

A essa altura, poder-se-iam lembrar as feiticeiras barbadas de *Macbeth*, que são mulheres fálicas: o feminino que contém sua própria força procriadora ou geradora. Essas mulheres criam e destroem a vida de acordo com suas próprias leis, e não com as de um esposo, consorte ou rei. A Noite-Mãe ou a deusa Necessidade dá origem às Moiras e às Erínias por partenogênese, ou seja, sem o auxílio do esperma masculino. O trecho acima citado contém algo que acho extremamente importante que o astrólogo leve em conta: a pessoa mais aterrorizada pelo destino e mais intimidada pelo que ela vivencia como suas inclinações mais sombrias e mais destrutivas da alma e da vida, é a pessoa na qual o sentimento do ego, o sentimento de "eu mesmo", é o mais fraco. Isso traz consigo certa implicação para o próprio estudioso de astrologia, pois que muitos de nós aprendemos nossa arte por essa simples razão e compartilhamos esse problema com nossa

clientes. Uma consciência desse problema comum pode ser imensamente criativa, mas uma inconsciência dele favorece exatamente as Erínias e reforça o temor ao destino.

Quando as Erínias cantam que "o alimento é oferecido a um dos dois, mas não a ambos", elas estão enunciando um dilema comum: ou vivemos aterrorizados pelo destino, pelo fato de que ainda não encontramos nenhum sentido de genuína individualidade, ou repudiamos a própria idéia de destino exatamente pela mesma razão. Assim, o astrólogo não só é conivente com seu cliente, como também com o exacerbado cético, que tem medo da mesma coisa. Assim como o psiquiatra se identifica secretamente com seu louco paciente, o problema do destino nos compromete não só com os que temem o aspecto retaliador da vida, senão também com os que rejeitam qualquer outra coisa que não a autonomia da consciência racional. Embora não esteja certa sobre as ramificações disso, desconfio que ela se deve parcialmente ao fato de que tão amiúde a astrologia se lança sobre o inconsciente, de outra parte à razão pela qual a apaixonada acumulação de estatísticas tornou-se necessária e parte ainda ao fato de que o astrólogo individual se sente quase sempre perseguido pelas pessoas "normais". Ora, não estou insinuando que um forte sentimento de identidade pessoal faça com que o destino desapareça. Não seria tão estúpida a ponto de sugerir tal coisa, nem Newmann o seria, a meu ver. No entanto, o ato de entrar em acordo com o "meu destino" de uma maneira criativa, e não afetada pelo medo, talvez resida, em grande parte, no sentimento que cada um possui de ser um indivíduo.

Neumann prossegue dizendo:

O macho permanece inferior e à mercê do Feminino que o afronte como um poder do destino... O símbolo de Odin dependurado na árvore do destino é típico deste estágio em que o herói-rei era caracterizado meramente pela aceitação da sorte. . . Essa sorte pode aparecer na forma de uma velha e maternal mulher, que preside o passado e o futuro; ou na forma de uma jovem e fascinante figura, como a alma.²⁷

O autor esforça-se para assinalar que, quando ele está se referindo ao "ego masculino", não está com isso falando de homens, mas, ao contrário, aludindo ao centro de consciência tanto nos homens como nas mulheres, que é "masculino" no sentido de que é dinâmico, motivado para a diferenciação. Em resumo, ele se assemelha ao Sol em contraste com as difusas e nubladas profundidades lunares do Inconsciente. Tenho absoluta certeza de que o Sol, astrologicamente considerado, constitui um ponto no horóscopo que talvez seja mais acessível aos homens em geral, porque representa uma motivação masculina, orientada para uma meta; o Sol, todavia, significa a mesma coisa no horóscopo de uma mulher, sendo, além disso, o símbolo da consciência diferenciada do ego em ambos os sexos. Nesse sentido, Neumann não está nem um pouco preocupado com questões "sexológicas", e seria absurdo interpretá-lo assim. Ele está falando sobre um dilema com que se defrontam tanto os homens como as mulheres: o sentimento de impotência e de inutilidade que todos nós experimentamos diante dessas constrangedoras erupções da psique que se abatem sobre nós como o destino, por um lado. Não se pode deixar de ver, por outro lado, implícita nessa passagem uma das raízes

arquetípicas daquele terror que com tanta freqüência se insinua nos relacionamentos entre macho e fêmea, nos quais a mulher afigura ser, por projeção ou talvez na realidade, a mensageira do destino para o homem. E este, irado e ameaçado pelas "forças" sobre as quais não tem nenhum controle, tenta, assim como Zeus, declarar proscrito o valor da mulher.

O mistério primordial da tecedura e da fiação tem sido também vivenciado na projeção sobre a Grande Mãe que tece a trama da vida e fia o fio do destino, sem importar se ela aparece como uma Grande Fiandeira ou, como ocorre tão freqüentemente, numa tríade lunar. Não é por acaso que falamos em tecidos do corpo, pois o tecido composto pelo Feminino no cosmo e no útero da mulher é a vida e o destino. E a astrologia, o estudo de um destino governado pelos astros, ensina que ambos começam ao mesmo tempo, no momento temporal do nascimento.²⁸

O problema do poder ameaçador que o ego experimenta como uma propriedade do inconsciente não é, conforme tenho dito, uma questão sexológica. É uma questão humana, ao que me parece, e tenho encontrado tanto mulheres que correm de medo de suas próprias profundezas, quanto homens dominados pelo mesmo temor. Não obstante, o medo talvez seja o começo de sabedoria, segundo nos ensina o Velho Testamento, pois esse medo do poder do destino é, no mínimo, um reconhecimento. Estou, portanto, inclinada a questionar se é válido dizer a um cliente que veio em busca de uma leitura de horóscopo, que um mapa astral "apenas" sugere potencialidades que ele poderá superar ou dominar como preferir. Não estou sugerindo que devamos regredir a um nível arcaico, onde o ego retroceda ao terror primitivo e à aceitação passiva do destino que caracteriza tanto as culturas antigas como a criança moderna. Empenhamo-nos durante vários milênios em sermos capazes de fazer algo mais do que isso. Mas a *hubris*, em compensação, não erradica a imagem arquetípica do destino que reside nas profundezas da psique do cliente e do astrólogo. Tampouco essa atitude poupará o cliente de seu destino.

O destino feminino que estamos investigando constitui, em certo sentido, o paralelo psíquico dos padrões genéticos herdados da linhagem familiar. Ou, num sentido mais amplo, é a imagem arquetípica para os instintos mais primitivos que se contorcem dentro de nós. Esse é o destino de partilha, de fronteiras ou de limites que não podem ser cruzados. É o círculo além do qual a pessoa não pode passar durante a sua existência, sejam quais forem as potencialidades ilimitadas que possa perceber em si mesma, visto que gerações construíram esse círculo pedra sobre pedra. O destino e a hereditariedade, por conseguinte, estão intrinsecamente ligados, e a família representa um dos grandes instrumentos do destino. Mais tarde, vamos examinar melhor essa questão.

Quando vista sob essa luz, Moira é um dos impulsos inatos na psique individual e coletiva e sua função é manter a justiça e a ordem no reino natural dos instintos. Visto que nossos impulsos básicos estão representados, no simbolismo astrológico, pelos planetas, é razoável supor que o antigo princípio retaliador de Moira esteja configurado no horóscopo por um dos planetas, assim como por quaisquer outros signos e casas relacionados com esse planeta. Ademais, é razoável

supor que, visto termos proscrito o destino e fingirmos, nos dias de hoje, que ele não existe, sejamos igualmente ignorantes dessa dimensão de seu significado dentro da astrologia. Em certa medida, poderíamos ainda considerar que a imagem que preside o destino retaliador é a imagem de um instinto para fixar fronteiras proscritas dentro de uma pessoa. Moira é a guardiã do direito natural dentro do indivíduo, e ela é tão necessária para o equilíbrio do corpo e da mente quanto outros e mais extrovertidos e transcendentais impulsos.

Acho muito produtivo, na interpretação de símbolos astrológicos, ser por vezes descaradamente não-racional e trabalhar com imagens que esses símbolos evocam, em vez de fazer conceituações ou reduzir a palavras-chave essas antigas e sagradas figuras que por tantos séculos foram percebidas e vivenciadas como deuses. Ainda não sabemos, realmente, o que elas são. É mais aceitável agora, para os propósitos de avaliação e de compreensão coletiva, chamá-las de impulsos, motivações ou desejos arquetípicos. Mas acho que o astrólogo, e também o analista, podem tirar proveito do método de ampliação, de Jung, a fim de se aprofundarem mais da essência da linguagem astrológica. Poderíamos, inclusive, ir além e visionar a experiência astrológica como o encontro com uma divindade, um numen, em vez de raciocinar em termos de motivações ou desejos. Pois essas coisas não são as mesmas? Talvez nem sempre seja sensato apropriar-se de tudo o que existe dentro de nós como se fosse "meu", quer dizer, propriedade do ego. Nossos impulsos inatos, no final das contas, não estão mais sujeitos à dissecação e ao controle racional, do que os *daimones* de Platão, que são dados a cada pessoa no nascimento e moldam seu caráter durante toda a existência. Poderia ser importante admitir, particularmente quando estamos lidando com coisas semelhantes ao destino, que existem aspectos de nossas "motivações" que nos ultrapassam, que são transpessoais, independentes, até mesmo infernais ou divinos.

Encontrar determinado planeta em um signo e em uma casa zodiacal é como entrar num templo e encontrar a manifestação de um deus desconhecido. Podemos encontrar essa divindade como uma experiência concreta "exterior" ou por intermédio de uma outra pessoa que é a máscara através da qual o rosto do deus se mostra; através do corpo; através de uma ideologia ou visão intelectual; através de uma atividade criativa; como uma emoção motivadora. Muitas vezes, várias dessas manifestações são vivenciadas juntas, tornando-se difícil ver a unidade entre o que está acontecendo na vida exterior e o que está acontecendo na vida interior. Todavia, o planeta constrói uma ponte sobre o abismo entre o "exterior" e o "interior" e nos fornece uma ligação significativa, pois os deuses vivem nos dois mundos simultaneamente.

Encontrar a personificação de tudo o que até agora investigamos, destilado na imagem de Moira, é encontrar o que é compulsivo e primordial. É um confronto com a morte e o desmembramento, pois Moira quebra o orgulho e a vontade do ego em pedacinhos. Por ser ela imutável, nós é que somos transformados. Ela é mais forte do que os desejos e a determinação do ego, mais forte do que as razões do intelecto, mais forte do que o dever, os princípios e as boas intenções mais forte ainda do que a fé individual. Platão imaginou-a entronizada no centro do universo, com a roca cósmica assentada entre os seus joelhos, enquanto suas filhas, reflexos diferenciados de seu próprio rosto, guardam os limites da lei natu

rol e punem os transgressores com intenso sofrimento. A sabedoria de Moira deve ser encontrada no desespero e na depressão, na inutilidade e na morte. Seu segredo é o que guia e fortalece a pessoa quando ela própria já não consegue mais se sustentar, e aquilo que a mantém atrelada ao seu próprio e único esquema de desenvolvimento.

A necessidade inata de descer do mundo das aparências para a "ligação invisível" e para a personalidade oculta leva ao mundo interior do que quer que seja dado. A necessidade autóctone da psique, seu desejo natural de compreender psicologicamente, assemelhar-se-ia àquilo que Freud chama de instinto de morte e àquilo que Platão introduziu como o desejo pelo Hades... Ele age através da destruição, dissolução, decomposição, separação e dos processos de desintegração necessários tanto à psicologia alquímica quanto à moderna psicanálise²⁹

Essa descrição feita por James Hillman sugere que a coisa que guarda as fronteiras circunscritas da natureza também procura conhecer a sua própria fiação: é o meu destino que busca a explicação de si mesmo. Essa deusa do destino, enquanto "serva da Justiça", é, a meu ver, representada com mais ênfase no panteão planetário da astrologia. Dentro do horóscopo, eu diria que aquilo que os gregos conheciam como as Erínias, a face retaliativa de Moira, nós costumamos chamar Plutão.

*Hades, o deus da morte, preside o julgamento
sobre as ações de um homem depois que este morre.*

*O deus da morte, Hades, não se esquecerá
das matanças e das dívidas de sangue.*

Ésquilo

Se desejamos abordar os símbolos astrológicos por meio da ampliação de outras imagens e de símbolos, e não por meio de uma definição concreta, então é hora de darmos uma olhada nas contribuições do mito a respeito de Hades-Plutão e sobre o tema dos regentes do inferno em geral. O senhor grego do inferno era, originalmente, conhecido como Hades; o epíteto "Plutão", que significa "riquezas", é uma denominação posterior que os romanos usavam então para descrevê-lo. James Hillman é esclarecedor sobre essa mudança de nomes:

É especialmente importante reconhecer Plutão, em nossas eufêmicas referências ao inconsciente, como o doador do todo, um depósito de riquezas abri-l' dantes, um lugar não de fixação no tormento, mas sim um lugar, desde que corretamente propiciado, que oferece imensa abundância. O eufemismo é uma maneira de esconder a ansiedade. Na antigüidade, Plutão ("riquezas") era usado como um nome eufemístico para ocultar as profundezas assustadoras do Hades.³⁰

Com praticamente a mesma disposição, as Erínias, as terríveis vingadoras da Mãe, eram chamadas Eumênides, "as amáveis damas".

Nós astrólogos também usamos eufemismos. "Transformação" é uma palavra sonora, com fragrância de numinosidade e profunda intenção psíquica, e mais encorajadora para o cliente que possui um trânsito ou progressão envolvendo Plutão. Entretanto é, infelizmente, o tipo de palavra a que gostamos de recorrer quando o significado de um planeta é vago ou meramente intelectual, ou quando a experiência prognosticada no horóscopo augura crise e sofrimento para o cliente. Não é nada fácil observar uma outra pessoa passando por um sofrimento necessário. Primeiro, porque nossa compaixão protesta que esse sofrimento não deve ser necessário, pois nossos valores sentimentais muitas vezes

não estão de acordo com a lei implacável de Plutão. Segundo, porque nos vemos espelhados na incipiente desintegração ou perda do outro. É particularmente difícil lidar com Plutão a menos que se tenha alguma confiança no destino; mas, como se pode confiar nele, a não ser que se tenha passado algum tempo pelo desespero, pela escuridão, a raiva e a impotência, descobrindo o que mantém a vida quando o ego já não tem mais condições de fazer suas escolhas habituais? Jamais encontrei qualquer coisa agradável ou divertida nos trânsitos e progressões de Plutão, por mais psicologicamente esclarecido que seja o cliente. O discernimento não pode poupar o sofrimento, embora possa evitar o sofrimento irracional. É óbvio que muito depende da perspicácia da pessoa, e também da condição de Plutão no horóscopo de nascimento. Se não houver nenhum discernimento, é de se esperar que o trânsito ou progressão passe sem que uma excessiva perturbação fique registrada na consciência, se a pessoa for bastante embotada. Algumas vezes, ocorre uma enorme liberação de energia que acompanha os movimentos de Plutão: coisas que estavam há muito tempo adormecidas ou que morreram prematuramente na vida são ressuscitadas e irrompem de repente. Outras vezes, são as paixões que criam essa irrupção, e essa liberação de energia pode ser imensamente criativa. Contudo, esse tipo de experiência, apesar de tardiamente se perceber o seu valor, é freqüentemente doloroso, frustrante, desconcertante, desorientador e assustador, e raramente acontece sem alguma espécie de sacrifício ou perda, voluntária ou involuntária, ou sem alguma espécie de confrontação com aquilo que é mais brutal e "injusto" na vida. Até mesmo os corajosos escorpianos, que são regidos por Plutão e, por isso, possuem um pressentimento inato da deusa Necessidade e da inevitabilidade das origens e términos erigidos sobre os cadáveres de desmembrados pretéritos, não estão imunes ao receio natural do ego com relação àquilo que é excessivamente poderoso e não pode ser aplacado nem pela vontade nem pela razão. Morte e paixão deixam mudanças irrevogáveis atrás de si, seja num nível físico ou psíquico, e o que findou não pode ser reposto de novo.

Às vezes pode-se ter a impressão de que a lei do destino concede algum bem positivo aos homens; no entanto, do conjunto de suas funções, não pode haver dúvida de que seu caráter não é positivo, senão negativo. Ela estabelece uma fronteira para limitar a duração, uma catástrofe para limitar a prosperidade, a morte para limitar a vida. Catástrofe, cessação, limitação, todas as formas de "até aqui, e não mais além", são formas de morte. E a morte é ela própria o sentido primordial do destino. Sempre que o nome de Moira é pronunciado, o primeiro pensamento que surge é o da morte, e é na inevitabilidade da morte que a idéia de Moira está enraizada.³¹

Embora se possa saber que a vida retornará revigorada em uma nova forma, mais rica e mais vital, não obstante, a coisa que atingiu seu término designado sofre na morte, e ela mesma jamais há de voltar à vida. Angústia, medo e profunda aflição quase sempre acompanham essas mortes e, seja qual for a "parte" de nós que passa por essa transição, nós a vivenciamos no íntimo como se fosse a totalidade de nós se estivermos inteiramente conscientes dela, identificando-nos

com ela e com seu sofrimento: eis o inevitável efeito secundário de qualquer alteração profunda na psique. A mente discorre animadamente sobre transformação e renovação, mas alguma coisa no fundo ainda questiona: O que acontecerá se não houver renovação? Como poderei confiar em algo que não posso ver nem compreendo? O que fiz para merecer um destino desses: onde foi que falhei? E se o vazio absoluto simplesmente durar para sempre? Qualquer experiência de depressão profunda traz consigo a forte sensação de que nada irá mudar jamais. Por conseguinte, talvez nos fosse apropriado, juntamente com afirmações animadoras sobre a potencialidade futura inerente aos movimentos de Plutão, reconhecer também a marca de uma iniciação no irrevogável e de uma necessidade de reverenciar legitimamente a depressão e o desespero. Empatia e respeito pelo processo de morte de outrem, literal ou metafórico, é uma necessidade presente com Plutão, ainda que este geralmente não seja o dom do conselheiro astrológico mais urânico. A morte deixa todo mundo constrangido; mesmo na profissão médica, a questão de contar a uma pessoa, ou à família dela, que ela está morrendo é um assunto desagradável, e não é de surpreender que muitos médicos estejam mal preparados para esse confronto. E o caso não é diferente num nível interno, pois o cheiro da morte íntima desenha os próprios temores de uma pessoa.

O mito nos informa que Hades é o senhor das profundezas, o deus das coisas invisíveis. Ele é irmão de Zeus, tendo portanto a mesma posição que o regente do céu. Ele é tenebroso, mas um parceiro tão poderoso quanto o todo-misericordioso pai do céu. De fato, ele ocupa a posição mais elevada, visto que sua lei é imutável ao passo que a de Zeus pode ser contradita. A Hades não foram, realmente, ofertados altares ou templos onde pudesse ser cultuado; simplesmente se reconhecia que a morte está em toda a parte da vida, e que cada coisa *viva* contém dentro de seu corpo mortal seu próprio altar, sua particular e inevitável semente de morte que nasce simultaneamente com/ vida física. Hades não pode ser visto pelos homens no mundo de cima, pois usa um elmo que o torna invisível. Esta é a conexão oculta, o destino secreto, o "mundo interior daquilo que é dado". Não podemos perceber Hades, mas ele está presente em todas as ocasiões, sendo inerente à formação de cada pensamento, sentimento, inspiração, relacionamento ou ato criativo, conforme seu predeterminado e inevitável fim.

A figura masculina de Hades como senhor do inferno é uma formulação relativamente tardia. O caos primordial do qual a vida emerge e ao qual retorna pertencem, no princípio, à Grande Mãe ou à deusa Nyx. Todos os habitantes das profundezas — Sorte, Velhice, Morte, Assassinato, Incontinência, Sono, Sonhos, Discórdia, Nêmesis, as Erínias e as Moiras, as Górgonas e as Lârnias — originam-se do ventre dela. Uma outra de suas faces, a antiga Hécate de três cabeças, deusa da sorte, magia, parto, bruxaria e da rotação eterna da Lua flutuante, é subjuga. da por uma cultura mais patriarcal e permanece apenas na figura de Cérbero, o cio tricéfalo que guarda a margem mais distante do Estige. As imagens mais primitivas da deusa são as de uma Mãe fálica, uma divindade autofecundante que dá à luz as Moiras sem o esperma masculino.

No fim, essa deusa desaparece nas suas próprias profundezas, e o poder fálico é representado por uma divindade masculina: Hades. Apesar de ser um deus,

ele é o filho das trevas, criado e executor da Mãe invisível. No mito sumeriano, que antecede o mito grego clássico de muitos séculos, é a grande deusa Eresquigal quem rege o reino dos mortos. Seu nome significa "Senhora da Grande Região Inferior", e é sobretudo sua imagem que, acho, poderá nos ajudar a ampliar o planeta Plutão a fim de o entendermos melhor. Eresquigal controla guardiães e lacaios, como também um vizir chamado Namtar, que quer dizer "destino"; estes, porém, são os servos dela, que cumprem as suas ordens.

Pelo material a seguir sobre Eresquigal sou grata a Sylvia Brinton Perera que, em seu livro, *Declínio* da deusa, nos oferece uma ampla e fascinante interpretação dessa deusa arcaica do inferno. A relevância desse material é suficiente para confirmar minha intuição de que no Plutão astrológico estamos frente a frente com algo feminino, primordial e matriarcal. Quando a deusa Inanna, a rainha sumeriana do céu (a primitiva forma de Istar, Afrodite e Vênus), desce ao reino de sua irmã Eresquigal, a Senhora da Grande Região Inferior trata sua brilhante e bela irmã de acordo com as leis e ritos válidos para qualquer um que entre no reino: Inanna é levada "nua e de joelhos", enquanto suas roupas e insígnias reais são ritualmente rasgadas em cada um dos sete portais do inferno. Esse rito de entrada é um processo que tenho constatado, em muitas ocasiões, ser concomitante aos trânsitos e progressões de Plutão — a perda gradual de tudo o que se usou previamente para definir a identidade da pessoa, e o "pôr-se de joelhos" em sinal de humilhação, humilde e eventual aceitação de algo maior e mais poderoso do que a própria pessoa. A Sra. Perera escreve a partir de sua experiência como analista junguiana, enfocando a jornada iniciatória de mulheres que sofreram uma dissociação de seu próprio centro feminino. O que estou escrevendo aqui também parte da minha experiência como analista e igualmente da minha experiência como astróloga; e tenho notado que este declínio, com sua perda de características, adereços e afetos, parece ocorrer tanto em homens como em mulheres sob os trânsitos e progressões de Plutão.

Existe muito das Górgonas e da negra Deméter nela: no seu poder e terror, nas sanguessugas de sua cabeça, nos seus olhos glaciais, na sua íntima relação com o não-ser e com o destino ... O domínio de Eresquigal, quando estamos sob ele, parece ilimitado, irracional, primordial e totalmente indiferente, até mesmo destrutivo, à pessoa. Ele contém uma energia que começamos a entender através do estudo dos buracos negros e da desintegração dos elementos, assim como através dos processos de fermentação, câncer, decomposição e das atividades inferiores do cérebro que regulam os movimentos peristálticos, a menstruação, a gravidez e outras formas da vida corporal a que temos que nos submeter. o lado destrutivo-transformador da vontade cósmica. Eresquigal é semelhante a Kali, que através do tempo e do sofrimento "implacavelmente reduz a cinzas todas as distinções no seu fogo indiscriminado" — e, no entanto, propaga vida nova... Irreverenciadas, as forças de Eresquigal são sentidas como depressão e como uma agonia insondável de impotência e de inutilidade — desejo inaceitável e energia transformadora-destrutiva; autonomia inaceitável (a necessidade de separação e de auto-afirmação) dividida, voltada para dentro, devorando o sentimento individual de potência e valor da vontade individual.³²

Não consigo me lembrar de nenhuma descrição melhor que esta a respeito da qualidade emocional de Plutão.

Gostaria agora de retornar ao Hades, o desmedido falo da Mãe. Sempre que o mito retrata a entrada dele no mundo da superfície, ele é persistentemente mostrado representando um tema: o estupro. Isso sugere algo mais sobre a nossa experiência do planeta Plutão. Sua intrusão na consciência dá a impressão de ser uma violação, e nós, a exemplo de Perséfone, a virgem do mito, somos impotentes para resistir. Onde Plutão é encontrado, há amiúde um sentimento de pene-tração violenta, indesejado porém inevitável e, de algum modo, necessário ao equilíbrio e desenvolvimento da pessoa — embora seja possível não vê-lo assim na ocasião. Eresquigal, também, representa uma espécie de estuprador para os que voltam seus rostos contra ela:

Para a consciência matriarcal ela representa *o continuum* em que estados diferentes são simplesmente experimentados como transformações de energia. Para o patriarcado a morte torna-se uma violação da vida, uma violência a ser temida e controlada, tanto quanto possível, com a distância e a ordem moral.³³

O mito do estupro de Perséfone é importante também para a compreensão de Plutão, pois a inocência virginal dela é que atrai o desejo do tenebroso senhor do inferno. Perséfone é uma deusa da primavera, a face ainda não violada de sua mãe Deméter, senhora da colheita. Ela é a virgem arquetípica, o solo fértil ainda não semeado; seu símbolo é a Lua crescente, que promete realização futura, mas que se encontra eternamente num estado de potencialidade. Ela está estreitamente ligada à sua mãe deusa da terra, aos cinco sentidos e ao mundo da forma. Também reflete a superfície brilhante da vida que promete alegrias futuras através dos olhos da juventude pura. Dessa forma, ela constitui uma imagem de um tipo particular de percepção e perspectiva humanas, cheias de possibilidades mas ainda informes.

O incontestável vínculo entre esse par de deusas, mãe e filha, sugere algo da divina unidade entre a mãe e o bebê, no admiravelmente inocente e protegido mundo da primeira infância onde até então não existe separação, solidão, conflito ou medo. Esse é o mundo antes da Queda, antes que o cordão umbilical seja cortado, e nele a morte não existe pois ainda não existe vida individual. Partes de nós podem permanecer nesse urobórico amplexo até um período posterior da vida, pois Perséfone não é apenas uma imagem da juventude cronológica, nem da virgindade, no sentido literal. A medida que nosso conhecimento e habilidades exteriores vão se tornando cada vez mais sofisticados, também vamos esquecendo esses ritos e rituais que facilitam a separação entre o jovem e a sua mãe na puberdade. A cultura da tribo primitiva com suas elaboradas cerimônias para anunciar o advento da vida adulta e da responsabilidade, se perdeu para nós no Ocidente há muito tempo. Assim sendo, ficamos como senis Perséfontes colhendo flores esperançosamente, até que algum crítico trânsito ou progressão de Plutão apareça. Perséfone, apesar de seu nome — estranhamente — significar "portadora de destruição", é insensível à vida. Seu rapto é cruel, mas governado pela necessidade; e ela própria o invoca secretamente, colhendo a estranha flor da morte que Hades plantou na campina para o deslumbramento dela. E

o roubo da flor que denuncia a abertura da terra debaixo dela e a chegada do senhor das trevas no seu coche puxado por negros cavalos.

A questão da flor parece uma coisa tão pequena, mas creio que o processo de Plutão funciona dessa maneira. Fazendo-se um retrospecto, é possível perceber que é uma pequena coisa o que faz com que os portões sejam abertos. Perséfone é conivente com o seu destino, mesmo ao comer voluntariamente a romã, o fruto do inferno, que é um símbolo de fertilidade devido à sua profusão de sementes. Ela é uma imagem daquele aspecto mais pessoal que, por mais aterrorizada, ainda assim busca a união que é um estupro e uma aniquilação. Nos mistérios órficos, Perséfone dá ao seu senhor um filho no inferno, assim como Eresquigal, no mito sumeriano, dá à luz uma criança depois de ter destruído sua irmã Inanna e pendurá-la nua numa estaca até apodrecer. O filho de Perséfone é Dioniso, a contraparte infernal do brilhante redentor do céu, a quem o cristianismo deu forma na figura de Jesus Cristo. Ambos são nascidos de virgens, através de pais divinos. Mas Dioniso, que redime através do êxtase erótico, é um rilho muito mais ambíguo. Parece que o mito expressa algo sobre a fertilidade de qualquer encontro com Plutão; ele é cheio de fruto. Uma sensação enriquecida da vitalidade e da sensualidade do corpo é, certamente, uma faceta freqüente do fruto de Plutão. Talvez haja outros filhos originários dessa experiência de arrebatamento: uma perspectiva nova, mais profunda e mais ampla, uma descoberta nova dos recursos íntimos, uma compreensão mais aguçada da própria finalidade e da autonomia pessoal. Todas essas coisas devem ser pagas, por meio da ruptura do hímen psíquico que nos protege do começo ao fim de nossa inocência.

Essas profundezas são realmente assustadoras. Não é de surpreender que usemos eufemismos, nem tampouco que Escorpião, o signo de Plutão, sempre tenha tido uma reputação tão duvidosa. Pode ser um tanto complicado encontrar as palavras certas para o cliente, isso sem falar de si mesmo, já que Plutão se move lentamente para uma prolongada conjunção como Sol, a Lua, o ascendente e Vênus, indicando que os salões de Hades irão abrir suas portas para receber o relutante convidado a seu próprio e inconsciente pedido.

Em seguida, existe a questão de saber o que há lá embaixo. O mito oferece uma descrição geográfica notavelmente precisa da Grande Região Inferior. O reino de Eresquigal possui sete portões e uma estaca que serve para dependurar o visitante. Paisagens desse tipo são paisagens subjetivas. Fazem parte de um "lugar" aonde "vamos" através de humores, sentimentos, sonhos e fantasias. Primeiro, poderíamos examinar as entradas. Geralmente são grutas, fissuras, fendas na terra e crateras de vulcões. Através dos buracos e frestas da consciência, através das angústias e da erupções emocionais e incontroláveis de uma pessoa e de suas fobias e fantasias compulsivas em que o ego é inundado por alguma coisa "diferente", vai-se caindo, cada vez mais despido de pretensões em cada uma das entradas. Isso é conhecido no mundo analítico como *abaissement du niveau mental*, o rebaixamento do limiar de consciência que ocorre através dos sonhos, das fantasias, do delírio, da paixão, até mesmo de deslizos verbais e de inexplicáveis omissões e amnésia. As entradas prediletas de Plutão são, creio, os vulcões onde algum evento aparentemente insignificante desencadeia uma grande torrente de estranha e, muitas vezes, terrível ira, ciúme, ódio, medo ou fúria homicida, que

revela que não somos tão civilizados quanto parecemos. A criatura indomada que irrompe é, assim como Eresquigal, cheia de rancor vingativo por mágoas que nem sequer sabíamos que tínhamos. O vulcão tem quase sempre uma posição determinada onde quer que Plutão se encontre no horóscopo.

Os gregos, a exemplo dos sumerianos, visionaram um rito elaborado de ingresso ao inferno; no entanto, o relato mítico deles é diferente. As almas dos mortos devem atravessar o rio Estige, transportadas pelo antigo barqueiro Caronte que exige uma moeda em troca. Aqui, da mesma forma como nos portões de Eresquigal, algo deve ser dado, algo de valor que a própria pessoa possui. O dinheiro é uma das imagens de valor, de riqueza, de identidade e propriedade do ego. O que acumulamos, ao que parece, deve ser distribuído durante a descida — as insígnias reais e as roupas com as quais nos identificamos, e o nosso habitual senso de valor, nossa inatacável auto-estima, nosso grande apreço. O sentimento de inutilidade, de falsidade e de repulsa à própria nulidade, de decepção com a vacuidade das pompas que tanto significado tinham, é algo que tenho repetidas vezes ouvido expressar aqueles que estão passando pelos trânsitos e progressões de Plutão. Isso não se limita apenas aos assim chamados "maus" aspectos, senão que também se aplica aos trígono e sextis. Dá a impressão de que a aceitação desse sentimento de ser despido, humilhado e vazio é uma pré-condição necessária para o acólito nos portões de acesso.

A seguir, citamos o sonho de um homem que veio em busca de uma leitura do horóscopo quando o transitório Plutão estava fazendo uma longa conjunção com sua casa do Sol, em Libra, situada na décima casa. Ele era um bem-sucedido editor de manuais científicos, dono de uma companhia internacional que lhe fornecia uma considerável renda e um lugar respeitado na sociedade. Com essa persona ele sempre se identificara, pois ela lhe dava uma sensação de realização e de importância. Que isso também lhe fornecia um meio de realizar o sonho de sua mãe de ter um filho brilhante e bem-sucedido ainda não se dela conta, como um motivo primário na escolha de sua carreira, embora muitos astrólogos pudessem encarar com reserva a unidade de identidade entre mãe e filho que o sol na décima casa sugere. Ele me contou seu sonho no decorrer da interpretação do mapa astral, porque me referia algumas das imagens e sentimentos relacionados com Plutão e que mencionei acima: morte, apatia, depressão, isolamento e sepultamento.

Sonho que morri e que agora estou esperando algum tipo de renascimento ou de ressurreição. Em lugar da cabeça, tenho um crânio descarnado entre os ombros. É horrível sentir esse crânio. Estou morto, apodrecido, inaceitável. Num quarto à direita, todos os livros e as revistas que publiquei são exibidos como troféus em caixas com tampo de vidro. Alguns amigos vêm me convidar para jantar, mas ficam assustados diante da visão de meu crânio. Tento explicar que estou morto, mas que uma outra vida me aguarda. Todavia, eles apenas mostram repugnância e me deixam sozinho. Num outro quarto, meus funerais estão em andamento. Minha mãe chora convulsivamente sobre meu caixão. Ela não pode me ver, ou à parte de mim que subsiste. Para ela, eu estou completamente morto.

Esse sonho, na verdade, dispensa interpretação. Ele se descreve bastante

adequadamente como uma imagem subjetiva da experiência de Plutão e como um comentário profundo sobre o significado desse período na vida de meu cliente. Apesar de ter achado o sonho incômodo e perturbador, ainda assim ele disse que tinha ficado com uma sensação de confiança durante um período de grande depressão e desespero. Em resumo, o sonho lhe trouxe — e ele não estava se submetendo a nenhuma forma de psicoterapia, mas chegou sozinho e aos poucos à compreensão disso — o pressentimento de que sua depressão era necessária de algum modo que ele não conseguia entender profundamente. A imagem do crânio não é meramente uma imagem da morte; ela aparece com grande frequência no simbolismo alquímico e é aquela parte do ser humano que não se desintegra como acontece com o corpo. É o *caput mortuum*, a caveira que sobra depois que o fogo purificador consumiu toda a matéria inútil. Na vida exterior do cliente, a situação que parecia estar desencadeando a sua depressão fora a decisão por ele tomada de vender sua empresa e aplicar sua energia no cultivo de uma larga extensão de terra que comprara na Austrália. Ele esperara ficar alegre e entusiasmado com esse empreendimento, mas, em vez disso, ficou deprimido e aflito. Essa indisposição mal recebida, que caiu sobre ele como uma violação, só passou a fazer sentido quando começou a entender que essa decisão representava a morte do poder materno em sua vida, com todas as implicações íntimas que essa separação acarreta.

Quando os espíritos descem ao Tártaro, cuja principal entrada fica num bosque de álamos pretos junto à corrente oceânica, cada qual é suprido por devotos parentes com uma moeda posta debaixo da língua do cadáver. Dessa forma, eles têm condições de pagar Caronte, o usuário que os transporta num barco decrepito até a outra margem do Estige. Esse detestável rio faz limite com o Tártaro no lado ocidental, e tem como afluentes os rios Aqueron, Flegethon, Cocytus, Aornis e Letes... Um cão de três cabeças ou, como dizem alguns, de cinquenta cabeças, chamado Cérbero, guarda a margem oposta do Estige, pronto para devorar os vivos intrusos ou almas fugitivas.³⁴

Álamos pretos, conforme assinala Robert Graves numa passagem adiante, são consagrados à deusa da morte. Os nomes desses rios infernais são evocadores e também explícitos: Estige, que significa "ódio", contém águas que são veneno mortal, mas que também podem conferir imortalidade; Aqueron quer dizer "fluxo de angústia"; Cocytus, "lamentação"; Aornis, "desprovido de pássaros"; Letes, "esquecimento" e Flegethon, "combustão". Todas essas imagens têm a fragrância do sentimento do Plutão astrológico.

O veneno do Estige é como o ácido do ressentimento profundamente enterrado, o que representa uma típica manifestação plutônica. Essa irreconciliável amargura nos cria uma associação com as figuras das rancorosas Erínias, as servas da Justiça. Existe, sem dúvida, um veneno de vingança em Plutão, o encolerizado fantasma de Clitemnestra que força as Erínias, a perseguirem seu filho Orestes. Aqui não há compaixão, nem cura; apenas ódio cego e interminável. Sabemos através dos nossos tradicionais textos de astrologia que os nativos de Escorpião são bastante rancorosos, e não esquecem desprezo e injúrias. Plutão tampouco. A experiência do planeta frequentemente lança uma pessoa em sua própria

potencialidade, antes não percebida, de ódio profundo, duradouro e inflexível. Moira, enquanto natureza, não esquece um insulto, nem deixa passar impune uma violação. O espírito do mito cristão, com sua figura piedosa e compassiva, é a antítese direta de Eresquigal, que representa o coração perverso da natureza que não consegue esquecer o próprio sofrimento. Tolkien personifica esse venenoso coração da natureza na figura do Velho Salgueiro no *Senhor dos Anéis*:

As palavras de Tom desnudam os corações e os pensamentos das árvores, os quais eram no mais das vezes escuros e estranhos, e repletos de ódio pelas coisas que andam livres sobre a terra, roendo, mordendo, despedaçando, queimando, cortando: destruidores e usurpadores... Mas nenhuma era mais perigosa do que o Grande Salgueiro: seu coração estava carunchado, mas sua , força era nova: ele era esperto e um mestre dos ventos; seu canto e seu pensa-mento percorriam os bosques de ambos os lados do rio. Seu velho e sedento espírito tirava força da terra e espalhava-se como finas raízes pelo chão e invisíveis galhos delicados no ar, até que ele tinha sob seu domínio quase todas as árvores da Floresta da Divisa até as Colinas.³⁵

O rio de ódio e de veneno que rodeia o inferno é igual ao Velho Salgueiro no coração da floresta, e ele nem sempre está consciente na pessoa. Na maioria das vezes, não nos damos conta de sua existência e pensamos em nós mesmos como pessoas decentes que conseguem perdoar uma ofensa alheia; em vez disso, porém, sofremos de doenças misteriosas e de distúrbios emocionais e, sutilmente, sabotamos nossos companheiros, pais, amigos, filhos e nós mesmos sem reconhecer por completo que em alguma parte possamos vê-los como "destruidores e usurpadores" que devem ser, forçosamente, punidos.

Aqui também talvez seja apropriado um ritual, e o mito com certeza nos oferece um. O ódio de Eresquigal é abrandado pelas carpideiras de Enqui, duas pequenas criaturas que o deus do fogo Enqui modela da sujeira por baixo de suas unhas. Essas pequenas carpideiras descem ao inferno e pranteiam ao lado de Eresquigal enquanto ela sofre e dá vazão ao seu ódio. Elas reconhecem a sua aflição, dão-lhe ouvidos, mostram empatia; não a julgam, nem a chamam de feia, perversa ou rancorosa, nem procuram induzi-la a "fazer" qualquer coisa a respeito disso. Elas representam uma qualidade que eu reputo ser essencial na abordagem de Plutão e que muitos psicoterapeutas chamam de capacidade de "estar com" alguém. E a capacidade de fornecer um recipiente para as águas envenenadas sem a necessidade de "modificar" as coisas. As Erínias também são aplacadas, no mito de Orestes, pelo mesmo suave reconhecimento. Atena escuta-as, não discute ou condena, mas, ao contrário, lhes oferece um altar e um respeitoso culto em troca da vida de Orestes.

A descoberta da própria venenosidade é um dos aspectos menos atraentes de um confronto com Plutão. As carpideiras de Enqui e Atena nos fornecem um modelo mítico de um tipo de autopercepção que se move entre severo autojulgamento e estúpida autocompaixão. Isso impõe um reconhecimento da necessidade ou inevitabilidade do ódio, através da empada com a coisa ofendida. Do ponto de vista de Eresquigal, a vida está completamente corrompida. Ela foi estu

prada e exilada no inferno, e todos, particularmente sua livre e alegre irmã Inanna, devem sofrer por isto. As pequenas carpideiras não concordam nem discordam, não acusam nem racionalizam. Simplesmente ouvem e aceitam a aflição e a amargura dela. A fúria de Plutão, quando irrompe de dentro ou vem de fora, é terrível, talvez mais ainda quando é encontrada no lado de dentro, pois a gente fica com medo de destruir essas coisas que ama. Por isso, a fúria é reprimida e fica corroendo no inferno da psique.

No mito sumeriano, as carpideiras oferecem uma alternativa tanto para a repressão quanto para a expressão da raiva em comportamentos externamente destrutivos que, no final das contas, não curam a chaga. Pôr-se no lugar das carpideiras é mais difícil do que parece, todavia, pois mesmo que se consiga enfrentar este instinto vingativo e destruidor dentro de si mesmo, a tentação de "transformá-lo" e irresistível. O ego gosta muito de querer mudar tudo que ele encontra na psique de acordo com seus próprios valores e padrões, e o veneno de Plutão provoca uma resposta previsível: agora que vi minha feiúra, acho-a desprezível e preciso curá-la. No entanto, as carpideiras de Enqui não estão preocupadas em curar Eresquigal. Elas conseguem enxergar os dois lados da questão: a necessidade de salvar Inanna e a legitimidade da fúria de Eresquigal.

Enqui, o deus do fogo, que moldou essas criaturas, é o correspondente sumeriano de Loge, no mito teutônico, e de Hermes, no grego. Ele não toma o partido de ninguém, mas seu objetivo é visualizar todo o esquema, e pode amar todos os protagonistas já que eles fazem parte do grande teatro. Acho, aliás, duvidoso que Eresquigal seja, na verdade, "curável". Seguramente ela não se mostra apta a responder às solicitações do ego, a não ser quando ela própria o deseja, se é que de fato alguma vez o deseja.

Letes é o rio do abençoado esquecimento, no qual as almas dos mortos submergem antes de voltarem ao mundo para uma outra encarnação. Os que crêem na reencarnação como uma filosofia real podem considerar o fato de que misericordiosamente não recordamos dos nossos destinos quando nascemos como uma bênção de Plutão. Ou podem tomá-lo num sentido mais simbólico: não só esquecemos misericordiosamente o que está escrito para nós no nascimento, como também não nos lembramos muito bem como era a Grande Região Inferior depois que passamos por uma experiência platônica. Tendo conseguido emergir do inferno, assim como Orfeu somos ordenados por alguma voz Íntima a não olhar para trás e, depois que o trânsito ou progressão termina, alegremente anunciamos quão produtivo, enriquecedor e inspirador de crescimento tudo isso foi. Não nos recordamos desse lugar, pois se o fizéssemos, perderíamos a coragem para enfrentar a futura e próxima volta do Grande Círculo. Letes é uma dádiva de Plutão; é uma imagem de maleabilidade psíquica, e a capacidade de esquecer o sofrimento. Não que Plutão não ofereça riquezas. Acho que necessariamente temos de esquecer depois o preço que pagamos por elas, a fim de que não sejamos envenenados pelo Estige e jamais perdoemos a existência. Ademais, acho que as experiências de Plutão muitas vezes coincidem com uma lembrança do que estava esquecido, com uma redescoberta da aflição, fúria e do ódio que foram paralisados e empurrados para o subconsciente pelo ego para sua própria sobrevivência.

O psicoterapeuta está familiarizado com o miasma de ódio e de raiva inflamados,

tanto dos pais quanto da própria pessoa, que irrompem quando as ofensas, as rejeições e as humilhações inconscientes da infância vêm à luz. Onde Plutão é encontrado no horóscopo, há quase sempre um esquecimento, uma repressão necessária e uma tendência à recordação inesperada e à erupção vulcânica de veneno sobre um objeto que talvez não passe apenas de um catalisador. Parece haver uma relação entre Plutão e aquilo que Freud entende por repressão (que não é realizada intencionalmente por um determinado ato de consciência, mas ocorre como um instinto de sobrevivência, através de uma espécie de censura inconsciente). São essas as coisas que devemos esquecer por algum tempo, a fim de podermos viver.

Existem desejos "reprimidos" na mente... Quando digo que existem esses desejos, não estou fazendo uma declaração histórica no sentido de que eles outrora existiam e foram depois abolidos. A teoria da repressão, que é essencial para o estudo das psiconeuroses, afirma que esses desejos reprimidos *ainda* existem — embora haja uma inibição simultânea que os reprime.³⁶

Podem-se fazer algumas eruditas conjeturas a respeito da natureza dos "desejos" reprimidos de Plutão, como também a respeito das excelentes razões para a "inibição simultânea" que bloqueia a entrada deles na vida consciente. Freud, que tinha Escorpião no ascendente, formulou-as muito bem no seu conceito do *id*. Elas são demasiado violentas, vingativas, sanguinárias, primitivas e perigosas para que a pessoa comum se sinta muito à vontade ou segura com a sua intrusão. A par dos "desejos", pode-se incluir lembranças, experiências de grande intensidade emocional que são esquecidas juntamente com seus objetos. Assim, largas fatias de infância caem debaixo da faca do censor — fatias estas que revelam o rosto selvagem do jovem animal lutando por auto-satisfação e pela sobrevivência.

Juntamente com o veneno, potencialidades também podem ser reprimidas, para não dizer que uma coisa poderia desencadear a outra. A criança que está sujeita à fúria possessiva da mãe ou ao gélido desinteresse do pai, cada vez que se senta para brincar com a massa de argila ou com tintas e comete a afronta de recolher-se à sua própria psique individual, irá crescer e tornar-se o adulto "sem criatividade" que por alguma insondável razão não consegue sequer tentar levar o lápis ao papel, preferindo, ao contrário, viver no crepúsculo cinzento de uma vida sem brilho e sem expressão, com inveja de todos os que sabem se expressar melhor, em vez de arriscar-se a recordar o preço pago por aqueles esforços criativos iniciais. A criança que atrai para si o ciúme dos pais por ser inteligente, bonita e independente demais, se transformará no adulto que sabota a si mesmo toda vez que está na iminência de ter sucesso na vida, em vez de arriscar-se à terrível competição com os pais, sem o apoio dos quais ela não pode viver. Não se quer interromper a monotonia, o esquecimento, mesmo que isso signifique que o surgimento ou o desenvolvimento de um talento nascente será sacrificado. Essa atitude é melhor e mais fácil do que enfrentar os sentimentos violentos dos pais, dos irmãos e de si mesmo. Mais tarde, freqüentemente sob trânsitos e progressões relacionados com Plutão, nos lembraremos do que havíamos esquecido, do medo, do sofrimento, do desejo e da raiva. Então, é preciso fazer um retorno ao

mesmo lugar, passando pela mesma depressão, angústia e desgosto por si mesmo. No entanto, a Jornada posterior é mais uma espiral do que um círculo, pois é a criança dentro do adulto quem recorda, e o adulto poderá, talvez, ajudar a criança a suportar e a controlar o sofrimento.

Tártaro é, por vezes, o nome dado no mito a todo o reino de Hades. Bastante amiúde ele se refere a um tipo de sub-reino, a uma cidadela, por assim dizer, que está próxima por natureza ao conceito medieval de Inferno. É do Tártaro que a prole da Mãe Noite sai para atormentar os vivos e punir as blasfêmias e os pecados da família contra a linhagem matriarcal. No Tártaro, as almas dos maus ficam aprisionadas em imutável tormento durante toda a eternidade. Contudo, é um mundo radicalmente diferente do Inferno cristão. O tormento no Tártaro é descrito por meio de imagens de desejo frustrado, e não de indiscriminada tortura sádica. Os pecados também são diferentes. Quando viajamos com Dente pelos círculos do *Inferno*, encontramos um catálogo previsível de pecadores medievais: o adúltero, o usurário, o sodomita, o blasfemador. Encontramos, além disso, alguns rostos pagãos familiares, pois o cristianismo de Dante não era assim tão cristão: a Fortuna ou o Destino com a sua Roda, Cérbero e Dis (Hades) de três cabeças. Todavia, o inferno de Dente é um reflexo da Obsessão da Idade Média com a execração do mundanismo e da sexualidade.

No Tártaro, as coisas são diferentes. Os pecados de homens contra homens, em particular os pecados carnis, não são dignos do nome. *Hubris*, por outro lado, recebe a punição justa. As figuras míticas aprisionadas no Tártaro são homens e mulheres que ultrapassaram seus limites, transgrediram a lei natural, Insultaram Moira e desafiaram os deuses. Eles cobiçaram uma deusa, zombaram de uma divindade ou vangloriaram-se de serem maiores do que os habitantes do Olimpo. A lei de Plutão não é aquela feita de elaborações sociais e jurídicas, nem de preocupação com o comportamento civilizado do grupo. Sendo ele próprio um estuprador, Plutão não julga os desejos sexuais alheios. Ele não é Saturno, e se mostra desinteressado com o que os homens fazem uns aos outros no mundo da forma. Ele não é um patriarca, mas, ao contrário, um matriarca. Assim, Sísifo rola eternamente sua rocha montanha acima e terá sempre de vê-la rolar montanha abaixo até o fundo outra vez, para todo o sempre, visto que ele revelou os divinos segredos de Zeus. Tântalo arrasta-se eternamente em direção à água e ao fruto que estão sempre fora de seu alcance, visto que ele insultou e ridicularizou os deuses. Íxion gira eternamente na sua roda de fogo, porque tentou estuprar Hera, a rainha dos deuses. Todas essas imagens são formulações de frustração, de interminável desespero, de combustão interior (tal como o rio Flegethon), de humilhação e de *nemesis* como castigo por arrogância e orgulho.

Ser posto sobre a roda como punição (a exemplo de Íxion é ser posto num lugar arquetípico, atado às voltas da fortuna, às voltas da Lua e da sorte e às infundáveis repetições de voltar eternamente à mesma experiência sem descanso... Rodas são círculos fechados e o círculo fecha-se em torno de nós quer no anel de casamento, na coma de louros, ou na coroa funerária.³⁷

A irrevogável rotação do destino, seja para o ganho seja para a perda, é

característica de Plutão. Assim também é a experiência do desejo frustrado. O que desejamos mais do que qualquer outra coisa antes e que, no entanto, é a única coisa que não podemos ter, ou que só podemos ter mediante grande sacrifício ou mediante a morte de alguma parte estimada de nós mesmos — tudo isso é típico de Plutão. Naturalmente, a arena sexual é um dos lugares mais evidentes em que esse tipo de experiência ocorre. Assim também é a arena do poder e da posição. Poder e sexualidade, poder ou perda de poder pela sexualidade, são temas intrínsecos a Plutão. Ao que parece, os escandinavos sabiam disso' quando duplicaram o sentido dessa palavra para designar o destino e os órgãos genitais. Acho que nem sempre fica claro saber se o poder está nas mãos de quem é poderoso ou se está nas mãos do que se submete a ele, pois ambos são aspectos da mesma figura, assim como Perséfone pertence ao Hades. A necessidade, a ganância e o desejo provêm de ambos e, onde quer que Plutão esteja presente numa situação em que uma das partes tenha que se submeter à outra que é mais poderosa, talvez seja importante lembrar que quando esse planeta está envolvido, ninguém jamais está isento de culpa. Confrontados com Plutão, deparamo-nos com nossas detestáveis compulsões, insaciáveis paixões: o impossível e o repetitivo esquema de luta com algo apenas para que o encontremos outra e outra vez. Tártaro descreve, em linguagem mítica, a escuridão, a ganância e a patologia humanas. Ele abrange a doença, a crueldade, a combustão, a obsessão, a frieza gélida e o desejo perpétuo. Essas atormentadas figuras nos informam algo mais a respeito de Plutão: ele nos faz lembrar repetidas vezes da coisa incurável, do lugar da ferida intratável, do lado psicopata da personalidade, do rosto ultrajado e contorcido das Górgonas. Ele é a coisa que nunca melhora.

Uma das imagens da alquimia para esse ganancioso, desejoso, violento e irreparável aspecto da natureza é o lobo, que deve ser posto no alambique com o rei. O lobo destrói o rei e é, depois, ele mesmo queimado em fogo lento até que só fiquem as cinzas. Se essas coisas realmente se transformam, só o fazem através do fogo; e o rei, que personifica o domínio e o sistema de crenças do ego, deve morrer primeiro. Plutão é, por conseguinte, um grande e divino estabilizador da hubris. Sem ele o homem se julgaria Deus, e acabaria se destruindo: uma situação que se toma cada vez mais provável com o decorrer do tempo. Defrontado com Plutão, assim como a criancinha se defronta com a mãe, a pessoa vivencia o círculo intransponível das limitações da alma, das limitações do destino, que não são os limites mundanos de Saturno, mas sim a característica mais profunda de sua vulnerabilidade e mortalidade.

Os estados circulares de repetitividade, as voltas e mais voltas no círculo de nossas próprias condições, forçam-nos a reconhecer que essas condições constituem a nossa própria essência e que o movimento circular da alma não pode ser diferenciado do destino irracional.³⁸

Plutão, ao que parece, governa o que não pode ou não quer mudar. Esse é um problema ,particularmente espinhoso numa época de autoterapias e do aumento da crença na idéia de que uma pessoa pode se transformar no que quiser, desde que conheça as técnicas, os livros ou os guias espirituais certos. Humildade perante os deuses é uma virtude antiga, promovida não só pela Bfblia,

como também pelos gregos. "Nada em excesso" — nem mesmo a autoperfeição — estava gravado na porta do templo dedicado a Apoio em Delfos, ao lado de "Conhece-te a ti mesmo". Eram essas as principais exigências que os deuses faziam aos homens. Mas é justamente essa questão que Plutão nos obriga a confrontar.É uma ironia e também um paradoxo que a aceitação legítima do imutável seja, com freqüência, uma das chaves para a verdadeira e profunda mudança no interior da psique. No entanto, esse pequeno exemplo de ironia, que teria caído sob medida ao contraditório Apoio, não parece passível de ser aprendido em nenhuma escola e sim nas provações da vida. Portanto, ele permanece um segredo, não porque ninguém o irá revelar, mas porque ninguém irá acreditar nele, a menos que tenha sobrevivido à provação.

Dessa forma, Plutão, como um símbolo do destino punitivo, rege o lugar onde a vontade não tem mais eficácia. Terapias, meditações, dietas e encontros não chegam até lá, e a decisão não mais reside em saber se devo agir certo ou errado, mas se devo sacrificar meu braço esquerdo ou direito. Esse deus é uma imagem de nossa servidão, humilhação e violação. Penso que a questão da hubris, a ofensa contra os limites circunscritos e contra o destino, jaz no âmago do significado do planeta. Repetições desse tema também hão de ser encontradas no mito relativo ao signo de Escorpião, pois o escorpião nos mais antigos mitos sumerianos, babilônicos e egípcios, e também no grego clássico, é invariavelmente a criatura enviada por uma divindade zangada para punir a hubris de alguém.

Desde a sua primeira expressão em grego e latim, o mito de Escorpião tem sido relacionado com o desastre que atingiu Orion, o grande caçador cuja hubris o levou a ofender os deuses. O Escorpião atacou e matou-o, emergindo repentinamente das entranhas da terra — de um mundo além do qual Orion, o agredido, pertence. Pelo que sei, não existe nenhum texto astrológico no qual esse elemento de súbita e destrutiva agressividade não apareça como uma característica essencial de Escorpião. O simbolismo astrológico expressa esse fato atribuindo Escorpião a Ares (Marte), o deus ígneo e agressivo, senhor das catástrofes violentas e dramáticas; desse modo, confere imediatamente a Escorpião o significado central de um colapso no equilíbrio pela irrupção, das sombras, de um assaltante desconhecido. . . Escorpião, o signo da criatura que surge de umidades ctônicas, é de fato caracterizado cada vez mais claramente como o signo da impureza, da natureza primitiva, caótica, discordante, abominável, e que se revela por súbitas e perigosas irrupções.³⁹

Essa atraente descrição parece coincidir com o que temos visto de Plutão. É quase desnecessário acrescentar que, no mito de Orion, o escorpião gigante que destrói o grande caçador devido à *hubris* deste é mandado por Ártemis-Hécate, "senhora dos caminhos noturnos, da sorte e do mundo dos mortos".

O Plutão Astrológico

A natureza gosta de se esconder.
Heráclito

Gostaria agora de olhar com mais cuidado para Plutão no horóscopo. Em alguma parte no interior do mapa astral, encontraremos a entrada para a Grande Região Inferior, "em um bosque de álamos pretos perto das correntes oceânicas". De uma forma ou de outra, cada um de nós já se deparou ou vai se deparar com a imagem feminina do destino punitivo que castiga *a hubris* e repara o pecado familiar. Plutão move-se com muita lentidão pelo zodíaco, levando um período vagaroso de 248 anos para completar sua rotação. Visto que tantas pessoas nascem com Plutão em um determinado signo, ele marcará toda uma geração com uma compulsão particular, um tipo particular de obsessão e com uma forma particular de compensação.

É difícil falar em gerações de algum outro modo que não seja através de generalizações, porquanto algumas pessoas parecem encarnar o *zeitgeist* ou espírito de seu tempo, enquanto outras não parecem expressá-lo de maneira alguma. É ainda mais difícil para eu elaborar, a partir de exemplos vivos, sobre os temas da linhagem de Plutão, já que nunca encontrei alguém que viva com Plutão em Áries, Touro, Escorpião (pelo menos, ainda não), Sagitário, Capricórnio, Aquário ou Peixes. Minha experiência direta de Plutão é limitada às pessoas que o tenham colocado em Gêmeos, Leão, Câncer, Virgem e Libra e, na altura em que escrevo, aqueles com Plutão em Virgem e libra ainda não atingiram a maturidade nem exibiram inteiramente a potencialidade da colocação planetária. Isso não representa sequer a metade do zodíaco. E só posso tentar apreender uma sensação das maneiras pelas quais todo um grupo se reúne sob uma bandeira, responde de forma semelhante a desafios e pressões externas e internas, expressa as mesmas profundas necessidades e visões subterrâneas, pela observação de tendências, modas e comportamentos culturais e, o que é mais importante, pelo destino coletivo que esse grupo deve cumprir. Não desejo tentar isso apenas teoricamente e, por conseguinte, vou limitar minha descrição aos grupos com que tenho

maior experiência. Não pode ser acidental, não mais do que qualquer coincidência astrológica acidental, o fato de que a geração nascida com Plutão em Câncer, situando-se entre os anos de 1914 a 1939, tenha passado por duas guerras e pela completa destruição e transformação de tudo o que significa lar, nação, família e clã. Com esse grupo, a sacrossanta inviolabilidade da família e do país enquanto uma justificativa para tudo o mais, chegou ao fim. Essas são as pessoas cujos filhos se tornaram desajustados sociais ou marginais e que sofreram a subversão da unidade familiar enquanto lei básica. Talvez seja uma obsessiva superestima ou idealização o que, em parte, constitui a *hubris* que suscita a ira dos habitantes da Grande Região Inferior. Oferecer algo como tão cega obediência, seja ela a família, a nação ou mesmo um relacionamento, "pelo bem dos filhos", é uma forma de excesso. Conforme John Cooper Powys escreveu certa vez, o Diabo é algum Deus que começa a exigir obediência.

É claro que tenho visto esse intenso e irracional comprometimento com a família e o país com grande frequência entre os que possuem Plutão em Câncer, e, além disso, a perplexidade e decepção trágicas quando famílias e países eram separados à força durante suas existências. É como se esse grupo fosse marcado como o campo de batalha onde a ética e os velhos valores foram queimados no fogo purificador, liberando o coletivo de um pouco mais de cegueira e inconsciência na esfera das raízes e da família. O que herança, parentesco e submissão à nação significavam para essas pessoas é algo que os que nasceram depois talvez jamais compreendam, porque esses valores pertencem a uma geração que sofreu muito e se transformou com essa destruição. Se existe algo como uma lição a ser aprendida, então talvez seja sobre os perigos de interpretar nossas obsessões num nível objetivo. Todavia, estou mais inclinada a ver isso não como uma lição, mas como um destino necessário para que alguma coisa pudesse ser liberada ou aprofundada no seio do coletivo: uma ponte sobre a qual a geração vindoura possa combinar. O que quer que "lar", "família" ou "nação" signifiquem, os que têm Plutão em Câncer foram coagidos pelos acontecimentos de seu tempo a entender esses termos de uma maneira diferente e com mais profundidade, ou a viver com um cancro de amargura e de saudade por um passado que nunca mais voltará a existir.

Tampouco acho que seja acidental que a geração nascida com Plutão em Leão — a assim chamada geração do "eu", que se situa entre os anos de 1939 a 1958 — tenha feito um deus do individualismo e do direito ao destino e à expressão individual, embora tenha crescido num mundo onde ideologias políticas tendem crescentemente para o grupo, o coletivo, em detrimento do individual. Neste mundo, a tecnologia tornou-se tão sofisticada que os dons individuais estão ficando supérfluos porque um computador pode substituí-los melhor; ademais, uma economia mundial em retração e a extinção dos recursos naturais do planeta têm posto os instrumentos e meios para essa expressão individual fora do alcance de muitas pessoas. Durante a existência dos que têm Plutão em Leão, metade dos países do mundo aderiu a uma forma de socialismo ou comunismo que frustra com total crueldade a convicção leonina da santidade das diferenças e valores individuais.

Gerações também têm destinos, do afligidas com *a hubris* e com apego excessivo,

violentadas pela necessidade, e punidas com a eterna frustração dos desejos; e servem de referenciais, para o restante de nós, sobre as leis do destino e da mortalidade. Acredito que Plutão representa uma força tanto na psique coletiva como individual: uma ordem impessoal, uma Parca que nos faz lembrar perpetuamente dos limites da natureza que transgredimos por nossa própria conta e risco. Urano e Netuno também são grandes *daimones* coletivos, "deuses" dinâmicos no corpo do coletivo, que geram fluxos de novas idéias e fluxos de novas visões religiosas. Plutão é, para mim, o símbolo da Parca dentro da alma humana, fazendo rufar os tambores dos ciclos históricos periódicos e anunciando o fim da expansão na esfera de um signo particular: o encerramento de um capítulo começado 248 anos antes. Ele assinala o término determinado e o advento do destino.

Ainda que cada pessoa esteja ligada ao destino de sua geração, ela encontra Plutão basicamente através de uma determinada casa do horóscopo e através dos aspectos desse planeta com relação aos planetas mais pessoais. Assim, a rígida lei da natureza nos confronta ao longo de domínios muito pessoais da vida e aparece como sendo "meu destino". Uma casa astrológica é como um palco no qual os atores representam. O fundo do cenário é habilmente pintado para representar "dinheiro", "lar", "amizades", "companheiros", "saúde", "filhos". Já comentei em algum lugar deste livro a respeito dos múltiplos significados das diversas casas, de modo que não vou descrevê-los aqui. Os cenários, dentro de um tema básico, podem assumir diferentes colorações. Contudo, é um pintor subjetivo que desenha essas telas de fundo que constituem as casas; elas, como a geografia do Hades, são, na verdade, paisagens interiores que projetamos sobre objetos exteriores. O modo subjetivo pelo qual percebemos o mundo exterior é colorido pelos signos e planetas que ocupam uma determinada casa astrológica, e cada pessoa possui uma visão distinta. Desse modo, com Plutão colocado numa dada casa do horóscopo, alguma esfera da vida torna-se o lugar em que se depara com a justiça equitativa associada com o pecado ancestral, sendo as limitações da natureza punidas congenitamente na pessoa por meio do que parece ser o "meu problema", "minha ferida incurável".

Encontrar Plutão na sétima casa, por exemplo, significa encontrar a Parca através de um parceiro, do "outro". As circunstâncias podem variar enormemente. O divórcio é comum, assim como os triângulos amorosos, as rejeições dolorosas, experiências de domínio e submissão dentro do relacionamento, sacrifício total da relação devido a convicções ou circunstâncias, morte do parceiro, confronto com a loucura de outrem, casamento com alguém que traz uma grande ou concreta carga emocional, problemas sexuais e conflitos de poder. Todas essas sanções são típicas de Plutão na sétima casa. As variações são enormes, mas o tema é um só: relacionamentos são o lugar onde se está sujeito a algo muito mais forte e inevitável do que as escolhas e vontade próprias.

Às vezes, a pessoa pode escolher trabalhar com outros que estão enredados na teia de Plutão, o que é uma outra forma de encontrá-lo na esfera dos relacionamentos. Nesse caso, encontramos o médico, o psicanalista, o psicólogo e, inclusive, o político, que tem de lidar com um mundo não menos louco do que aquele que o profissional médico seu correlato deverá enfrentar. Existe tanta compulsão na escolha dessas profissões quanto no mundo mais envolvente de uma

relação plutônica amorosa; no entanto, tem-se a ilusão de que se trata de um "trabalho".

O significado intrínseco a todas essas variações parece ser o mesmo: não há nada que se possa fazer, a não ser confiar no destino. É esse sentimento de impotência que parece impregnar cada encontro com Plutão, e aqui a impotência é experimentada com relação a outrem. Ou o parceiro impõe um destino sobre o qual a pessoa nada pode fazer, ou a própria pessoa se acha estruturada de certa maneira e não consegue, por mais que tente, alterar suas necessidades ou esquemas de relacionamento. Todos os encontros pessoais são turbulentos e, quanto mais profundo o encontro, menos controle sobre ele tem a pessoa. Assim sendo, as mudanças mais profundas ocorrem através desses encontros. Tenho constatado que muitas pessoas com Plutão na sétima casa desenvolvem o hábito de evitar um relacionamento profundo, a fim de que o destino não seja invocado e as emoções que pertencem ao domínio de Eresquigal não sejam liberadas. Tenho visto também muitas situações em que as emoções primordiais do inconsciente são projetadas no parceiro. No entanto, o destino não se deixará enganar, e parece surpreender a pessoa mais cedo ou mais tarde, por mais que ela lhe tente escapar. Essa é uma maneira bastante popular de vivenciar Plutão na sétima casa. É o parceiro quem é depravado, violento, traiçoeiro, dominador, castrador, voraz, inibidor, manipulador, cruel. Não precisa enfatizar a intensidade com que o próprio comportamento inconsciente da pessoa é capaz de atrair emoções tão primitivas, até mesmo do companheiro mais civilizado. Obviamente não é, na realidade, o outro quem é todas essas coisas, antes, porém, uma deidade, um poder primevo na vida que a gente percebe através do outro. É esse poder que nos força a aceitar o rosto incivilizado da natureza como um ingrediente necessário da experiência. E esse terrível outro alguém jamais entraria na vida da pessoa disfarçado de parceiro, amante, amigo ou "público" (pois essa é uma outra tela de fundo do palco que faz parte da sétima casa), se esse recôndito Outrem não habitasse em alguma parte do íntimo dela, não fosse o invisível feiticeiro e deflorador da sua alma. O parceiro pode ir embora, ser desleal, enganar, reprimir, morrer ou apresentar penosas e, muitas vezes, insuperáveis dificuldades. Mas é através desse parceiro que um poder arquetípico é encontrado. Estamos à vontade em todos os lugares, menos neste, onde nos deparamos com a Necessidade.

Não desejo aqui descrever as manifestações de Plutão no horóscopo casa por casa. Não é minha intenção fornecer um "receituário" para a interpretação desse planeta, antes, porém, focalizar a atenção sobre a sensação e o significado de Plutão de um modo mais genérico. O leitor, sem dúvida, poderá descobrir o restante por si mesmo. Os confrontos com o poder e a impotência, a perda e o desejo frustrado, e a cura virtual que advém da aceitação da Necessidade são características de Plutão em todas as casas. Algumas, como a sétima e a décima, tendem a nos apresentar pessoas e objetos, enquanto outras, como a oitava e a décima segunda, tendem a nos apresentar objetos e estados emocionais subjetivos — os atores .incorpóreos na peça. Seja como for, o encontro é o mesmo. A deusa Necessidade, cujo nome grego é Arranque e que encontramos na visão cósmica de Plutão, é uma outra imagem que vale a pena examinar no sentido de ampliar o significado astrológico de Plutão. No mito grego clássico, a Necessidade é sempre citada e vivenciada no que James Hillman chama de "modos patologizados".

Experiências patologizadas estão, freqüentemente, associadas com Ananque (Necessidade). . . Em essência, necessidade significa um vínculo fisicamente opressivo de servidão a um poder inevitável. Os relacionamentos familiares e os laços que mantemos em nossos mundos pessoais são modos pelos quais vivenciamos a força da necessidade. Nossas tentativas para nos livrarmos de obrigações pessoais são tentativas de escapar do círculo fechado de Ananque.⁴⁰

Uma qualidade de crônico e repetitivo sofrimento ou restrição, que retorna em círculos inúmeras vezes, exatamente quando a pessoa se acha livre deles, é algo que associa ao efeito de Plutão nas esferas da vida representadas pelas casas astrológicas. Não existe nunca solução, mas, ao contrário, um movimento em espiral que leva a pessoa cada vez mais para dentro de si mesma. Isso poderia também ser descrito como a sensação de estar acorrentado a alguma coisa, assim como Ananque, na visão de Platão, "acorrenta" ou submete os céus ao círculo, de acordo com a sua lei. Conheço, por exemplo, muitas pessoas que têm Plutão na nona casa e que se sentem agrilhoadas dessa maneira ao que elas entendem por Deus, o "opressivo vínculo de servidão" a um anseio que não pode ser senão beatífico. A sétima casa a que já me referi, e a sensação de estar preso a um parceiro, são típicas dessa posição de Plutão. Já vi, inclusive, Plutão agir assim através da quarta casa, atando a pessoa a sua hereditariedade e aos seus mitos familiares de tal forma que estes não conseguem ser resolvidos psicologicamente ou esquecidos, mesmo que milhares de quilômetros separem a pessoa de sua família de origem.

A décima casa é também a casa do "mundo", que constitui ainda o corpo da mãe; e ela, além de acorrentar a pessoa a posições de responsabilidade dentro dela, pune ferozmente qualquer transgressão além dos limites estabelecidos. Estou pensando aqui no exemplo, dentre outros, de Richard Nixon, que tem Plutão na décima casa, em Gêmeos, e que, desconfio, não é mais corrupto do que a maioria dos políticos americanos. Era, porém, destino dele ser apanhado e tornar-se o bode expiatório público de um "mundo" ultrajado. Tampouco foi o caso Watergate o primeiro gosto de Ananque que Nixon provou; sua carreira política é entrecruzada de repetitivos rastros de fracasso precisamente no momento de realização, e de subsequente ressurreição, seguida de novo fracasso. E como se queixa Prometeu, no drama de Esquilo:

*Oh, ai de mim!
Sofro pelo mal presente,
Sofro pelo mal vindouro, sofro
sem saber quando virá um tempo
em que Ele fixará um limite para meus sofrimentos.
O que estou dizendo? Eu já sabia de tudo antes,
de tudo que será, e o sabia claramente; para mim,
nada que fere surgirá com um rosto novo.
Portanto, tenho que suportar, tio levemente quanto possa,
o destino que a sorte me reservou;
pois bem sei que contra a Necessidade,
contra a sua força, ninguém pode lutar e vencer.*⁴¹

Nem mesmo um deus, diz Platão, pode competir com a Necessidade.

Quando discuto com meus clientes as várias posições de Plutão no horóscopo, fico impressionada com o fato de que o método psicológico, geralmente produtivo, de trazer elementos inconscientes à consciência não faz, no final das contas, tanta diferença. Ele pode, entretanto, interiorizar o dilema de modo a que Plutão não seja encontrado tão cegamente nas pessoas e nos acontecimentos exteriores. Além do mais, analisar a fundo para desenterrar as experiências básicas que formam a teia de dependência com relação ao passado pode liberar uma sensação profunda de "correção" ou de significado. Apesar disso, o destino não desaparece, o que não quer dizer que a compreensão psicológica é irrelevante com Plutão. Parece ser totalmente o inverso, pois é apenas essa compulsão para encontrar as raízes de um problema que introduz a pessoa à realidade de Parca. Mas, uma vez que se tenha raspado o fundo do tacho e que os ultrajes, rancores, dores, venenos, separações e mágoas pessoais de infância tenham sido contatados, expressos e inclusive perdoados, existe ainda o próprio tacho, com a forma já inscrita da servidão individual. Se se já está preso a Deus, com Plutão na nona casa, então se continua preso a Deus. É que a cobertura da mãe e do pai de cada pessoa, o culto religioso da infância, os ensinamentos morais inculcados etc. já não mais conseguem disfarçar a rígida e premeditada natureza da corrente.

O que dizer, então, ao cliente de astrologia ou a si mesmo? Atena abrande a cólera das Erínias concedendo-lhes um lugar de honra na hierarquia divina: um altar e um culto respeitoso. Ela subverte o ditado que diz que "o alimento é oferecido a um dos dois, mas não a ambos". As pequenas carpideiras de Enqui atenuam o horrendo sofrimento e a fúria de Eresquigal ouvindo, sendo receptivas, aguardando sem julgamentos. Se existe mais alguma coisa que possamos fazer, já é uma outra questão. Há uma história de esforços não só para evitar ou escapar ao destino na corrente da filosofia neoplatônica, como ainda para transformá-lo; ou talvez, para sermos mais exatos, para transformar a relação da pessoa com ele. Iremos examinar isso mais a fundo no devido tempo. Todavia, muito do trabalho de transformação, se é que é realmente isso, reside também no preceito mítico de prestar honra, escutar, aceitar e esperar. Não creio que haja qualquer outra forma de aprender a ter respeito pelas próprias leis íntimas. Qualquer método mais cerebral ou intencional, não dá mostras de penetrar nos vestíbulos da Grande Região Inferior, podendo, além disso, enfiar uma divindade já furiosa por si. Pelo que tenho visto de Plutão, acharia engraçado se ele não fosse invariavelmente tão penoso, quando se fala em "dominar" ou "transcender" esse planeta.

Desejo agora investigar com maiores detalhes alguns dos aspectos de Plutão. Preciso dizer mais uma vez que não estou tentando fornecer um "receituário" de interpretações, de modo que nem todos os aspectos de Plutão com este ou aquele planeta são mencionados. Em vez disso, vou procurar lançar mais luz sobre as questões do destino individual que o planeta parece refletir. Um aspecto astrológico entre dois planetas — pouco importa se é uma conjunção, quadratura, oposição, sextil, trígono, sesquiquadratura ou quintil — os torna perpétuos companheiros de leito. Ou, para expressar de outra maneira, os deuses ou motivações, que os planetas representam, não podem ser dissociados, senão combinados e alinhados tanto nos níveis externos como internos até que a morte os separe da pessoa. Assim sendo, devemos considerar que tipo de companheiro Plutão representa

e o que ele faz, no leito ou fora dele, para aqueles planetas com que demonstra certo aspecto. Hades e Eresquigal, é claro, nos fornecem um esquema conciso de imagens, pois já vimos com que disposição acolhem os visitantes em seus domínios. Estupro, morte, sofrimento, servidão e ressurreição são seus temas.

Os aspectos de Plutão com relação ao Sol, à Lua e ao ascendente, especialmente as conjunções, quadraturas e oposições, parecem surgir com grande regularidade nos mapas daquelas pessoas em cujas vidas o destino notavelmente se introduz. Quer esse destino seja algo externo — doença, defeito congênito, morte, confrontos com exércitos ou governos estrangeiros — ou algo interno — loucura, na própria pessoa ou num parente próximo, pesadelos, obsessões e compulsões—, não são essas as pessoas com quem se pode conversar por muito tempo sobre "projetos". Embora as circunstâncias variem, existe geralmente um senso de confrontação com algo irrevogável, que *precisa* ser enfrentado e reconhecido. Talvez seja possível escolher o lugar onde esse encontro se realiza; tenho trabalhado com muitas pessoas que têm o Sol em Plutão, por exemplo, e que escolheram enfrentar o seu lado doentio, insano ou primordial por intermédio das profissões médicas ou da política. Esta, porém, talvez seja uma decisão madura (se é que realmente é uma decisão), tomada na segunda metade da vida, para lidar com algo que a pessoa tem de aceitar como uma necessidade sua. Muitas vezes, são justamente essas pessoas que sofreram com Plutão bem cedo na vida e que lutam para abrir caminho até os aspectos saudáveis da destruição. No entanto, se o reino plutoniano for excluído por uma pessoa em que o planeta se manifesta com força, então parece que o problema advém como consequência. Tenho visto muitos contatos de Sol e de Lua com Plutão num bom número de casos de depressão psicótica, em que o inimigo não é algo físico, mas se acha enterrado no turbulento íntimo da própria pessoa.

Por vezes, os aspectos Sol-Plutão e Lua-Plutão são vivenciados externamente por meio de um esposo ou esposa violentos e perturbados, uma mãe enferma, um filho problemático, um ventre estéril, uma doença hereditária. Quando está se manifestando numa dessas formas, Plutão não é nada engraçado. Acredito, porém, que essas diferentes faces de servidão seja intencionais, no sentido de que Moira é intencional. Algo é retirado, para que uma outra coisa possa se desenvolver em seu lugar. As sementes dessa servidão recuam a várias gerações atrás, de modo que os pecados dos pais recebam o verdadeiro castigo nos filhos, passando a ser tarefa destes tentar encontrar alguma forma de compreensão. Se não se aceitar esse desafio, então só haverá negro desespero e rancor contra a vida. Passei a perceber que quando Plutão se encontra fortemente marcado no horóscopo natal, a pessoa se defronta com a tarefa de resgatar ou transferir alguma coisa para o coletivo mais amplo, coisa que só ela é capaz ou está qualificada a fazer; ou, posto em outros termos, ela se defronta com a expiação do pecado ancestral, devendo tornar-se uma ponte que algo antigo, indiferenciado e proscrito possa atravessar para encontrar acolhida na consciência. O destino coletivo aqui se impõe sobre a vida da pessoa, podendo exigir grande esforço e sacrifício. Existe também redenção nesse tipo de confronto com o destino, já que a "capacidade de fazer com alegria o que tenho de fazer" relaciona o ego com um cosmo eterno e interligado. Esse efeito transformador de Plutão oferece, ao que parece, uma renovação da vida mediante a capacidade de vê-la com olhos diferen

tes. É em si mesmo uma experiência profundamente religiosa, apesar de ter pouca relação com algum espírito celestial e estar muito mais relacionada com a proteção dos instintos e com o pólo feminino da vida. Paracelso, médico e astrólogo do século XVI, expressou-a da seguinte forma:

O que é, então, felicidade senão concordância com a ordem natural através do conhecimento da natureza? E o que é infelicidade senão oposição à ordem natural? O que anda na luz não é infeliz, nem é infeliz o que anda nas trevas. Ambos estão certos. Ambos agem corretamente, cada qual em seu próprio caminho. O que não se deixa abater é o que obedece à ordem. Mas o que se deixa abater é o que a desobedeceu⁴²

Às vezes obediência à ordem da natureza pode estar além dos recursos de uma pessoa. Existem solidão, isolamento e desespero extremos — representados no confronto de Inanna com Eresquigal — que, caso a pessoa não possua um ego forte para contê-los, podem acabar se tornando insuportáveis. Num universo teórico e ideal, talvez fosse "preciso" lidar com Plutão de uma maneira esclarecida. Mas não vivemos num mundo assim, e não estou convencida de que isto seja "culpa" da "sociedade" na mesma proporção em que é um dos aspectos mais desoladores do progresso irregular da evolução humana. Transcrevo abaixo o sonho de um homem que é uma dessas pessoas cuja história me leva a questionar o modo capcioso com que a astrologia se mostra por vezes inclinada a tratar dos aspectos difíceis de Plutão no horóscopo de nascimento. Reproduzi também seu mapa astrológico, apesar de não dispor da hora do nascimento; temos, pois, que nos contentar com um mapa "plano" sem um ascendente ou ápices das casas. O sonho é o seguinte:

Estou num sítio rochoso. Diante de mim há um lago sem fundo, de água escura, que alcança até o fundo das rochas. Alguma coisa sobe flutuando para a superfície, vindo bem lá debaixo. Estou firmemente agarrado às rochas, cheio de terror, e não consigo me mover. Acordo antes que a coisa chegue à superfície, mas consigo vê-la por entre a água. É uma múmia egípcia, envolta em ataduras.

Não sei de uma imagem mais plutoniana do que essa antiga múmia emergindo à tona das incomensuráveis profundezas da água escura. O sonhador, entretanto, não dispunha de recursos para fazer frente à exigência do destino de que algo fosse defrontado. O sonho, e parte da formação pregressa do jovem, a quem chamo Timothy S., me foram transmitidos pelo psiquiatra com quem ele estava se tratando. Não muito depois de ter tido esse sonho, ele cometeu suicídio. Sua morte não foi uma dessas frustradas tentativas para chamar a atenção, mas uma auto-sentença cuidadosamente planejada e executada com perfeição. Não falou dos seus sentimentos suicidas com o psiquiatra; simplesmente saiu de sua última sessão com um comentário sobre a próxima entrevista, daí a um ou dois dias; depois, ligou o tubo de descarga do seu carro num bosque isolado até morrer asfixiado.

Timothy tinha um longo histórico de distúrbio psiquiátrico e recebera um repetido

tratamento por prostração depressiva. Ele vivenciou um constante t isolamento e de repulsa a si mesmo. Jamais estabelecera qualqu íntimo com um outro homem ou mulher; travara um combate co incipientes sentimentos de necessidade e de simpatia para com s estadia no inferno era insuportável para ele, mas o sofrime relacionamento parecia ainda mais insuportável. Evidentemen desprender-se, de uma vez por todas, de sua agonia. Deixou para tr uma biografia requerida por muitas instituições psiquiátricas, que é u de seu mundo plutoniano e ao qual expresso minha gratidão por po trecho.

Sinto-me neste momento desesperadamente só, apavorado, num deprimido... Compreendo que se trata de uma crise; no entanto, o n nascer e o velho não morrerá; assim, onde está a saída para ess outra noite insone e atormentado; não sei o que é que tem cau dentro de mim, mas seja lá o que for sempre existiu. Sempre me a maneira ou de outra, feito um verme corroendo uma maçã. consumiu inteiramente e não agüento mais. O que os médicos pod

Os sentimentos de antipsiquiatria predominantes entre mu consultores poderiam ser invocados aqui, mas não acho que se situação. O homem que trabalhou com Timothy tinha perfeito necessidade de lidar com seu jovem paciente num grau maior de humanidade do que aquele geralmente encontrado dentro dos psiquiátricos, e estou certa, a partir de minhas próprias conclusões s o mapa astral, de que não existe qualquer culpa nesse caso. Talvez a profunda de psicoterapia feita mais cedo na vida do paciente poderi na época em que Timothy começou a se tratar com meu colega. e

a agressão e a poderosa sexualidade sugeridas pela configuração próprio Timothy. Entretanto, é claro que muitas pessoas nascem com Escorpião em quadratura com a conjunção Marte-Saturno-Plutão e todas têm prostrações depressivas e se suicidam. Algumas até se tornaram psicoterapeutas. Mas mesmo o exame mais cuidadoso dos antecedentes não explicaria por que Timothy não dispunha de recursos pessoais para lidar com a escuridão dentro de si. Não explicaria a origem dessa escuridão intrínseca. Do ponto de vista da astrologia, essa escuridão é um caso de destino. Timothy nasceu com a necessidade de viver com uma força poderosa dentro de si, que nem os padrões coletivos de sua família ou os padrões culturais prepararam para entender. Ficava horrorizado com as violentas fantasmas que atormentavam e com a descoberta da crueldade e da bestialidade que talvez, os pais possam ser levados em conta; não houve aceitação do lado mais primitivo de sua natureza. Mas não conheço muitos casos de Timothy que seriam capazes de visão e de compreensão dessa realidade. Uma das importantes conclusões da astrologia nesse caso é que cada um dos deuses é desigual dos diferentes deuses. A raiva e a paixão invertidas de Marte em quadratura com um Sol em Escorpião não são "causadas" pela negligência dos pais. Sem dúvida, o retrato subjetivo do pai em Escorpião em aspectos não é muito edificante, mas essas paixões já estavam lá antes de Timothy como o próprio Timothy percebeu.

Devido à ligação muito forte entre Escorpião e Plutão e o que representa como escória, discórdia e emoção inaceitável, é fácil para a pessoa com esse signo se como a personificação de todo o lado sombrio da família, o pai ou a mãe, a escuridão. Entretanto, culpar a cultura é absurdo, pois há pais e mães operando na cultura assim como na pessoa, e durante os últimos séculos os arquétipos dominantes no Ocidente têm-se deslocado em direção ao Sul. Culpar a família é igualmente absurdo, pois seus membros sofreram

seja necessária para todos. Pelo número de assinaturas, até parece que conseguem moldar seu casamento pelos padrões das revistas femininas. Safar-se com essa bendita ignorância ou essa bendita simplicidade do destino simplesmente não seja ter Eresquigal como companheira de vida.

Não é assim com Vênus-Plutão; Plutão inicia Vênus no que jaz de bom e dos gestos elegantes do namoro romântico. O que está por baixo não é "bonito", e certamente não é "justo". Para a pessoa Vênus-Plutão, ao alcançar a metade da vida, o destino pode ainda não ter-se dado a conhecer, mas se visível mais tarde, razão por que esse aspecto adquiriu a fama de traição em casamentos. Vênus-Plutão também tem uma propensão aos triângulos amorosos, não são justos nem desejados, mas são um fato da vida, geralmente não são geradores de um sofrimento considerável para todos os participantes. Vênus é frio ou "liberado" como Vênus-Urano, nem mártir e auto-imolador como Netuno. Em termos de características de personalidade, é orgulhoso, apaixonado, intenso e muitas vezes dolorosamente leal, exatamente como Eresquigal. A intensidade de sua paixão geralmente anda lado a lado com despeito, perda, manipulação e a revelação do próprio potencial de destruição. Ama. O destino de Vênus. Plutão pode ser o traído e, com igual frequência, o traidor. Mas parece que a experiência da traição impregna necessariamente o destino. Constatado que a quadratura e a oposição entre Vênus e Plutão são "rejeitam" o lado plutoniano. Ouve-se então a antiqüíssima justificativa: "que sou ciumento e possessivo/traçoeiro e desleal, é minha mulher que me trai". Obstante, apesar desse esforço muito compreensível e muito humano, não obstante, apesar das outras qualidades desagradáveis do aspecto, o choque como muitas vezes as emoções ferventes e ambivalentes, ainda tem a probabilidade de ser um relacionamento, não importa de quem sela a "culpa". Deixar um romance para buscar um romance menos problemático, simplesmente tende à regra do padrão.

*E tendo uma vez se virado para trás, segue caminhando
E nunca mais olha para trás;
Porque sabe que um demônio assustador
Segue-o bem de perto.*

Esse é o encontro com o inconsciente, que a princípio parece aterrador. A "sombra preta" que se aproxima da sonhadora vinha de uma treita que leva à floresta impenetrável da psique acabou personificada em duas seguintes, no que já vimos de Eresquigal; pois esse sonho de mim e de mim chamarei de Caroline, foi o anúncio de uma irrupção quase psicótica de destrutividade, horror da separação e medo obsessivo de câncer uterino sem base médica, mas que aparentemente materializava no corpo o elemento corrosivo. Tenho constatado que muitas pessoas que têm o elemento Plutão no horóscopo tendem a experimentar essas irrupções inconscientes por vezes como uma fantasia de doença corporal. Caroline tinha sido uma "boa e perfeita" e, entre a família e os amigos era conhecida pelo otimismo e natureza alegre — o que seria de se esperar com o Sol em Leão. Não havia na profundidade maior da conjunção Sol-Plutão. Ainda não lhe havia, mas tinha amputado certos aspectos de si mesma para corresponder a essa conjunção. Com Vênus em Libra no mapa natal, ela acalentava ideais muito românticos de amor e casamento, e não tolerava "cenas" ou emoções negativas e conflitos. Nunca ficava zangada e quase sempre cedia aos outros, sendo chamada de "egoísta". As qualidades mais sombrias de Plutão, que não se esperam pela conjunção com o Sol, eram carregadas pelo pai, que se casou com outra mulher quando Caroline era bem jovem. Torna-se óbvio, sem necessidade de grandes explicações, que a conjuntura parental foi em parte responsável pelos árduos esforços para ser *perfeita*.

Caroline descobriu que era útil representar suas...

Ares é descrito como um demônio enfurecido e sanguinário, cuja vitória não passa de gabolice comparada ao poder racional de uma mulher. Ele é chamado de "louco" e "furioso"; não sabe "o que é certo", não tem consciência e se "ora para um, ora para outro". Para Zeus, "nenhum deus do Olimpo tem medo de Ares, quanto ele, porque "só pensa em lutas, guerras e bata-lhas" ... A origem da antiga religião da terra, onde sua selvageria tem um paralelo com a chacina. Como o *daimon* da matança sangrenta, ainda representa um elemento temível para Homero. Seu elemento é a matança de homens; o "destruidor", o "assassino de homens"⁴³

Não é um alegre companheiro de cama — mas Plutão também não é. Na cosmogonia dos deuses de Hesíodo, Ares é o filho partenogênico da Hera, a Deusa. O nascimento de Ares acontece porque Hera fica furiosa com a audácia de gerar a deusa Atena de sua cabeça, sem a ajuda de Zeus. Hera precisa equiparar-se a ele. Transformando em jargão psicológico, a alma de Zeus, a sabedoria feminina do homem; e Ares é uma expressão negativa do animus de Hera, o espírito de luta da mulher. O fato de Ares ser filho de uma mãe liga-o imediatamente a Hades, que é o falo de uma mãe. Zeus, como Homero, acha que o lugar apropriado para Ares é entre os titãs e nas profundezas do Tártaro. Esse deus da guerra não tinha nenhuma honra; seu tamanho é enorme (231 m de altura) e ele é todo de ferro. Em resumo, Ares é uma imagem do ultraje de Hera.

Ares-Marte é masculino da mesma forma que Hades-Plutão é masculino. Eles são servidores e expressões masculinas de uma antiga deusa-mãe que representa a visão primitiva do mundo, onde o homem se subordinava ao poder feminino da procriação. Marte e Plutão obedecem aos poderes da terra e da guerra.

de Marte-Plutão. O mesmo acontece com Caliban, o bestial na contrapartida negra do mágico Próspero em *The Tempest*, de Shakespeare; também é um filho de uma mãe, uma criatura da terra. D. II. Lawlor tem Marte e Plutão em sextil no horóscopo natal, instilou essas mesmas características de Mellors, o guarda-florestal de *O amante de Lady Chatterley*; as características menos favoráveis de Marte-Plutão também podem ser vistas na figura do estuprador, e essa imagem não é incomum em sonhos e fantasmas não na vida real — das pessoas que têm Marte-Plutão natais em quadratura e oposição.

Compreensivelmente, existe com freqüência um profundo medo de aspectos mais primitivos representados pelos aspectos Marte-Plutão, embora os aspectos masculinos aparentemente feios possuam boa dose de sabedoria, de sobrevivência e de fertilidade, tanto biológica quanto psíquica, que tem sido atribuídos aos deuses alados dos céus. A violência e a paixão de Ares são assustadoras para o homem civilizado, facilmente cortadas e "banidas para o Tártaro" — em vez de reprimidas. Essa questão pode ser particularmente dolorosa para um homem com Marte-Plutão, pois Marte está ligado ao senso de confiança do homem, à virilidade e autodeterminação. O repúdio de Marte-Plutão devido à sua natureza resulta freqüentemente num senso de impotência, de castração e de falta de controle. Isso deixa o homem aberto ao domínio das mulheres; como consequência, culpa a mãe pelo problema, se pensa psicologicamente; mas a dificuldade não vem tanto com a mãe, mas com a repulsa que Zeus sente por Ares, e não simplesmente, que a pessoa de orientação intelectual e espiritual sente repulsa pelos corporais e seus desejos carnis. Nesse contexto, o horóscopo de Timothy que mostrei anteriormente talvez seja esclarecedor, pois a depressão é, em parte, uma inversão da raiva violenta; Timothy era uma pessoa que não conseguia em nenhuma forma de enfrentar ou achar um canal de saída para o que o co-

pertence à deusa e é retratado como um proscrito eternamente faminto no alambique selado e assado lentamente no fogo, até se consumir. Parece que Marte-Plutão muitas vezes é forçado a aceitar uma realidade e reconhecer e valorizar as qualidades primitivas da natureza, e ao mesmo tempo a frustração da expressão dessas qualidades até terem sido purificadas. Este aspecto em particular que me faz asseverar a validade da crença de que Marte-Plutão inconsciente deseja tornar-se consciente, mas também não deseja, e se liberta com muito conflito e muito esforço.

Pela minha experiência, Marte-Plutão parece surgir no sonho como um homem negro. Não há dúvida de que esse é um símbolo de nossa cultura ocidental, predominantemente branca. A figura de Marte-Plutão também era uma das prediletas dos alquimistas, que o chamavam de *prima materia*, acreditavam que ele fosse a *prima materia*, a matéria bruta da qual se executava o trabalho alquímico. James Hillman sugere que se pensa em pessoas negras, nos sonhos, em termos de sua semelhança com o infernal. Seus atributos de ocultação e de estupro pertencem ao "violentadora" de Hades... como sua perseguição igualmente se a empreendida por demônios da morte. São fantasmas que vivem no subterrâneo reprimido — não simplesmente do gueto reprimido . . . para baixo, roubam seus "bens" e ameaçam o ego por trás das portas

O homem negro e o lobo são símbolos tipicamente plutonianos. O mlobisomem, essa estranha criatura do folclore da Europa Oriental que o homem que, na Lua cheia, se transforma contra sua vontade em b

O estupro e a vítima estão ligados por uma experiência comum, algo mais em comum: um cenário psicológico refletido pela constelação. Bradley Te Paske, em seu livro extremamente revelador, *Rape: A Psychological Study*, começa citando alguns recentes estudos americanos sobre estupro e ressalta que cerca de um terço dos estuprodores investigados são sujeitos a algum trauma sexual na juventude. Muitas vezes esses estuprodores foram também cometidos pela mãe, e aqui há uma conclusão clara. O estupro e os abusos sexuais semelhantes não são prerrogativa exclusiva do macho bárbaro. O termo "macho" seja usado no sentido de também abranger o animus; e o tema do estupro e a vítima podem relacionar-se a uma só pessoa.

Te Paske examina em seguida o mito Hades-Perséfone obviamente relacionado ao estupro, pelo estranho envolvimento da mãe-deusa no estupro da própria filha. Ele cita o trabalho de Jung sobre "Os aspectos psicológicos do Kore":

O desamparo da virgem sujeita-a a todo tipo de perigos, por exemplo, ser devorada pelos répteis ou ser ritualmente assassinada como um animal sacrificado. Há orgias sangrentas, cruéis, até obscenas, tendo como vítima a criança. Muitas vezes há um verdadeiro *nekyia*, uma descida ao Hades e uma procura por algo difícil de obter", ocasionalmente ligados a ritos orgiásticos ou o sacrifício de sangue menstrual à lua. Estranhamente, as várias torturas e castigos são realizadas por uma "Mãe Terra".⁴⁷

Há uma sugestão muito perturbadora nesse tema mítico. Parece que a Mãe, em sua forma fálica como Hades, é o estuprodores; e o objetivo é a filha virgem e incipientemente erótica. Te Paske sugere que essa situação é um conflito básico entre o feminino maternal instintivo e o feminino individualizado, conflito que, se for muito grande, pode levar à criação

como a Grande Mãe. Assim, por um lado, sonhos de estupro necessariamente representar nada patológico, mas podem ocorrer como processo do desenvolvimento da individualidade. O estuprador, por acordo com Te Paske, em geral é ligado à mãe, e busca tanto a virilidade masculina quanto a salvação através de sua vítima durante o ato do estupro. Apesar de que, a despeito da violência e da grosseria do ato, tantos estupra-dores procuram que suas vítimas se o desempenho sexual deles foi bom.

A pessoa pode ser um Charles Manson, um estuprador de menor idade ou apenas mais um macho conquistador, mas a influência do aspecto materno na mãe desempenha um papel importante em sua psicologia ...encaramos o aspecto psíquico do estupro em termos de um medo penetrante do aspecto feminino, e da simultânea capitulação ante seu poder, apenas um aspecto que é enfatizado⁴⁸

Mais adiante, no livro, ele exprime essa conclusão ainda mais sucintamente:

Num sentido profundo, o estupro é uma tentativa de matricídio psicológico quando a mãe é muito poderosamente interna e muito profundamente repressiva para ser enfrentada como problema interior, é a mulher exterior que quer a afirmação concreta do poder masculino.⁴⁹

Essa afirmação do poder e da virilidade masculinos em luta com a mãe castradora e devoradora do inconsciente feminino é representada, na mitologia astrológica, pelo conflito entre Marte e Plutão. Isso é bastante comum em termos da psicologia masculina. Mas a mulher vítima de estupro freqüentemente é associada à constelação Marte-Plutão. A implicação, aqui, é que o mesmo drama se

"a serviço" de sua mãe, que era uma filha ilegítima cuja infância foi pobre. Essa mãe trazia dentro de si uma raiva enorme e bastante visível à superfície em cenas de choro e brigas conjugais corriqueiras, e crítica destrutiva contra a filha. Esse é verdadeiramente o ultraje da mãe a filha como herança psíquica. O Marte de Ruth, representando o individual e criativo, estava totalmente nas garras da mãe. O pai era exército, aposentado; embora fosse descrito como "fraco" com violência expressava regularmente violência com os filhos e um tipo de violência disfarçada com Ruth. Não é de surpreender que no horóscopo de Ruth haja quadratura com Plutão e em conjunção com o Meio-do-Céu — o pântano pertence à herança recebida da mãe. O sonho é o seguinte:

Estou num quarto com um homem negro, zangado e perigoso, que me ameaça imediatamente de outros sonhos. Estou terrivelmente assustada. Tento fugir e pergunto por que ele me persegue. Ele diz: "Se você mostrar ódio, vou mostrar ódio contra você."

Este sonho, à luz do que viemos investigando, é tão transparente quanto a interpretação. Não diz respeito tanto às raízes do problema como a uma tentativa de lidar com ele. Aqui, o inconsciente, que por um lado se retrata como violento, por outro lado oferece ao ego uma forma de reconciliação. O "homem negro perigoso" não pode ser reduzido simplesmente a um aspecto agressivo, mas muito mais do que isso. E o "princípio da individuação em seu sentido querendo ser posto em discussão; presumivelmente ele a está perseguindo porque ainda não se libertou da identificação com a psique da mãe. É também uma expressão poderosa raiva e do potencial criativo da família, arrojados por fora, manifestando-se de forma assustadora na psique de Ruth — e em

Talvez absolutamente não haja soluções, apenas acordos, pois a não pode de forma alguma repudiar os elementos primitivos. Nesse aspecto, o desenvolvimento individual parece exigir uma opção a esse desenvolvimento, e a harmonia só é possível quando muda — "morre", num certo sentido, na hora do "casamento". Esses aspectos no mapa de nascimento constituem um destino para a pessoa restaurar a dignidade e o valor de algo proscrito há muito tempo.

As poucas descrições que fiz de alguns dos aspectos de Plutão, como adverti, de proporcionar interpretações fáceis para o astro, não ilustram um tema, e são exemplos isolados de uma história que me convencer de que é a história básica de Plutão. A Mãe Primitiva, nosso símbolo astrológico — o mundo do útero, o inferno, a turba, o instinto — é aquele antigo poder que os gregos chamavam de *Moira*. Ela vive no século XX, sob formas que talvez só possam ser compreendidas na linguagem da psicologia profunda. *Moira* é sem dúvida uma deusa, a luz brilhante da consciência do ego a repudia e despreza sua natureza. O mais difícil de aceitar é que ela vai infligir sua vingança aos que se equivocaram. Mas talvez, de uma perspectiva mais profunda, isso não é tão quanto parece, já que a pessoa faz parte de uma base humana comum, familiar e dela resulta; portanto, herda os problemas e os do mundo que difere muito da idéia religiosa de que "herdamos" o pecado original. Somos culpados, embora possamos não ser individualmente culpados, como na *Paixão segundo São Mateus*, de Bach, somos simultaneamente a massa vingativa, Pilatos e o Cristo crucificado. Os aspectos de Plutão parecem refletir a necessidade de viver em paz com as forças do destino. Os aspectos são harmônicos, a tarefa é mais fácil, pois a tendência é a harmonia com relação à conciliação com a lei natural e o lado mais primitivo da vida. Se os aspectos são difíceis, o mesmo potencial inato da natureza humana.

sacudia a cama com tanta força que as penas voavam como flocos de algodão. A vida com a velha era agradável; não levava reprimendas; todo dia, mamãe cozinhava carne cozida ou assada.

Ficou algum tempo com Mamãe Hölle até que um dia ficou triste. Não sabia qual era o problema, mas acabou descobrindo que estava com fome. Embora estivesse muitíssimo melhor ali do que em casa, mesmo assim não gostava de estar lá. Finalmente, disse à velha: "Tenho saudades de casa; preciso voltar aqui, já não posso ficar; preciso voltar à minha gente." Mamãe ficou contente que você tenha saudades de casa novamente, e como você prometeu lealmente, eu mesma vou levá-la de volta para cima." Imediatamente pegou a menina pela mão e conduziu-a até uma grande porta. A porta abriu-se e, ao mesmo tempo, cruzou a soleira, caiu uma pesada chuva de ouro, e o ouro grudou-se nela completamente.

"Isto é o que você merece por ser tão trabalhadeira", disse Mamãe. Depois de algum tempo devolveu-lhe a lançadeira que tinha caído no poço. Imediatamente a menina fechou a porta, e a menina viu que estava novamente na superfície, não mais no poço da mãe.

Quando entrou no pátio, o galo que estava sentado no poço gritou:

"Có-có-ri-có!

Sua menina de ouro está de volta!"

Então ela entrou para ver a mãe, e como chegou assim coberta de ouro, a mãe e o pai a receberam bem.

A menina contou tudo que lhe tinha acontecido; logo que a mãe viu que ela tinha conseguido tanta riqueza, ficou com muita vontade de consolar-se com o mesmo sorte para a filha feia e preguiçosa. Mandou-a sentar-se perto do poço para que a lançadeira ficasse manchada de sangue outra vez, enfiou a mão no poço e espinhos e picou o dedo. Jogou a lançadeira no poço e pulou em seu

O Destino e a Família

Nunca acredite que o destino é mais do que a condensação da in

Rainer M

Havia uma vez um rei da Lídia chamado Tântalo, filho de Zeus. divina e à ilimitada riqueza, Tântalo foi acometido de *hubris*, e inteligente que os deuses. Em sua loucura, decidiu zombar dos deus para um banquete em sua cidade de Sipilos. Atreveu-se a servir à r diante dos olímpicos, o melhor que tinha a oferecer: a carne de seu pr que ele tinha cortado e cozinhado num caldeirão. Pretendia, assim, t dos imortais. Mas os deuses, com exceção de Deméter, sabia absteram-se de comer. Réia, a Mãe Terra, esposa de Crono, reu

a lei das Erínias, defensoras do direito e vingadoras do assassinato o
as Erínias perseguiram Orestes por toda a Grécia, levando-o a um
Um dia ele pediu asilo no altar da deusa Atena em Atenas. Atena
também reconhecendo a justeza da aflição das Erínias, levou o caso
em Atenas. Apoio e as Erínias expuseram suas causas aos juízes hu
foi igual para os dois lados; assim, Atena deu seu voto de des
Orestes, e em troca ofereceu às Erínias um altar e um culto de honra
Depois disso, as Erínias passaram a chamar-se Eumênides, "as
Orestes, livre, voltou para Argos e casou-se com Harmonia, fi
Helena. Assim foi paga a maldição sobre a linhagem de Tântalo.

Imagine-se o que pensaria desse conto um terapeuta familiar, se
"paciente identificado", apresentando sintomas de colapso psi
exatamente esse o tipo de histórias contadas pelas famílias, embora
termos tão rocambolescos como matricídio e brigas entre os deuse
psicológicos, entretanto, muitas vezes são semelhantes. As famílias
a vida psíquica de um emaranhado familiar é um círculo fech
emocionais antigos e muitas vezes violentos são encenados na es
inconsciente. Nada é visto até que se procure ajuda profissional p
distúrbios" e aí, de forma incrivelmente lenta e muitas vezes enfr
oposição, os fios que tecem o conto são desembaraçados e o qu
"doença" individual vai-se revelando cada vez mais evidentemente c
familiar não resolvido. Já vimos facetas desse problema nos dois ex
Vênus-Plutão e Marte-Plutão, porque, tanto na vida de Carolina co
dificuldades sexuais e emocionais dos pais e dos avós foram,
"passadas" para o filho, atuando como destino na vida do fi
significador específico de um tipo determinado de experiência: M
Terrível, buscando vingança pela violação ou repressão de suas

Não é difícil, para a mente mais racional, entender a dinâmica da família de padrões comportamentais firmados através de várias gerações e sua alteração por meio da intervenção do terapeuta familiar. O pai, cujo amor perdurou como uma fantasia idílica da felicidade perdida, por nome da amante perdida, colocando sobre os ombros dela, a responsabilidade de ser sua filha-amante e sua vida, dando-lhe a satisfação que falta no seu casamento. A mãe que sofreu rejeição ou abandono pelo marido pode transferir sua raiva para o filho, cuja própria masculinidade é afronta à sua dor, criando-o para ser seu devotado servo: amante, com o pai e virando-o contra seu próprio sexo, como retaliação. Padrões semelhantes são encontrados na maioria dos métodos de psicoterapia, e o analista trabalha regularmente com a misteriosa passagem tácita de complexos inconscientes de pai para filho. Como diz Frances Wickes:

Reconhecemos a dependência física e econômica do filho com relação à mãe. Não atribuímos suficiente importância ao laço psíquico que se estabelece na infância, muitas vezes chega ao ponto de identidade entre o inconsciente do filho e o inconsciente do pai. Através dessa identificação, as forças psíquicas que jazem abaixo do nível da vida adulta consciente são intuídas pelo filho e dão origem, na forma mais branda, a medos vagos, fantasmas e sonhos perturbadores. Nos casos mais trágicos, resultam a dissociação e os atos anti-sociais.⁵³

À medida que encaramos as interações familiares como causa de estranhamento ou místico sobre sua importância. Até o parágrafo acima, em falta de limites do inconsciente, sugere um relacionamento causal

coloca a ênfase maior nessa abordagem "causal", embora, como já vimos, ele se preocupe principalmente com a atmosfera inconsciente e não com os conflitos e problemas manifestos.

A criança faz parte da atmosfera psíquica dos pais a tal ponto que os conflitos secretos e não resolvidos entre eles podem influenciar profundamente o desenvolvimento do filho. A *participation mystique*, isto é, a identidade inconsciente com os pais, faz com que o filho sinta os conflitos dos pais e que os problemas fossem seus. Dificilmente é o conflito aberto ou a dificuldade que tem o efeito venenoso; quase sempre é a desarmonia reprimida pelos pais. A primeira causa verdadeira desse distúrbio neurótico é o conflito inconsciente. São as coisas vagamente sentidas pelo filho, a opressão, a apreensão e autoconsciência que invadem vagarosamente a mente e se transformam em vapor venenoso e destroem a segurança da adaptação consciente.⁵

Entretanto, existe outra forma de encarar essa herança familiar, que contradiz as atitudes e abordagens de muitas escolas psicoterapêuticas. A revelação oferecida pela astrologia, que pode ser colocada de maneira que relacione as figuras dos pais, os dilemas não resolvidos e os conflitos inconscientes que possuem e transmitem, e a natureza intrínseca do casamento dos pais, são como imagens no horóscopo natal. Em outras palavras, são apriorísticas desde o começo — o que está escrito. Devido a essa inata predisposição dos pais através da perspectiva da própria psique da pessoa, a "herança" não é causal. Esse é um pensamento muito perturbador para quem se preocupa com a negligência, a opressão, a rejeição, a possessividade ou outros defeitos da própria incapacidade de lidar com a vida. O horóscopo nos diz, em outras palavras, o que está nos pais também está em nós. Não pode haver dúvida de que

casamento parental. Assim, ele não corta a ligação com essas imagens como figuras que precisam ser criativamente incorporadas a seu mundo. Enquanto elas permanecerem como "pais" no sentido literal, entreterão a mercê.

O eixo ascendente-descendente pode ser visto como uma representação individual. Mas o meridiano é totalmente diferente. Os signos, aspectos encontrados nas duas casas parentais, a quarta e a décima, são os objetivos dos pais. São imagens arquetípicas, deuses, ou "quinhões" que determinam as características do sistema dentro da família, as diferenças e afinidades de personalidade. Em última análise, não importa se os "quinhões" sejam negativos, embora sem dúvida se tornem negativos se tenta dissociar-se do que eles representam, na expectativa de poder escapar da família. Não se pode fugir aos planetas da décima e da quarta casas, pois eles podem fugir ao Sol e à Lua. São realmente o destino — imagens hereditárias que se tornam vividas. Se fosse especular o horóscopo de Orestes, imaginando talvez, Plutão no Meio-do-Céu em oposição ao Sol no IC, representando a batalha entre o poder matriarcal das Erínias e o poder solar de Apolo, talvez atípico que as pessoas Sol-Plutão resolvam seus conflitos através de um colapso, grande ou pequeno, esse não seria um aspecto descabido. Talvez ele também tivesse Saturno em conjunção com o Sol e em oposição com Plutão, pois a sentença de Apoio é uma lei severa e inflexível que teria Libra no ascendente, já que levou tanto tempo para decidir quem matar no muro. Mas posicionamentos como esses não indicam literalmente que a devoradora fez um estrago na vida de um rapaz. Infelizmente, não há nenhuma mãe é apenas Plutão. Até Clitemnestra, que é mítica, baseada na história, e na tragédia de Esquilo é vista com um pouco de sua brutalidade, infidelidade e abandono do marido, pensando pela

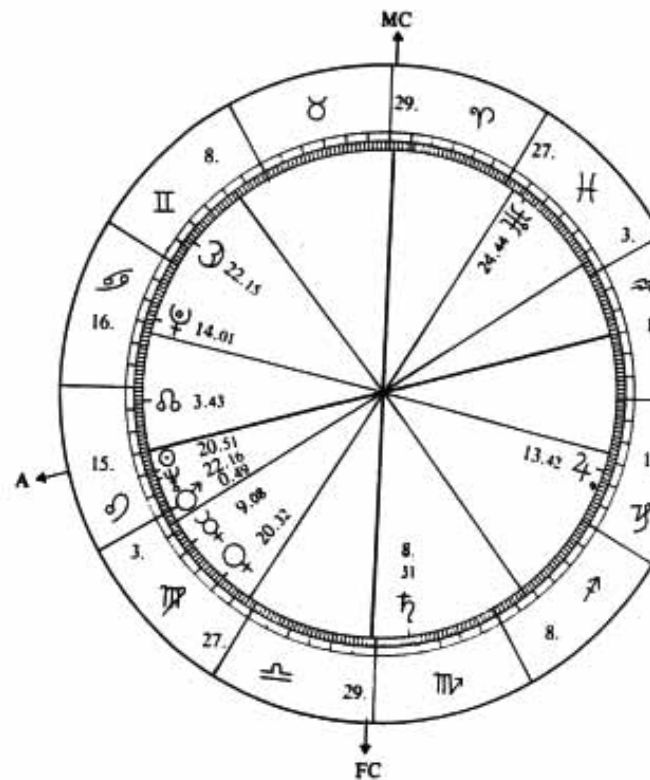


Diagrama 3. Horóscopo natal da Sra. R. (mãe de Renée)
Nascida a 14 de agosto de 1925

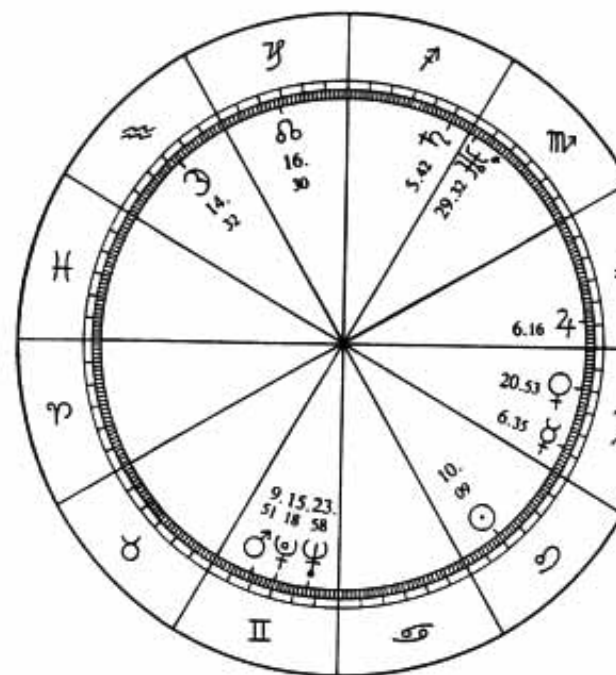


Diagrama 5. Horóscopo natal da Avó R. (avó materna de Renée)

Nascida a 2 de agosto de 1898

Não foi fornecida a hora de nascimento; as posições planetárias são para m

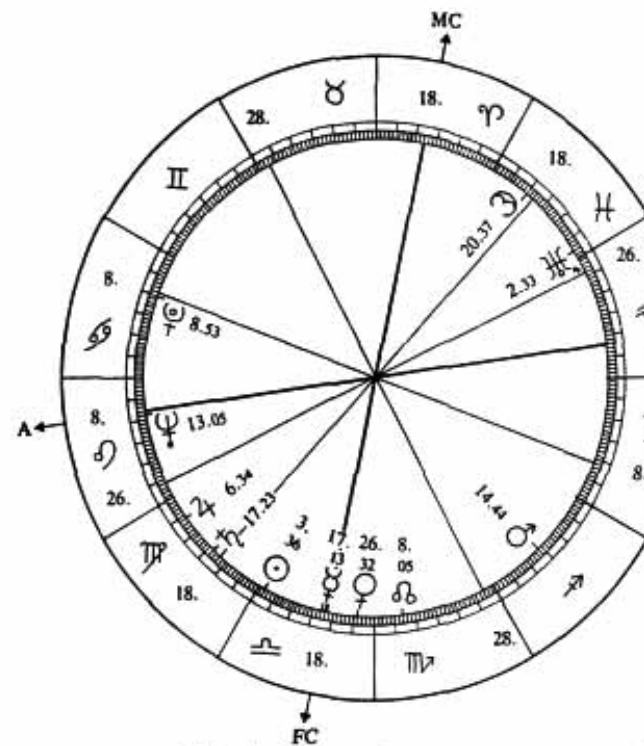


Diagrama 7. Horóscopo natal da Tia R. (irmã da mãe de René)
 Nascida a 27 de setembro de 1920
 1:30 h
 Antuérpia

triste vítima de romances infelizes c, em última análise, demonstrando a incapacidade de tentar lidar construtivamente com seus problemas. O padrão de família que parece ter-se desviado desse padrão de martírio é Rose que, apesar de por ter sido forçada a encarar tão cedo o problema de Rende, assume a responsabilidade pela própria vida. É a única que se firmou e tornou-se razoavelmente feliz e estável e tem filhos que ama. Também é a única que examinou psicologicamente os problemas de sua família, pois ela é psicoterapeuta. Essas duas irmãs, Rose e Rende, receberam, de difíceis, a carga de um destino familiar. Uma manifestou esse destino como a outra tentou lidar com a ferida de forma criativa.

Agora podemos começar a examinar os horóscopos da família, de vista dos padrões ou temas gerais recorrentes — os "mitos" — características do sistema" — e depois do ponto de vista dos horóscopos principalmente o de Rende. É imediatamente visível, e um pouco surpreendente, o predomínio dos signos de Leão e Virgem na rede de mapas da família. A combinação desses dois signos é tão freqüente que é quase absurda. René, a Sra. R. e a Avó R. têm o Sol em Leão. A Tia R. tem Leão no ascendente. René e a Avó R. têm o Sol ascendente, enquanto a Sra. R. tem um stellium em Virgem. O Sol, a Lua, Mercúrio, e a Avó R. tem Vênus e Mercúrio em Virgem. Rose tem Saturno em Virgem. Essa combinação de Leão e Virgem atinge até os filhos de Rose, pois sua filha tem o Sol, o ascendente, Mercúrio e a Lua em Virgem, e a Lua em Leão. O único que não tem colocações planas em Virgem é o Avô R.

Além de qualquer outro significado possível desse predomínio de Leão e Virgem, impressiona-me a justaposição de um signo de fogo, enérgico, voltado para o exterior, expressivo, e de uma coleção de personalidades tão passivas, dependentes e inseguras. Esse fato apenas é o bastante para disparar as campanhas de alívio.

mais adiante tenhamos mais coisas a dizer sobre complexos e o que significam, em termos muito simplistas, que existe um complexo de imagens e respostas que funciona como um ímã no inconsciente, que atrai energia vital, para longe do mundo externo, para baixo e para dentro.

O recolhimento autista nas próprias fantasias é igual ao que descrevo como a pronunciada proliferação de fantasias relacionadas ao complexo. O reforço do complexo é idêntico ao aumento da resistência ... *A* complexidade do complexo, que naturalmente está presente em todos os casos de autismo, necessariamente acarreta sempre o fenômeno do autismo ou a regressão. Os complexos e egocentrismo involuntário são inseparáveis e recíprocos. Algum tempo empreguei o conceito de *introversão* para esse estado.

Visto dessa perspectiva, o autismo é a extrema introversão, o extremo recolhimento da energia vital para o inconsciente, em direção ao complexo. Mas o complexo de Renée, é o complexo, a "ferida vital", como diz Jung? Talvez me refira ao complexo tornar mítica, mas sugeriria que o complexo tem algo a ver com o leão enfurecido, a divindade enraivecida cuja exterioridade se manifesta durante várias gerações e que agora habita o inferno e devora por dentro. É vivamente a imagem grega da maldição familiar, personificada pelo complexo, que, de alguma forma misteriosa, trabalha *dentro* da família e provoca a desgraça. À sua vez, conjuram a catástrofe. Encarando assim, o autismo de Renée é a regressão. Sra. R. Ao contrário, toda a família, incluindo a Sra. R., está à margem do complexo — destrói a partir de dentro, porque nem um só membro da família — é suficientemente consciente para dar-lhe expressão na vida exterior.

sugeri a idéia de um mito ou *daimon* familiar de auto-expressão e inibição, que foi invertido e se tornou destrutivo.

O exame mais minucioso do grande trígono de Renée revela uma personalidade poderosa, talvez mesmo implacável. Isso, é claro, não está em contraste com a típica personalidade autista nem com a própria Renée, que passa a maior parte do tempo em sono e é acometida por violenta raiva quando sofre intromissão. Sem dúvida existe, porém não é usada para a atividade extrovertida. As explosões de mau humor e os ataques contra quem perturba a imersão no mundo de fantasia são consumados com enorme rigidez e determinação. Renée nunca tenha nascido, mas em seu estado nascente ainda parece ser dominada pela anticonsciência que se apega ao abraço urobórico com toda a tenacidade, unido ao *Self* inconsciente e resistindo violentamente a qualquer tentativa de intromissão ou invasão do exterior. Por razões que ela — ou seu analista — o melhor do que ninguém, Renée decidiu descarregar a fixidez e a determinação em um trígono com Saturno em um trígono com Marte contra o mundo, o mundo. Dessa forma, ela mesma se torna onipotente, todo-poderosa, e que ameaça essa experiência precisa ser negada ou destruída.

Saturno na terceira casa também é revelador. Na melhor das hipóteses, o seu posicionamento não é comunicativo. Na pior das hipóteses, é violento. Qualquer que seja o significado de "normal", Saturno encontrado na terceira casa manifesta o faro da sombra habitual em Escorpião. Se existir um *daimon* nas proximidades, ou, como sugere Bettelheim, uma mãe inconsciente, Saturno em Escorpião vai descobri-lo, mesmo que ninguém mais o faça. As mães moderadamente assassinas — portadoras de certa ambivalência em relação ao filho, uma situação comum e provavelmente "normal" — são terríveis para Escorpião. A terceira casa também é, tradicionalmente,

revela a sensação de segurança que a pessoa tem na vida, tanto de como ela experimenta a infância, quanto de como ela experimenta se enquanto um local seguro para se viver. Torna-se prontamente óbvio menos um continente seguro. A experiência da mãe não é sustentadora. É sentida como imprevisível, alguém em quem não é vezes gentil e reconfortante mas de repente, e sem razão, hostil. Aspectos difíceis entre Urano e a Lua colocam um grande dilema para a Lua maternal e seu mundo instintivo são perturbados e ameaçados para conquistar a liberdade. A mulher com Lua-Urano pode experimentar através da mãe; e a sua maternidade, por sua vez, pode ser cheia de sentimentos ambivalentes. É como se ela não se sentisse absolutamente à vontade porque Urano luta com violência contra a escravidão biológica da Lua e mesmo a raiva com relação às funções comuns do corpo. freqüentemente, subprodutos de um dilema Lua-Urano não são observados, em algumas pessoas, muita tensão e muito medo de ruptura na forma simbólica como medo de andar de avião, medo de eletricidade, o corpo antecipa morte ou ferimento súbitos, que é a reação da Lua à assim como Urano acha a Lua uma armadilha e um túmulo. É surpreendente que a Sra. R. tivesse tanta dificuldade para conceber e sofresse de doenças recorrentes durante a gravidez. É como se ela quisesse um filho, mas inconscientemente o rejeitasse, e o conflito fosse não no consciente. Este é um fato que tenho visto com freqüência em Lua-Urano: em vez de agüentar o conflito e tomar as providências para valorizar os dois lados na vida, elas muitas vezes se identificam com a "mãe", abrigando assim uma imensa raiva inconsciente contra o filho e seus corpos femininos. Talvez seja isso o que Bettelheim queira dizer com a mãe que deseja secretamente destruir o filho. Dividida entre a condição de um ser espiritual assexual, simbolizado por Urano, e a

*É o meu pecado que agora Te acorrenta!
Com profunda angústia Te rodeia
E Te prega na madeira.*

*A tortura que sofres,
Revelando Teu paciente amor,
Eu, apenas eu, é quem deveria sofrer.*

Netuno abre as comportas da experiência do sofrimento do mundo do espírito encarnado na matéria. Há um anseio de libertação da prisão da matéria com a fonte divina, seja num sentido espiritual — como Deus — ou num sentido reutivo — como a unidade original do útero materno. Portanto, a mãe propensa a experimentar as paixões mortais como algo cheio de vida, é a mesma como culpada, e à expiação como único meio possível de reparação. Talvez a mãe de Renée "precisas-se" de uma criança para ela o sentido da vida está inextricavelmente unido ao sofrimento. Isso seria o caso de Renée, embora as influências fortemente leoninas em seu horóscopo teriam combatido essa necessidade de sofrer. Esse fato é suficiente para que ela não se preocupasse; Urano é um planeta mais ligado à inspiração e da desprendida amplitude de visão dos deuses celestiais, como Orestes, tem em seu horóscopo um conflito aparentemente intransponível. Ela achava que tais conflitos, embora tendam a gerar sofrimento, são inevitáveis e conduzem ao desenvolvimento de uma autêntica individualidade. Ela estava em condições de aproveitar a sabedoria de Jung. É como se, apesar da turbulência e a dificuldade da vida traçada para ela lá fora, Renée preferisse para usar uma linguagem mais esotérica — não se encarnar.

Estou, sem dúvida, propensa a especular com bastante profundidade sobre o sofrimento e o conflito interno da Sra. R. e o autismo de

auto-domínio que nenhuma outra das mulheres da família parece possuir. O domínio da autopreservação, e talvez seja em parte por isso que só ela controla sua vida em vez de se tornar uma bola jogada às cegas pelos poderes superiores.

Evidentemente existem muitas outras ligações entre os horóscopos familiares que poderiam ser mencionadas. Constituem um impressionante exemplo de padrões dentro de famílias, fato que tenho observado inúmeras vezes em minha prática como astróloga. Parece que efetivamente o destino familiar é retratado nos mapas por uma sincronicidade de signos e aspectos repetidos que formam um padrão de afirmação da hereditariedade psicológica. Quer se deseje adotar uma abordagem ou não causal com relação ao problema do "bode expiatório da família", é evidente no estudo de mapas familiares interligados que a família não está tão separada quanto poderia supor. Por essa razão, Orestes é o grande símbolo do destino da família. No cerne de seu dilema está a ambivalência entre os polos opostos retratado, no drama, como a batalha mortal entre o patriarcado e o matriarcado: entre o corpo e o espírito, entre a mãe e o pai. Esse conflito leva Orestes a ser apanhado entre duas dominantes arquetípicas, o deus solar Apolo, representante do reino da luz e da consciência, e as Erínias ctônicas que servem aos deuses do reino do instinto. Quando os conflitos de uma família proliferam de geração após geração, pode ser que a pessoa acabe no lugar de quem deveria ganhar; ímpar, você perde. Não há recurso, a não ser o caminho do destino pelo intuito de encontrar a redenção ou a liberdade para as gerações seguintes. O sofrimento precisa ser consciente, e não cego. Não posso imaginar nada mais doloroso do que ter uma vida não vivida de uma mulher como Renée, esse mito de uma vida de terror e a confusão que a vida pode encerrar para o herdeiro desses conflitos.

Orestes não pode resolver seu próprio dilema. Pode apelar aos deuses, mas não que eles, que inicialmente o colocaram na enrascada, possam tirá-

*A força do destino não penetra a mente a não ser que a mente, por sua própria iniciativa, tenha antes submergido no corpo, que é sujeito ao Destino... Toda alma deveria retirar-se do estorvo do corpo e voltar na mente, pois então o Destino descarregará sua força no corpo e não tocar a alma.*⁶¹

M

Marsilio Ficino, filósofo, astrólogo e mago florentino, deu este conceito de libertação do destino na segunda metade do século XV. No seu tratado de acordo com seus próprios cálculos, Saturno estava em elevação e em quadratura com o Sol e Marte em Escorpião, vicissitude da qual ele se queixava incessantemente com os amigos, alegando que sempre o deixava de surpresa, pois, em termos da moderna psicologia profunda, ele estava sugerindo a dissociação. Não preciso me alongar sobre o que esse episódio do conflito pessoal de Ficino, entre a razão e a natureza. Essas quadras de Saturno em Escorpião, Marte em Escorpião, sugerem no entanto, que o controle racional de um Saturno aquariano e as paixões inflamáveis de Marte em Escorpião, sugerem no entanto, que o conselho de

Hermes: Todos os homens estão sujeitos ao Destino e à geração; estas constituem o começo e o fim do Destino; e todos os homens sofrem coisas predestinadas, porém aqueles de quem dissemos, com a Mente como Guia, não sofrem da mesma forma que os outros, apartado do Vício, não sendo maus, não sofrem o mal.⁶³

A abordagem do destino do ponto de vista da "cisão" (aqui estou usando um termo psicológico para descrever o que entendo como dissociação mental/espiritual do homem, que é "bom", e o aspecto físico/instintivo) também é, naturalmente, a do pensamento oriental. Oferece-se a possibilidade de libertação da roda do perpétuo renascimento e da escravidão a ela, mas também tem uma tradição alquímica mas, da mesma forma que a tradição permaneceu rodeada de mistério, e a completa implicação do significado precisou esperar até que *O segredo da flor de ouro* fosse publicado no Ocidente, com introdução e comentários psicológicos de Platão de um mundo sensível ou corporal como um reflexo de sombrios mundo "inteligível" das Idéias Divinas, está muito próxima da ideia do homem preso ao mundo de *maya* durante muitas encarnações, luta para escapar das Mil Coisas através da fusão com o Um. Ele não pode alterar o destino "diluí-lo" — deixar de se identificar com seu corpo sofredor — e escapar da predestinação das encarnações futuras, libertando seu espírito, aceitando o destino com tranqüilo desprendimento e centrando-se em sua unidade divina.

Agora, não estou sugerindo, de forma alguma, que essa doutrina é verdadeira ou "falsa". Não tenho a menor idéia se o mundo físico é *maya* e se a verdade eterna; não sou teóloga e não posso teorizar a respeito. A doutrina universal existente por um tempo extraordinariamente longa

opositor da astrologia por causa de suas cartas e escritos mais ou menos conhecidos, mas não contra seus colegas astrólogos. Entretanto, lendo-se realmente essas coisas, fica óbvio que não é a astrologia que ele está combatendo. Ficino, na realidade, sabia muito bem que a astrologia estava sendo aviltada, pois era usada como prognóstico para o futuro. Ele achava que sua função *deveria* ser outra. Para o astrólogo medieval, um mau trânsito significava uma época em que o destino aplicaria um golpe que não poderia ser evitado (achava-se que o esforço valia a pena), mas provavelmente assim precisava ser aceito com o verdadeiro espírito platônico. Para ele, um mau trânsito começava a surgir como *kairos*, o momento apropriado e oportuno para estabelecer uma nova relação com o destino através do que ele chamava de "natural".

A mente pagã nunca sonharia em desafiar Moira dessa forma, pois isso seria uma espécie de *hubris*. Platão defendia a liberdade interior do espírito do homem, mas seu espantoso respeito pelo destino se evidencia pelo papel central que ele atribuiu à ordenação do universo. A Igreja, desde os seus primórdios, sempre teve uma certa repugnância pela magia, e esquivou-se ao problema do destino em geral, não só em particular, na Idade Média, condenando nominalmente o adivinhamento, mas promovia seus serviços, e chamando o destino de Divina Providência, algo que ninguém deveria questionar. Mas Ficino entendia o *Corpus Hermeticum* como um texto sagrado, tão velho e com tanta autoridade quanto a Bíblia, e para ele, Moira das Vezes Grande, parecia estar dizendo que o homem era um mago, um homem que tinha o direito de mexer no cosmo porque participava da natureza tanto do céu quanto da Terra. Mova.

De duas naturezas, a imortal e a mortal, Ele fez uma natureza - uma e a mesma coisa; e tendo feito o homem tanto um pouco de uma natureza imortal, quanto um pouco mortal, Ele o deu à luz e o colocou entre a natureza di-

Os leitores que já tiveram experiência de trabalho com sonhos, imagens conduzidas, sem dúvida já perceberam aonde esta aparente magia da Renascença está levando. Ficino era um homem humilde contaminado pelo enfatuamento de magos posteriores, como C. Giordano Bruno, que se esqueceram de que todos os trabalhos alquímicos humanos, precisam ser executados *Deo concedente, ou seja*, de acordo com a vontade de Deus. Isso, naturalmente, é a única salvaguarda contra hubris e arrogância para o herói grego, para o mago da Renascença ou para o moderno analista. Ficino nunca achou que era ele quem realizava a magia. As forças dos deuses, ou as Parcas em luta, incapazes de concordar se queriam ou não ser convencidas. O que o sistema de magia de Ficino representa, do ponto de vista psicológico, interessa-nos muito agora, porque se considerarmos o destino escrito nos céus ou, para dizer de outra forma, o destino da pessoa em diferentes níveis onde o destino pode ser encenado. Esses níveis devem estar intimamente associados à atitude interna da pessoa e ao seu relacionamento com o mundo de imagens e símbolos. Em suma, o destino pode ser um padrão psicológico interior, tanto quanto uma realidade externa. Isso ficou evidente no capítulo anterior, no destino de René R.

Para Ficino, assim como para seu mestre Platão, o mundo real não é o mundo das Idéias, *eidolos, ou*, como Jung diria, os arquétipos do inconsciente coletivo. O destino é a lei natural. Nesse sentido, é arquetípico, um padrão ordenador. Moira representa a justiça e a mortalidade inatas do mundo. Porém, o mundo dos instintos é um mundo cego, um reino de compulsão e de necessidade evolucionária. Resiste violentamente a qualquer tentativa de comprimir suas fronteiras, pois parece que dessa forma a sobrevivência fica ameaçada e a ordem natural é quebrada. As Parcas, de acordo com Ficino; *a prima mataria* está em conflito, confusão e dentro de si. Mas esse mundo cego do instinto não é realmente senão

era comum na época, além de notavelmente tranqüila. Mas *hubris* tende a se manifestar muito rapidamente, quando se entra nesse misterioso território interior que nos acorrenta a nosso destino. Esse é um conceito comum ao psicoterapeuta, e também do astrólogo. Os equivalentes modernos desses dois pares são os profissionais da psicologia e da astrologia, principalmente quando se caminha tortuoso da psique inconsciente; e talvez nossos perigos atuais sejam os que os de nossos predecessores da Renascença, porque eles podiam recorrer para um talismã mágico, enquanto nós enfrentamos a necessidade de lidar pessoalmente as projeções arquetípicas de nossos clientes, ao mesmo tempo sentimos, de alguma forma, poderem ser eficazes ou úteis.

Além das dificuldades de se entrar no "lugar do meio" interior, há o problema de compreender qual possa ser o seu significado. O destino se transforma? Ou é a atitude da pessoa com relação ao que lhe é necessário, criando assim um novo relacionamento com o destino, impregnado de um conteúdo subjetivo de significado e de escolha? Talvez seja isso que Jung quer dizer quando afirma que o livre-arbítrio é a capacidade de fazer de boa vontade o que se faz, pois a palavra operante é "de boa vontade", implicando uma escolha ou significação que faz com que o destino pareça "certo", o que a pessoa escolheu. Ou será que o destino impõe um padrão que não pode ser alterado, deixando aberta a possibilidade de o padrão se manifestar de várias maneiras através de vários níveis diferentes de experiências? Seja qual for a resposta, qual é — alguma coisa certamente parece acontecer no encontro com o "lugar do meio". E essa "alguma coisa" que agora gostaria de investigar mais a fundo.

A vitalidade e a veracidade desses conceitos difíceis e obscuros são evidentes na vida real e no contínuo processo de trabalho individual com a psique, especialmente com os trânsitos planetários que se manifestam como imagens

situação pode se traduzir na vida exterior de Ruth ainda não está clara. As forças violentas do inconsciente junto com as rochas ameaçadoras da vida exterior colocaram a moça numa situação precária. No nível pessoal, entendendo o que falava do "navio da vida", a consciência individual do ego, nesse momento não é tão sólido. O relacionamento de Ruth com sua realidade física não está claro quando começamos o trabalho, e seu senso de estar "contida" na vida exterior. O homem é uma figura altamente ambígua; pode estar tentando destruí-la, ou está tentando salvá-la, mas ela não está preparada para confiar em sua intenção. Parece que a direção em que ele a está levando só pode resultar em destruição. As definições que Jung dá ao animus é que, na psique de uma mulher, ele se personifica como figura masculina, retratando seus atributos criativos. Assim, no contexto desse sonho, poderíamos dizer que é o inconsciente masculino para as rochas ameaçadoras, e é difícil saber se sua intenção é destrutiva ou criativa.

O barco danificado, que parece representar um ego ou continente psíquico, é capaz de surpreender quando se considera o horóscopo de Ruth. A oposição entre Câncer e Saturno em Capricórnio, nas casas parentais, sugere que nem os pais são capazes de dar-lhe qualquer sensação de segurança, já que estavam tão tristes e infelizes. A atmosfera da infância de Ruth foi crítica e destrutiva. Já sabemos muito sobre a situação infeliz da mãe. Tendo a Lua em Câncer na casa de mãe, a extraordinária sensibilidade de Ruth às correntes emocionais não vem apenas do ambiente, e em especial de sua mãe, deixaram-na particularmente vulnerável ao submundo das psiques dos pais, e não era possível enganá-la a respeito do estado real das coisas existentes no casamento dos pais e dentro da casa de seu próprio pai. Plutão colocado na décima segunda casa, como também é o caso, confere muita sensibilidade à escuridão coletiva que espreita por trás da superfície da pessoa, os "pecados ancestrais" que se acumularam por muitas gerações. Ela entendia essa percepção como "má", resposta típica de muitas crianças trazido para o claro e a criança vivencia subcorrentes destrutivas.

minha mãe e meu pai. Meu pai parece envergonhado e não com
frente, mas minha mãe me olha com regozijo.

Aqui aparece uma nova faceta dessa problemática e assustadora
autônoma: o homem é "doente", e não mau e violento; está num h
de atenção e de tratamento. Ele "contagiou" Ruth com sua doença
com seu senso de vergonha e de culpa sexual. Ruth associou im
envergonhado da mesa com o homem doente, como se, de certa fo
mesma pessoa; quando ela se deixou fantasiar sobre o sonho, c
doença sexual do pai transmitida a ela, para que ela a "carregasse".
olhava com regozijo porque era preferível que Ruth carregasse a cu
Essa é uma imagem particularmente feia da "transmissão" de algo
senso de sujeira que Ruth sentia com relação a seu próprio corpo
origem, parecem ter sido diretamente retratados nesse sonho. Um
otimistas do sonho é que o homem "doente" e o pai de Ruth são
embora ligadas pela "transmissão" da doença; e isso me sugere a po
crescente separação entre o pai e o homem "interior" de Ruth.

Algumas vezes os sonhos de Ruth associavam o homem viole
vezes à mãe. O fato de as qualidades de raiva, violência e
relacionadas com os pais reflete-se na grande cruz do mapa de R
quadratura Marte-Plutão já discutida, o Sol, Mercúrio e Júpiter. Ess
um dos eixos ao longo do meridiano, que para mim representa
parental. É um problema compartilhado, um complexo familiar
liberação" dessa grande cruz é o Sol de Ruth, em Peixes na sexta c
mais pessoal da configuração. Dessa forma, os problemas de raiva
"vergonha" sexual reprimidos interferem, desafiam e, em última ar
desenvolvimento da identidade de Ruth.

Durante o período em que Ruth e eu trabalhamos com esses e

pessoas que decidem submeter-se a algum tipo de psicoterapia não são capazes de fazer todos os esforços do terapeuta, de estabelecer esse relacionamento com o mundo e com as outras pessoas. Outras conseguem sem o recurso da ajuda externa. Em grande parte, as mudanças ocorridas em Ruth parecem estar na própria Ruth e na sua capacidade de aceitar a responsabilidade por uma parte da violenta vida em que ela vive. Sua disposição parece ser algo óbvio, mas é extremamente difícil e doloroso para ela. Não ser tão claro que as nossas condições são culpa de outrem. É possível que a configuração correspondente à figura destrutiva do homem seja a mesma de Plutão, que tanto destrói quanto cura.

Não estou disposta a sugerir, com base no material dado acima, que Ruth tenha mudado. Acho que não mudou, tanto quanto seu homem mudou. Plutão e o homem preto estarão com ela a vida toda. Suas manifestações mudaram, mesmo que ele ainda seja suscetível à violência; e a vida exterior de Ruth mudou de acordo com o movimento interno. Ela não precisa exteriorizar essa destrutividade, e assim se torna capaz de estabelecer relacionamentos nos quais é tratada com algum respeito pelo valor que ela tem. Ela é mais capaz de se valorizar. Ruth também começou a explorar as possibilidades de expressão de seu animus "preto"; quando mais ela se considera a hipótese de estudar medicina, desejo que agora ela tem. Assim, ela está se preparando para encontrar a imagem da morte e a vida de uma maneira inteiramente diferente. Seguir uma carreira criativa, original, com, e para, essa imagem arquetípica, é muito diferente de ser pesada e na vida. É interessante que esse desejo de incluir a figura de Plutão na vocação desse tipo reflete a leitura tradicional da colocação do Sol e Júpiter. Assim, o Sol, símbolo da consciência do ego, não é um barco tão frágil quanto é capaz de conduzi-la sobre as águas.

doente, impedia-a totalmente de desenvolver-se. É interessante que esse problema tirava as cores de sua visão da vida, pois ela só via o filme que todos os outros viam em cores. Ou talvez esta seja uma capacidade de só entender as coisas num sentido "preto e branco" que queria assumir a responsabilidade por essa mulher interior. Esto que ao fazer essa escolha — por mais compreensível que seja, inerente a essa autoconfrontação — ela invocou um destino que o casamento já estava inquietamente abalado. A probabilidade de um aumento, se não ficou inevitável, pois o marido já tinha começado a procurar outras mulheres interessantes, e, se continuas-se a ampliar sua visão e não o "doente", provavelmente encontraria outra mulher capaz de lidar com a masculinidade, em vez de contribuir para castrá-la. Esse é profundamente irônico, porque, do ponto de vista do mundo exterior, ela era um modelo de paciência e compaixão, e se ela fosse abandonada, o marido. Minha analisada também nunca entenderia realmente por que deveria acontecer com ela. Mas não é possível tomar decisões pelos outros, apenas pelos seus atos de sofrimento. Poucas vezes vi um exemplo tão berrante de alguém que se desliga com o seu destino e lhe vira as costas.

Fosse qual fosse a magia "natural" de Ficino, sem dúvida ele conseguiu estabelecer uma ligação com as antigas imagens que surgem das páginas de Ficino acha que isso poderia contribuir para que o destino favorecesse a sua vida. A psicoterapia é, certamente, um local onde ocorre o encontro com o destino, talvez o mundo moderno tenha produzido coisas como a psicologia que perdeu a capacidade de estabelecer nossas próprias ligações naturais com o mito, da religião e do ritual. Assim, precisamos procurar nossos deuses e fazê-lo, em vez dos deuses encontramos a nós mesmos e a nós mesmos acontece quando se estabelece uma ligação entre um acontecimento e a sua imagem interna. Se os padrões astrológicos moldam nosso destino,

e nobres, inclusive a derrota do rei François I na batalha de Pavia e de Bourbon nas muralhas de Roma durante o saque de 1527. Portanto, ao rei da França foi tratada com algum respeito. Isso nos revela a importância da astrologia da época. Tirando os seguidores de Ficino, ela era mais pragmática e caracterológica, era respeitada em todas as cortes da Europa apesar de ser vista com desconfiança pela Igreja (vários príncipes notáveis da Igreja eram também astrólogos) e responsabilizada pelos sucessos e catástrofes do homem diretamente. Gauricus não se metia com a magia "natural" de Ficino, ele sabia que o rei Henri ia morrer, ele morreria, mesmo que a previsão fosse dada com a etiqueta, como uma "advertência". O próprio rei não pensou em sua resposta foi que para ele tanto fazia morrer uma morte honesta quanto aberto como morrer de qualquer outro jeito, mesmo ignóbil. (O signo de Áries, o que pode ter algo a ver com sua resposta corajosa, mas um pouco arrogante).

Outro astrólogo contemporâneo a Gauricus fez uma "advertência" para o rei Henri. Era Michel de Notredame, que passou à história como "Nostradamus". Ele inseriu nas *Centúrias*, a monumental obra de profecias sobre o futuro, publicada em 1555, os seguinte versos:

*Le Lyon jeune le vieux surmontera,
En champ bellique par singulier duelle,
Dans cage d'or les yeux lui crevera,
Deux classes une puis mourir mort cruelle.*

O que significa, mais ou menos: o jovem leão vai vencer o velho leão individual durante um torneio. Através da gaiola dourada (o rei francês) o elmo dourado) seus olhos serão trespassados. Duas feridas tornam a morte cruel.

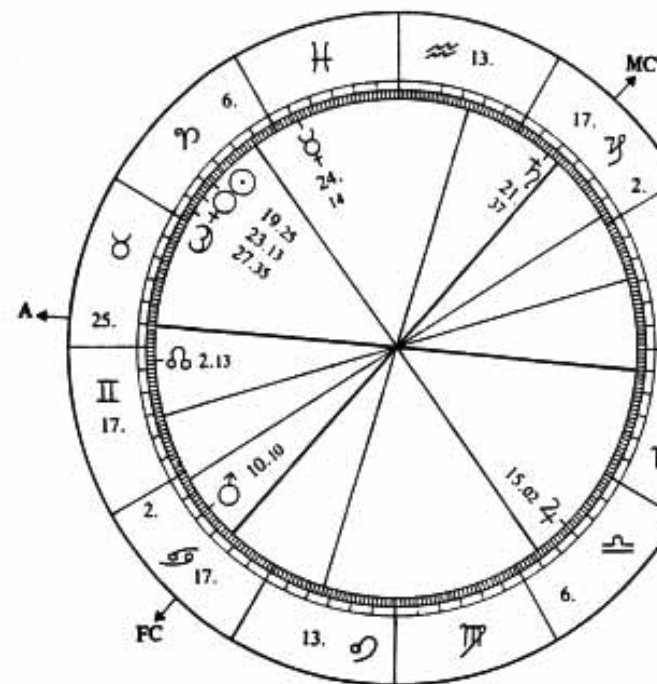


DIAGRAMA 10. Horóscopo natal do rei Henri II da França
 Nascido a 31 de março de 1519 (o.s.)
 10:28 h
 St. Germain-en-Laye

DIAGRAMA 12. Trânsitos do dia da justa do rei H
 30 de junho de 1559
 (Posições planetárias para meio-dia)

☉	17	♍	09
☽	17	♋	08
♁	4	♏	32
♂	17	♍	39 _a
☉+	17	♏	20
♂	5	♏	09
♄	18	♏	03 _a
♃	2	♏	29

DIAGRAMA 13. Trânsitos para o dia da morte do re
 Henri 10 de julho de 1559 (Posiçõe
 planetárias para meio-dia GMT.)

☉	26	♍	42
☽	9	♏	05
♁	13	♍	03
☉+	29	♏	19
♂	5	♏	46
♄	17	♏	49 _a
♃	3	♏	30
♁	12	♏	15

tinham razão a respeito do rei. Entretanto, embora não me lembre de um horóscopo idêntico ao do rei Henri, já vi um número suficiente que Firmicus e Caucicus considerariam sinistras. Hoje em dia elas não são literalmente. Mesmo que o Sol em quadratura com Saturno pudesse ser violenta na época de Firmicus e mesmo na de Gauricus, parece não manifesta dessa forma hoje em dia. As vezes sim, às vezes não. Essa configuração, mas altamente significativa é, segundo creio, um reflexo de algo muito profunda, não só nas atitudes da astrologia — de mais literalmente psicológica — como também na forma de manifestação do destino. Quando grandes cruces cardeais envolvendo o Sol, Marte e Saturno com o Sol na décima segunda casa, tenho prestado atenção em trânsitos "maléficos" em pontos, inclusive os nodos da Lua. Nessas ocasiões, meus clientes não sofrem de ferimentos na cabeça nem de outras coisas. Não há dúvida de que houve algumas experiências um tanto dolorosas e difíceis, inclusive de depressões, rupturas conjugais e assim por diante; um tentou o suicídio devido à pressão planetária que poderia ser fatal na interpretação de Gauricus, muito mais hoje do que no século XVI. Um bom exemplo é o mapa de uma mulher com uma grande cruz envolvendo a sexta e a décima segunda casa com o Sol no meridiano. O que aconteceu com ela foi, de certo modo, uma espécie de morte interior, e produziu alguns resultados muito criativos. Não há dúvida das quadraturas Sol-Saturno e as quadraturas Marte-Saturno, quando o Sol entra em batalhas, muitas vezes num "espaço fechado" em sentido literal e em batalhas, assim como as mortes, podem ser internas.

Suponho que aqui estamos diante daquele mistério que a tradição fala de planos de consciência, daquilo a que também poderíamos nos referir como expressão da energia psíquica. Jung escreve sobre a "canalização da energia" no V de *Collected Works*, sugerindo que a tendência da energia psíquica

nem EST,* nem Treinamento de Assertividade. Embora o moço fosse apoiado por Ficino conhecesse essas coisas por outros nomes, o moço era um homem de sua época e não um homem dessa irmandade. Só podia esperar a morte.

Parece que, embora o destino não se altere quanto ao seu padrão de *timing*, ele pode alterar-se em termos de sua vestimenta, seu nível de realização, indicado pela história do rei Henri e pelas histórias de meus analisados. É o ponto de vista oriental do desligamento para alcançar a libertação. É o ponto de vista psicológico da retirada das projeções para nos expor. É o ponto de vista das pessoas com algum grau de opção na vida, em última análise, sobre o destino. É o Reino e dos alquimistas, que acreditavam que a transformação da pessoa era a única resposta possível ao destino. Paradoxalmente, é a aceitação do destino. A pessoa do século XX com aspectos semelhantes ao rei Henri no horóscopo natal, que já tenha feito alguma humilde introspecção em termos de percepção de si mesma, é, de acordo com a minha experiência, menos previsível que a pessoa que, como o rei Henri, não se preocupa completamente com sua persona e só é capaz de encontrar a realidade através das externas de seu papel na sociedade. Ela é menos previsível porque ela não se preocupa diante de si; é mais previsível porque, pela minha experiência, torna-se mais previsível com seu mapa natal, principalmente com seu signo solar. Quero enfatizar que o trabalho interior parece não alterar o padrão inato da pessoa. Ela torna-se mais contornos mais nítidos. Somos o que somos, e, felizmente ou não, não podemos escrever uma carta zangada ao Times pedindo um novo padrão. Os trânsitos e progressões também não muda. O ritmo de crescimento é inerente ao organismo, pois isso é Moira, e não constatei nenhuma alteração através da introversão e do relacionamento com o inconsciente. Não diminui esse ritmo de crescimento. Em vez disso, pode torná-lo mais previsível. Não me impressiona muito essa escola de astrologia que acredita que o destino é

não podem ser alterados. Mas a compreensão que a pessoa tem do planeta pode ser aprofundada, e sua expressão pode, conseqüentemente, ser mais significativa e menos assustadora. Parece que a consciência, no sentido de Jung, é o fulcro onde se equilibra o relacionamento entre destino e liberdade. A qualidade da consciência permite que o destino se desdobre numa realidade mais complexa, que é, ao mesmo tempo, mais partidária do ego e, portanto, mais valorizadora do inconsciente. Nossas imagens de sonhos e da imaginação podem encenar seus combates e promover a morte do ego no psique; esses processos podem exigir sofrimento e sacrifício, às vezes no exterior como no interior. Mas talvez possam ocorrer com o ser humano também com uma disposição paradoxal — a capacidade de fazer de melhor o que precisa fazer. Não seria flagrantemente estúpida a ponto de sugerir que nós não somos mais predestinados. Mas vejo com interesse a mudança de precisão das previsões de Gauricus — mesmo no horóscopo — para o nível mais confuso e incerto das previsões do astrólogo moderno. A sensação de que estamos no limiar da abertura de possibilidades é a Moira como uma figura arquetípica interior, assim como a grande Moira circunscreve nossa vida física.

para obedecer suas ordens enquanto você se recosta comigo aqui no chão. Eles vão poupar seus pés e suas pernas de fadiga desnecessária." Ele lhe o polegar e os dedos da mão esquerda, com os quais ela fez cinco anéis chamados Dátilos, ou Deuses do Dedo, e os coroou com coroas de metal. Ela brincou muito com as brincadeiras e danças deles. Porém Réia, em segredo, deu instruções aos Dátilos para esconder de Crono o próximo Filho do Sol. Eles lhe obedeceram e enganaram Crono, colocando uma pedra no lugar do machado dentro de uma sacola e fingindo que era o filho de Réia que iam jogar no mar para ele. Isso deu origem ao provérbio que diz que o homem sempre deveria saber o que a esquerda está fazendo. Réia não podia adivinhar a quem deu o nome de Zagreus, sem levantar as suspeitas de Crono; ela trouxe uma porca gorda para ser sua ama de leite — circunstância que Zagreus não gostava que recordassem. Tempos depois, como fosse imitando a voz do bebê com o barulho de tambores e flautas toda vez que ele chorava, eles desmamaram-no da porca e tiraram-no da caverna de Dicte. Deixaram-no com uns pastores que viviam bem a oeste, no monte Ida, onde ele comia leite e mel. Assim, a segunda Era, que tinha sido a Idade de Ouro, chegou ao fim.

Réia ocupou-se, na nova Era, em promover a agricultura e em ensinar a Prometeu, o Cretense, a fazer fogo artificialmente com o círculo ígneo. Ela deu muita risada consigo mesma quando Zagreus castrou e matou seu pai com uma foice de ouro forjada por Prometeu, e mais ainda quando ele tentou escapar em um cuco enlameado e morto de fome, suplicando o alimento de sua mãe, que acreditava, e quando ele reassumiu sua forma verdadeira por causa do amor que possuísse. "Sim, de fato, meu pequeno deus", disse ela, "você pode ser tão amoroso, se desejar."

Mas Zagreus respondeu com insolência: "Não, Réia, vou ser sempre obediente às ordens. Sou mais astuto que você, pois a enganei com meu disfarce. Também sou mais racional que você. Por um ato de razão acabo da

rainha Periboia de Corinto. Uma noite, porém, foi insultado durante um convidado bêbado, que observou que não era parecido com os outros filhos de Laio, e suspeitou de ser filho adotivo. Édipo, em segredo, foi consultar o oráculo de Delfos para obter uma resposta à questão dos seus pais; mas o deus não respondeu à pergunta e ameaçou-o com o horrível destino de tornar-se marido de sua mãe. Édipo não ousou retornar a Corinto; pelo contrário, tomou outro caminho para o Norte.

Enquanto isso, Laio, rei de Tebas, passava por grande desespero devido à ausência de Hera com o rei fez com que ela mandasse contra Tebas um monstro chamado Esfinge. Essa criatura podia ser facilmente reconhecida por ser uma mulher, corpo de leão, cauda de serpente e asas de águia. O sábio Édipo aconselhou Laio a fazer um sacrifício no altar de Hera, implorando a deusa que o rei não deu ouvidos ao vidente e, em vez disso, foi consultar mais uma vez os oráculos de Delfos, tomando o caminho do Sul.

Os caminhos do pai e do filho cruzaram-se numa passagem considerada impossível passar mais de um, "Viajante, dê passagem ao rei!", gritou o monstro ao estranho. Édipo ferveu de raiva; recusou-se a sair do caminho e quando os cavalos de Laio pisou em seu pé, e o velho rei golpeou-o na cabeça com o cetro, o caminho bifurcado que usava para conduzir os cavalos. Furioso, sem saber qual caminho tomar, atingindo, Édipo matou o pai e o arauto com seu cajado. Depois disso, tornou-se um assassina, mordeu o cadáver de sua vítima e cuspiu o sangue.

Mais tarde, Édipo chegou a Tebas. Depois de descoberta a morte de Laio, o irmão da rainha, era o regente. A Esfinge continuava a terrorizar a cidade, fixado no Monte Ficium, perto dos portões, e propunha a todo viajante um enigma ensinado a ela pelas Três Musas:

Com dois pés, quatro, três, pisa no chão

Sim, em três, criatura de um só nome

Joram as energias inexauríveis do cosmo na forma de manifestações humanas. As religiões, as filosofias, as artes, as formas sociais do passado e histórico, as descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia, os sonhos que perturbam o sono, emanam do anel básico e mágico do destino.

O significado da palavra grega *mythos* tem duas nuances. Num sentido mais amplo, significa uma história. Em um sentido mais profundo, implica um esquema de desenvolvimento, a última conotação que é mais relevante tanto para a psicologia comparada quanto para a psicologia, pois a universalidade dos motivos míticos básicos revela um padrão intencional de desenvolvimento inerente à psique humana e à vida humana. Por conseguinte, a vida de seres humanos e de nações não é moldada exclusivamente por fatores ambientais; há uma *intenção* inerente a esses fatores modeladores na psique. Jung deu o nome de arquétipos a esses "desenhos" arquetípicos, que tocam muito de perto num dos possíveis caminhos do destino. O horóscopo natal também é uma história, assim como o mito, e os dois — o horóscopo e o mito — formam uma diáde. Os padrões humanos universais, e a carta natal mapeia os individuais. Quando os dois cruzam, pois os signos e planetas do zodíaco estão recheados de motivos míticos, e o desenvolvimento da vida representado pelo ciclo de Ártemis, é uma história mítica. Essa é a história do destino, o padrão de crescimento da planta madura e novamente à semente, escrita antes de a história começar. Mas é um destino de espécie diferente de Moira, de quem falamos nas histórias anteriores. Ainda não estou em condições de saber se Crisipo, o estoico, estava certo ao descrever um destino dualista, como energia e substância, ou se a Moira a dar-lhe o benefício da dúvida e sugerir que Moira representa o aspecto do destino (afinal, Madame Blavatsky igualava karma e substância). Mas o destino inerente aos temas míticos é o aspecto "energia". Talvez os dois sejam realmente distintos, mas "pareçam" diferentes porque são experiências diferentes.

peso nas questões de atração compulsiva, o aspecto daimônico conotação muito diferente. Platão, em *Fedro*, dá esse enfoque:

E assim é com os seguidores dos outros deuses. Todo homem, imita tão bem quanto pode o deus a cujo coro pertenceu, quando em sua primeira encarnação aqui; e ele se conduz, com seu amado da maneira como então aprendeu. Assim, cada um escolhe, entre de acordo com sua espécie; e então, como se o escolhido fosse o seu e vestindo-o como objeto de adoração... E esse empenho em des seu legítimo deus dentro de si mesmo é recompensado, pois é obr o deus sem hesitação, e quando o conserva na memória é anima compartilha de seus atributos e de sua vida, tanto quanto um l partilhar a divindade. E, por essas bênçãos, agradece ao ser amad mais profundamente. . . Ele se vê no seu amado como num esp quem está vendo. Quando estão juntos, ele também se libera da separados, um anseia pelo outro; pois a imagem do amor, que é está refletida em seu coração.⁸³

Assim, o amor da pessoa é o seu destino, porque reflete o deus que Com efeito, todo o padrão da vida da pessoa leva o selo de seu *daimon* se claro quando visto retrospectivamente ou à distância. É só enqua ele é tão difícil — ou talvez impossível — de ser visto, exceto naque de lucidez que podem sobrevir no meio de uma grande crise ou so intencionalidade da experiência deixa uma assustadora sensaçã propulsor que não é o ego e é diferente dos cegos limites instintivos Primeira Parte deste livro.

Até aqui, mergulhamos o tempo todo no manancial sem fundo d

coisa que lhe faça oposição. Seu caráter tonto, robusto, vital, dinâmico é lindamente retratado da novela *Hércules, My Shipmate*, de Robert Graves e do Tosão de Ouro. É uma figura universalmente humana, mas alguns aspectos são parecidos com ele do que outros; ou, talvez, seria mais correto dizer que partes de nós se comportam mais como ele, em certas ocasiões e em certas circunstâncias. Odisseu, por outro lado, é chamado "o astuto". O que o faz vencer não é a força bruta; e sua jornada também é diferente, pois ele é o viajante e não o guerreiro à procura de novos desafios. Seu caminho move-se para cima ou de maneira linear através de uma série de tarefas. Jasão é desleal; no fim, fracassa porque trai a mulher que o amou e o ajudou com sua compaixão e sua doçura, é capaz de arrancar lágrimas das pedras com sua música, e consegue até amolecer o coração do severo senhor Creúsa. No final, não consegue recuperar a esposa perdida no palácio de Hades. O herói da palavra do Senhor da Grande Região Inferior, e olha para trás com um complexo herói teutônico, destemido porém corruptível, ingênuo porém condenado. Parsifal é o Louco Sagrado, que se redime através da nascida de sua própria crueldade desajeitada. Prometeu é um ladrão. Édipo — como já vimos — é um nobre e trágico joguete do destino. As provocações incontroláveis transformam a profecia em realidade.

As heroínas do mito também variam muito. Medéia é orgulhosa e apaixonada, e tem poderes ocultos; Fedra também é ciumenta e menos honesta, enquanto Alkestis é mansa e auto-imoladora. Há também simplesmente um lindo joguete desamparado aguardando o resgate. Há heróis e heroínas, dragões e feiticeiras, reis e deuses quanto facetas e variações sobre um único tema — a vida humana. Os diversos heróis destacam-se em diferentes épocas da vida, pois os mais importantes são biológicos, como o nascimento, a puberdade, o nascimento de filhos, a mulher no parto, a separação das crianças, as relações íntimas.

de Tróia. Mas o herói-guerreiro, de quem Aquiles é uma das manifestações mais bem localizadas, nem tampouco a batalha do herói com seu irmão-inimigo, são encontrados espontaneamente em todas as culturas e em todas as épocas; é uma situação humana arquetípica. Portanto, a sua encenação exterioriza tendências surpreendentes, pois a história reflete, tanto quanto as pessoas, tendências arquetípicas. Também não é surpreendente que histórias como esta sejam lembradas e recontadas século após século. Elas continuam a encarnar-se no Ocidente moderno. Os mitos são modeladores e denominadores das tendências e dos padrões das pessoas. Não têm forma concreta, nem realidade temporal, mas são reais, pois que os nomes e lugares de versões específicas de determinado mito são temporais e geográficos. São tendências, intenções, fatores de ordem psicológica e padrões instintivos.

Gosto de imaginar deuses, heróis, protagonistas míticos, reunidos ao redor da roda zodiacal, atrás dos planetas. Quando determinado mito encontra ressonância com padrões de ressonância num horóscopo individual, esse mito encontra-se na pessoa, aderindo a ela como um *daimon* pela vida toda. incorpora-se à vida astrológica à sua própria história. Talvez diferentes deuses se sintam atraídos pela vontade em diferentes horóscopos, e às vezes personagens radicalmente diferentes viver dentro de um mesmo mapa. Entram e saem em diferentes estadios de vida, os atores com suas deixas, de acordo com as progressões e os aspectos. Não os encontrá-los na forma de "outras pessoas" ou de nossas próprias tendências de caráter. Não consigo pensar em paralelo melhor do que o teatro grego antigo, em que se usava uma máscara — chamada de *persona* (foi daí que Jung tirou o termo) — para comunicar o papel arquetípico que estava desempenhando. Mas a máscara ficava invisível e desconhecido, exceto para os colegas. Talvez os deuses nos vejam, representando nossos papéis, acreditando em nós mesmos "livres" quando estamos o tempo todo dançando a antiga dança.

são um pressuposto da própria existência do herói que, como precisa destruir o velho.⁸⁵

Quando Jasão chegou à idade de combater, voltou a Iolco, de sua herança. Durante a viagem perdeu uma sandália ao ajudar a verdade era a deusa Hera disfarçada) a atravessar um rio. O tempo enquanto isso, tinha recebido um oráculo advertindo-o para se preparar um homem de uma sandália só. Quando os dois se encontraram, Jasão hipocritamente, reconheceu-o como legítimo herdeiro e imediatamente resgatar o tosão de ouro que seu antepassado Frixo tinha levado a Colchida. A alma agoniada de Frixo pudesse descansar em paz. Dessa forma o pai deu o filho para o perigo, esperando, como diz Neumann, que isso seja a prova. Jasão, em resposta, reuniu a famosa tripulação de Argonautas e com os deuses Atena, Posêidon e Hera, fez sua viagem à corte do rei Colchida. Lá grandes perigos. Lá chegando, matou o dragão, com a ajuda de Medéia, sacerdotisa e feiticeira, roubou o tosão, voltou a Iolco, onde se livrou e tornou-se rei.

O impulso de lançar-se em situações perigosas para provar a coragem é característico de Áries e, mesmo que possa a princípio parecer mais característico tanto das mulheres como dos homens de Áries. O arquétipo procura do "verdadeiro" Pai criativo interior, não se limita aos símbolos do emblema desse conjunto individual e "interior" de valores espirituais. Queremos vermos, ser a representação teriomórfica ou animal do deus "oculto" ou guardião, está um pouquinho acima de Pélias, pois é semi-divino, e o Pai Terrível arquetípico, enquanto Pélias é o pai pessoal. O fato de que a coragem e não um mero exercício de imaginação me é sugerido pela grandeza das pessoas de Áries que conheci que foram jogadas na vida vítimas de grandes

carneiro é o principal animal de sacrifício no Velho Testamento. É a Javé, que tem muita semelhança com Zeus e Amon — principalmente "o oculto". O Javé do Velho Testamento é um Pai altamente relacionado com seu bom servo Jó é tão ambíguo quanto o rei heróis como Jasão e os Pais Terríveis que precisam combater.

Existem outros mitos relativos a Áries, mas gostaria de finalizar com este capítulo: a história de Édipo. Isso pode parecer surpreendente, pois Freud, tornou-se o símbolo do filho que precisa lutar contra o pai por um prêmio incestuoso (a mãe) há muito desejado. Para Freud, o problema do desejo-fantasia do homem de unir-se com a mãe (o "complexo de Electra", o desejo-fantasia da mulher de unir-se ao pai) de Laio representava, para Freud, o medo do filho de ser castrado por um assassino surgido de seu desejo de reivindicar a mãe. Mas evidentemente não o mito inteiro, ou preferiu ignorar alguns aspectos salientes. Édipo não encontrou a mãe. Foi a raiva que tomou conta dele; ficou furioso e insistiu em passar primeiro na estrada estreita. Édipo, na história, tem cabelo vermelho e é notoriamente raivoso. Desde o começo, seu pai recusa-se a aceitar o oráculo de Apoio, acreditando que sua própria sorte refutar os ditames do deus e do destino. Talvez a irônica revelação final seja que a violenta batalha entre os machos, derivada do próprio complexo de identificação oculta entre os dois, e não da luta por uma mulher ou levando à mesma fonte da vida. Parece que Freud não deu muita importância à maldição que caiu sobre Édipo, mas creio que ela é extremamente importante. Laio cometeu um pecado; esse pecado foi cometido contra um macho e não outro macho. Assim, ele violou as leis da hospitalidade, violentando o pai e também violou as leis do seu próprio sexo, por causa da violência e infração das "regras" masculinas que acabou levando ao nascimento de Édipo, um terrível destino que o aguardava. Aqui, o "pecado ancestral" é por

Três diferentes touros míticos reivindicam a honra de estarem associados a Europa. O primeiro é o touro branco que levou Europa de seu lar, em Tiro, para Creta, onde ela se casou com o próprio Zeus, transformado em animal com o propósito usual de raptar mulheres que lhe agradavam. O segundo é uma vaca, não um touro, que levou Europa a Io, outra concubina de Zeus, que Hera, enciumada, mudou para o oceano. O terceiro, e o mais famoso, é o touro de Creta, por quem Pasífae, esposa de Minos, se apaixonou, e que gerou o monstruoso Minotauro, que deveria ser morto para que se pudesse começar a história do touro cretense, que parece ter uma profecia sobre o destino de Touro.

O rei Minos era filho de Europa e Zeus, filho do deus enquanto ela estava em Creta e, de sua ilha, exercia muito poder sobre todas as ilhas do mar Egeu e o continente. Quando jovem, tinha lutado com seus irmãos Radamanthys e Sarpedon pelo trono, defendendo sua reivindicação por direito divino. Orou ao deus do mar e dos terremotos, para que fizesse sair um touro do mar, como resposta à oração com a promessa de sacrificar imediatamente o animal que viesse como símbolo de servidão. Posídon, que também é retratado em forma de touro, quando o animal apareceu no momento devido; Minos subiu ao trono. Minos, em sua majestade do animal, pensou nas vantagens que teria em incluí-lo em seu rebanho e arriscou uma substituição, supondo que o deus não notaria ou se importaria. Ofereceu no altar de Posídon o melhor touro branco que possuía em seu rebanho marinho sagrado ao seu rebanho.

Posídon, entretanto, não gostou da substituição. Retaliou a Minos, enviando Afrodite para instilar em Pasífae, esposa de Minos, uma paixão pelo touro. Pasífae persuadiu Dédalo, o famoso artesão, a fazer-lhe um touro de madeira, onde ela poderia se unir sexualmente ao touro. Dédalo executou o touro, e Pasífae se uniu ao touro, gerando o Minotauro.

touro parecem tratar da submissão a um *Self* maior, e à percepção do touro não é "meu", mas precisa ser direcionado para um objetivo. Seja um touro ou uma vaca, como no mito de Io, é o mesmo animal. Não causa surpresa que a associação básica dessa criatura seja com o touro, que tinha "olhos de vaca" e cuja natureza pode revelar-nos muito sobre a natureza da besta que Touro está destinado a encontrar e a domesticar.

Afrodite-Vênus tem mais "personalidade" e contornos próprios do que praticamente qualquer outra deusa grega. Ela não é simplesmente um instrumento destinado a personificar alguma ordem vagamente percebida da natureza, mas muitíssimo viva, qualidade que transpira nas esculturas que temos de ela. Ela é carnal; ela não tem qualquer ambivalência a respeito de sexo. Paul Kegan, em *On the Meaning of Aphrodite*, dá a isso o nome de "sexualidade ilimitada", em contraponto a divindades femininas como Ártemis e Atena, que são asexual e a contaminação. Enquanto o corpo é uma contaminação para os jogos olímpicos, para Afrodite é sagrado. Em parte é por isso que ela é sempre nua, ao contrário das outras deusas que quase sempre aparecem vestidas. Ela personifica a natureza nua, não envergonhada. Também age como intermediária entre o mundo dos imortais e o mundo dos homens, exatamente como Zeus. Ela se acasala com os mortais. Geralmente, o mortal que tem relações com ela é punido com a morte, a castração ou pior. Vimos um exemplo em Tântalo, que foi punido sendo amarrado para sempre a uma roda de fogo devendo escolher de seduzir a deusa Hera. Afrodite, porém, é a amante em potencial de todos os heróis que lhe atraía. Nesse sentido, ela está pronta a se encarnar, recriando o mundo dos vivos e das coisas terrenas. Sua nudez pode ser vista como uma porta; portanto, ela é acessível à experiência humana, diferentemente de deusas como Ártemis, que são esquivos e punem quem os espreita muito de perto.

isto é, recolhendo-se para o intelecto a fim de evitar a ameaça dos sentidos. É claro que isso não é solução; é o que fez Míias prendendo o Minotauro. O corpo, então, em geral rebela-se contra a tirania da mente. Também os animais que são prisioneiros de seus sentidos, quando o touro ou a vaca do touro e a mulher; e isso também não satisfaz nem o touro nem o parceiro. Voltamos ao rei Minos que repudia *o Self* e tenta se apoderar da gratificação do que não é seu, com trágicos resultados.

Até aqui lidamos com os aspectos femininos do touro. Mas o touro também compõe um par, e mesmo que ela não seja esposa no sentido convencional, ele é casada — com o estranho deus Hefesto, chamado Vulcano em latim. Os dois lhe deram como marido. Sempre que há pares assim de deuses, o casamento implica duas metades de um só padrão arquetípico. Mesmo que a esposa, Afrodite e Hefesto seja incômodo, não deixa de ser um casamento "legítimo" dela. Portanto, precisamos analisá-lo, pois ele também nos dá um entendimento da natureza e do destino de Touro.

Hefesto é o ferreiro divino, refletido nos deuses ferreiros de metal, cego, feio e coxo. Tem muito em comum com os anões teutônicos, porque a terra e sua habilidade consiste no dom artístico e no poder físico. Na sua história, ele era tão fraco e doentio quando nasceu que sua deusa mãe jogou das alturas do Olimpo para livrar-se do embaraço causado pelo parto lamentável. Tenho visto esse triste padrão no começo da vida de muitas famílias esperavam algo mais espetacular, mais brilhante, mais nobre, uma criança vagarosa e terrena que o taurino muitas vezes é. Hefesto sofreu um infortúnio porque caiu no mar, onde a deusa do mar Tétis tomou conta dele e montou sua primeira oficina de ferreiro. Ele recompensou essa grande mãe com objetos bonitos e úteis. Até que um dia Hera viu Tétis usando um anel feito por Hefesto e, quando descobriu que seu criador era o filho perdido de Zeus no Olimpo, onde lhe ofereceu uma oficina melhor, casou-o com a deusa do mar.

pelos gêmeos, permitindo que eles desfrutassem alternadamente o dia passando um dia debaixo da terra no reino de Hades e o dia sob o céu celestial do Olimpo. Dessa forma, os gêmeos refletem uma experiência oposta, pois, quando são mortais, precisam sentir o gosto da morte e quando são divinos partilham dos prazeres dos deuses. Gêmeos é tipicamente usado como um signo de humor variável, tendendo a oscilar entre a alegria e a tristeza. Não causa surpresa ao examinarmos esse mito, que retrata vividamente a luta conflitante de escravidão a um corpo mortal, com seu senso de perda e exaltação do reino do espírito e da vida eterna.

Os mitos relacionados com o nascimento de "gêmeos celestiais", como os de Hades e Zeus, representam o bem e o outro o mal, aparecem nos épicos da Grécia, do Egito, da Índia e da China. São um dos grandes motivos arquetípicos. Os dois gêmeos, de maneira igual, fazem bem à humanidade e à sociedade. Assim são as divindades gêmeas da tradição hindu, os Asvins, os grandes cavalos da carruagem do céu, que fabricavam a chuva e concediam a fertilidade. No entanto, um dos gêmeos personifica a luz, e o outro a escuridão. No romano, os gêmeos Rômulo e Remo eram filhos do deus da guerra, amamentados por uma loba. Fundaram a cidade de Roma. Mas os irmãos foram mortos por causa do lugar e Remo, ao tentar matar Rômulo, foi morto. Rômulo, o "escuro" que tenta destruir seu irmão "luminoso" Rômulo, e se dá a conhecer como uma força escura com a luminosa toca num profundo dilema humano, que Jung chama de sombra, o inimigo interior que também é um irmão, que mora no ventre, que nunca pode ser totalmente conquistado, mas que precisa ser combatido. Outra imagem desse problema pode ser encontrada no relacionamento de Jesus e Judas no Novo Testamento. No Velho Testamento, encontramos Caim e Abel que, mesmo não sendo gêmeos, representam uma oposição. Caim é o irmão escuro, Abel é o luminoso. Satã e Cristo são igualmente irmãos.

olhos de Gêmeos, o cosmo divide-se em opostos, e assim cor e sombra
passam metade do tempo no Hades e metade no Olimpo, Gêmeos tem
só o que há de bom na vida, ora só o que há de mau.

No mito escandinavo, Baldur e Loge personificam os irmãos eterno
bonito, elegante e idílico; na realidade, ele é bom demais para ser
escuro e ladino — brilhantemente retratado, na produção de Bayreuth
do *Anel*, como um corcunda feio, de corpo e pensamentos tolhidos
no fim, pela morte de Baldur. Esse é o relacionamento entre Alfrigg e
Anel, com o próprio Wotan reconhecendo a duplicidade de seu filho
autodenominando o Alberich "branco", enquanto o anão é o Alberich
escala humana, Siegfried e Hagen enfrentam-se como o herói do céu
preta. Mas a morte de Siegfried pelas mãos de Hagen, assim como a morte
pelas mãos de Doge é, em certo sentido, uma necessidade ou um destino.
brilhante é um pouco brilhante demais, um pouco invulnerável, um pouco
distante demais do sofrimento humano comum e do anseio humano comum
a tarefa de redenção que lhe cabe. Só pode ser ferido pelas costas.
brilhante postura heróica é capaz de desviar qualquer coisa na vida.
o inconsciente, No final do *Anel*, tudo parece escuro e depressivo,
destruído e o mundo dos deuses está chegando ao fim. Porém, se a visão
do tema de Wagner é correta, parece que ele está dizendo que o processo de
destruição é a própria humanidade, depois que o gigantesco mundo
bidimensionais entra em declínio. Assim, Judas precisa trair Jesus para
fazer o sacrifício que lhe cabe, para que o homem possa receber um
os opostos na vida. Caim precisa destruir Abel e, conseqüentemente, o mundo.
Satã precisa convencer Deus a punir Jó e precisa atormentar Eva para
Richard Donington, no livro sobre o ciclo do *Anel*, diz o seguinte:

Se Hagen é, em certa medida, uma sombra pessoal de Siegfried,

a magia lhe é mais adequada que o heroísmo, e talvez seja por isso que os textos mágicos de que falamos anteriormente eram dedicados ao Grande Hermes. Ele é arquiteiceiro e patrono dos magos. O lucro não é calculado ou totalmente inesperado (mas principalmente o último). Otto escreve:

Esta é sua verdadeira caracterização. Se alguém encontra o caminho na estrada, se tem um súbito golpe de sorte, agradece a Hermes. A palavra para qualquer golpe de sorte é *hermaion*, e a expressão costumeira para "sorte comum" (*koinos Hermes*). Com certeza, em geral é preciso resolver os problemas antes de receber a dádiva desse deus, mas no fim é sempre sorte. O deus hindu Pushan faz paralelo com Hermes, pois ele conhece o caminho e guia, impedindo que o homem se perca.⁹³

Jung ficou fascinado pela figura do embusteiro, algumas vezes até vezes sombria, e em especial pelo Mercúrio dos alquimistas. Para ele representava o ímpeto misterioso do inconsciente, ora destrutivo e assustador, mas sempre ambíguo, e sempre fértil. Essa infundável conexão entre os sonhos e os pesadelos de nosso sono foi personificada pelos gregos que colocavam *Hermes* — estátuas votivas do deus — em todas as entradas. *Herm* não era nada mais do que uma cabeça barbuda, sorrindo matronalmente, em cima de um pilar retangular, com um falo ereto apontando o caminho. Em seu ensaio sobre o arquétipo do embusteiro:

O motivo do embusteiro não surge apenas na sua forma mítica, mas com a mesma ingenuidade e autenticidade no confiado homem moderno. A realidade, que ele se sente à mercê de "acidentes" incômodos

estava destruindo os campos de tema. Durante a luta, todas as crias do lado de Hércules, mas do pântano onde vivia a Hidra saiu rastejando, um caranguejo, enviado pela deusa Hera para derrotar o herói, seu inimigo. O caranguejo agarrou Hércules com as pinças, mordendo seus pés e tornozelos; o caranguejo, ou menos característica de Câncer, quase fez o herói perder sua batalha. Hércules pisou no caranguejo e o esmagou. Hera honrou-o por obedecer e promoveu-o aos céus.

O ódio de Hera por Hércules (cujo nome, por profunda ironia, "Hércules" ou "Hera") deve-se, declaradamente, ao fato de ele ser filho de uma mulher, não de Zeus. Mas, na realidade, é a raiva da matriarca contra o herói intruso no seu reinado. Certamente existe uma face mais escura de Câncer que reflete a luta e a batalha para se libertar tanto do poder da Mãe como da mãe repressora. É uma questão acentuadamente difícil na vida dos cancerianos. O caranguejo é o símbolo de Câncer arcaico para quem a maternidade é tudo, e para quem o pai é apenas o fornecedor da semente. Esse elemento mais regressivo de Câncer busca a reivindicação do ego por consciência e liberdade de escolha, a liberdade. O Terrível arquétípico prefere combater e até destruir o filho em vez de permitir que ele escape a seu domínio. O caranguejo, no mito, usa da astúcia, não da força, agarrando os pés em vez de enfrentar o herói diretamente. Em outras palavras, a estabilidade do herói enquanto ele luta com o monstro. O Caranguejo é um inimigo aliado, e podemos ver esse padrão um tanto desagradável funcionando em muitos relacionamentos em que um parceiro oferece amor e apoio nominalmente, mas em segredo mina o outro durante sua luta mais difícil. Esse é o lado escuro que precisa ser confrontado pela parte heróica da pessoa. O problema de Hera também não é exclusivamente feminino, pois o caranguejo aparece em pântanos de homens e mulheres que têm Câncer fortemente enfatizado. Pode-se observar muitas vezes, nos homens cancerianos, muita repressão e

começo do Gênesis o espírito de Deus move-se sobre a superfície do mar, não é apenas Deus, ela é a própria água, e existiu muito antes do Javé, em si profundidades masculinas e femininas, semente e ventre. Também é chamada Nereida, cujo nome significa "o elemento mofo". Também vem a estranha figura mítica de Nereu ou Proteu, o profético "velho do mar" com cauda de peixe e um leão, um cervo e uma víbora saindo de seu ventre. Proteu, assim como Nereida ou Tétis é a mãe-mar; muda sua forma, e para quem quiser obter respostas dele precisa primeiro amarrá-lo e esperar que ele se transforme em vários animais assustadores, até que finalmente assume sua verdadeira forma e pronuncia a profecia. Odisseu, nas suas longas peregrinações, buscou Proteu e teve que esperar as mudanças de forma até o velho *da água* dizer o que ele queria. O ato de amarrar o velho do mar e esperar por sua mutação em todas as formas concebíveis de bestas e monstros sugere um aspecto do processo criativo — o artista precisa agarrar-se a uma forma que não escapa e se transforma até emergir como imagem estável. Também é o aspecto analítico, onde é preciso agarrar com firmeza as cambiantes imagens e fantasias até que produzam um significado assimilável pelo consciente.

Foi assim que Câncer adquiriu a reputação que sempre teve de ser difícil de definir, uma dificuldade de definição, o que acho que é um eufemismo. Faz parte do processo de água e do inconsciente passar fluidamente de uma a outra forma; faz parte de Câncer viver num mundo onde nada é exatamente o mesmo que antes. Talvez a maneira como Odisseu trata Proteu seja uma imagem importante que Câncer aprenda: capturar o velho mago das profecias e segurá-lo firmemente até que ele solte sua sabedoria. Sem Proteu, Odisseu não encontra o caminho de casa, mas teria ficado eternamente perambulando pelas águas sem um lar.

Posídon quis cortejar Tétis, porém uma profecia dizia que quem

escolheu a primeira. Acho que Isso não precisa ser tomado literalmente. Qualquer motivo mítico não exige uma encenação literal; mas sem isso, para se libertar da deusa significa colocar em risco a própria mortalidade. Morrer em outros níveis para se tornar livre. Esse monumental estorço. Câncer é, freqüentemente, o ato que libera o potencial da imaginação. Existem outros tantos cancerianos, talvez mais, que escolhem o sequestro e continuam a vida inteira próximos do conforto da Mãe, sacrificando o potencial que poderiam realizar. Tétis, como já vimos, trabalhou para impedir que Aquiles se juntasse aos guerreiros que iam para a guerra. efetivamente, que a experiência que Câncer tem da mãe é de uma tutela. Porém Odisseu descobriu Aquiles escondido entre as mulheres, durante a guerra. Durante as batalhas assistimos à constante interferência de Aquiles correndo à sua tenda para levar-lhe uma nova armadura, roupas limpas e comida diante. É de surpreender que Homero não fale em sopa de galinha quando Aquiles fosse uma história tão grande e trágica, seria hilariante; esse trecho é dolorosamente engraçado. A única coisa capaz de tirar o Aquiles da tenda para entrar em combate é a morte de seu melhor amigo e amor. Isso se revelam sua verdadeira coragem e seu brio. Parece que isso também acontece com Câncer: nada incita o signo à confrontação direta da vida, a não ser o amor emocional.

O tema da Grande Deusa é uma ameaça que aparece, de uma forma ou outra, em muitos outros signos do zodíaco. Câncer parece descrevê-la como a Mãe, a regente do mar. Ela é a água uterina de onde surge a criança, e a água do mar onde surge a identidade individual; essa grande imagem da Mãe representa a mais poderosa força na vida de Câncer. A tendência, mais tarde, é de se tornar pessoal como caminho exclusivo para o inconsciente criativo, mas sempre em que aparece, Câncer está sempre ligado a ela, para o bem ou para o mal.

leões em seu séquito. Porém, os atributos do leão, embora freqüente ao feminino, são atributos muito quentes e belicosos, bem distantes da Mãe reptilária. Jung diz o seguinte a respeito do leão:

Na alquimia, o leão, a "besta real", é um sinônimo de Mercúrio preciso, de um estágio de sua transformação. Ela é a forma de um monstro devorador e predatório que aparece inicialmente como belicoso tem a finalidade de expressar exatamente isso — a emoção que precede o reconhecimento dos conteúdos inconscientes.⁹⁹

O leão também está associado à concupiscência e ao orgulho, é inconfundivelmente erótico, daí sua associação a Dioniso e Cibele, animal combativo e sugere impulsos agressivos saudáveis, bem como Caranguejo encontramos uma criatura de sangue frio do reino su aspecto feminino. O leão, porém, pode ser domesticado e reagir à — a realeza egípcia e a persa tinham leões como bichos de estimação diante de algo muito mais próximo da consciência: as paixões r Hércules e o leão, sem dúvida, foram imaginados de acordo com o homem combatendo a besta, porém esse herói veste a pele do animal, forma ele se torna semelhante ao leão, mas as paixões inflamadas es Não se pode imaginá-lo vestindo a casca do caranguejo, distanciada humana. O emblema da realeza, no sentido mais profundo, está capacidade de lutar com as paixões. O homem que é incapaz de combelicosos não pode governar os outros nem servir-lhes de exemplo.

Provavelmente não estaremos errados ao supor que o "rei dos a

Parsifal vestiu a armadura do inimigo derrotado. Depois encontrou a mulher em desgraça, e foi iniciado nas artes eróticas; mas deixou a mesma grosseria desajeitada com que tinha abandonado a mãe, e tornou-se necessariamente cego.

Por fim Parsifal chegou a um rio profundo, sem nenhuma paisagem, cujo destino tinha-o levado ao fim da estrada — ao local de sua tarefa e ao encontro de um pescador, que lhe ensinou o caminho para o castelo do Graal. O castelo surgiu do nada. O portão abriu-se, pois ele estava sendo esperado e aguardado pelo rei-pescador. O rei, na história, estava feio e com uma coxa — não podia procriar, visto que sua masculinidade estava perdida. Sua imagem, ligeiramente encoberta, de castração. Parsifal então teve um sonho com uma espada, uma lança gotejando sangue, uma moça trazendo um Graal com pedras preciosas, e outra moça trazendo uma bandeja de prata. Os quatro não reconhecerão nesses quatro objetos sagrados naipes de copas, pentágonos, e os estudiosos de Jung reconhecerão a quaternidade sagrada e a inteireza do *Self*. Enquanto esses quatro objetos sagrados passavam, Parsifal não diz nada. Foi para a cama, e ao acordar o castelo estava deserto. Não encontrou outra mulher que lhe falou do seu recente fracasso. Se ele tivesse perseguido o rei, serve o Graal?, o rei teria sido curado, e a terra renovada. Ao se deparar com seu destino, Parsifal, como se diz, estragou tudo.

Só tornou a achar o castelo depois de atingir a maturidade e as experiências necessárias. A princípio, nada disso tinha qualquer significado, era apenas simplesmente um show montado para sua diversão. No livro *The Grail*, Jung e Marie-Louise von Franz enfatizam a falta de capacidade de compreensão característica do jovem Parsifal. Wagner, em sua grande ópera de Parsifal, esse tema da falta de compaixão de Parsifal. O herói entra em cena depois de ter atirado num inocente cisne por mera diversão, e é espantado pelos Irmãos do Castelo do Graal por sua insensibilidade. Jung e von

mente seja Deo *concedente*, pois quem quer que a realize precisa (e não depende por Deus) nem pela natureza, mas unicamente peio resoluto e esforçado humano, Percival; assim como não se pode colocar nem mais nem menos nisso no opus da alquimia ou na realização *do Self*. É preciso observar que o caminho de Percival para o Graal, o opus da alquimia e a busca do Graal têm em comum com a forma cristã de salvação o seguinte: todo o opus *opus contra naturam*, isto é, não é a linha de menor, sim de maior

A busca da realização individual, naturalmente, não pertence unicamente à trajetória básica da alma humana, e adiante vamos falar mais sobre o destino. Porém o mito de Parsifal, embora num sentido mais amplo, abarca todos os homens e mulheres, parece prefigurar, às vezes misteriosamente, a vida de Leão. Talvez a questão de descobrir o significado de ser leão seja uma preocupação básica para Leão, a questão mais importante que ele enfrenta. Portanto, não é surpreendente que Jung, ele mesmo um leonino, tivesse desenvolvido o conceito de individuação, que mostrou ser de tamanha importância para a psicologia profunda. Essa era a questão que mais de perto falava a sua alma, a questão previsível, do ponto de vista do astrólogo, quando se conhece o cenário mítico do signo; era, naturalmente, seu destino. Assim, o seu destino se conheceu como discípulo favorito e herdeiro escolhido por Freud, e não para ele, como poderia ser, e efetivamente foi, para outros. Seu destino o compeliu a percorrer o caminho solitário em direção às suas profundas questões e à visão da psique que acabou desenvolvendo viesse de sua experiência pessoal ou de sua pesquisa e de sua percepção. Foi um caminho tipicamente humano, em círculos cada vez mais perto de um centro que Jung achava ser tanto humano quanto religiosa como instintiva. Sua decepção com o pai, um homem de quem ele perdeu a fé, também é característica do padrão. Jung atribuiu sua decepção com o pai a uma experiência mítica, a qual ele chamou de "o

obedecer às leis da natureza. Porém, com a gradual corrupção c
adquiriu ódio pela raça humana, devido a seus crimes, e deixou a
voando aos céus para se juntar a seu pai Zeus e tornar-se a constela
Hesíodo, a figura de Astréia é severa, punidora dos crimes; tem mu
Nêmesis, que já conhecemos. Mas a justiça de Astréia não diz res
às sutilezas do relacionamento social. Vamos encontrar mais coisa
chegarmos a Libra. Astréia, que geralmente aparece carregando un
uma deusa mais terrena. Jane Harrison, em *Themis*, estudo sobre a
religião grega, escreve:

Diquê (Astréia) é a maneira de vida de cada coisa da natureza
animal, cada homem. Também é a maneira, o uso, o curso regul
grande animal, a maneira que se manifesta nas Estações, n
vegetação; quando se chega a ver que tudo isso depende dos co
se manifesta nas mudanças do nascer e pôr das constelaçõe
minguante da Lua e no curso diário e anual do Sol.¹⁰⁴

Aqui temos algo semelhante à antiga figura de Moira, embora a
deusa tão primitiva, nem seja responsável pela distribuição do desti
uma imagem da ordem intrínseca da natureza, e seu desgosto pela
imagem mítica da tradicional aversão de Virgem pela desorden
desperdício de tempo e matéria. Como Astréia, Virgem não tem n
que, caprichosamente, fizeram do mundo uma bagunça. Tudo tem
no domínio da deusa Astréia; toda forma natural do universo tem s
valor. Não é surpreendente, com um *daimon* desses presidindo o s
incline ao ritualismo e a uma visão da vida em que é preciso restaur

Frances A. Yates escreveu um estudo notável sobre o tema da
política do século XVI (chamado, adequadamente, *Astroca*), no qu

do comum. Entretanto, essa moralidade interna, por si mesma, pode ser e não menos baseada num senso de "correção" do que os códigos mais externos. No decorrer de meu trabalho conheci várias prostitutas profissionais, algumas em Virgem, ascendente Virgem, ou Lua ou Vênus em Virgem; e é interessante reconhecer essa curiosa dicotomia entre um forte senso moral interno e um comportamento na sociedade chamaria de comportamento flagrantemente imoral ou amoroso. Isso me leva a perguntar quem são as verdadeiras meretrizes, no sentido que geralmente usamos o termo. Acho que a história de Perséfone é um exemplo que torna destino, no sentido literal, se Perséfone não consegue se alinhar com a oposição — Afrodite — e tenta agarrar-se à virgindade no sentido mais tradicional de inocência e repúdio da vida. Nesse caso, a vida, como Hades, tem um caráter das profundezas e forçar a virgem à experiência. Mas mesmo quando se trata do padrão mítico — e há muitos níveis e tipos de estupro — surge a questão da experiência. Obviamente, a questão não diz respeito unicamente à vida, mas incorpora toda uma visão da vida. A prostituição das deusas virgens incorpora meramente a disponibilidade sexual a todos os visitantes, assim como a virgindade significa meramente estar intacta sexualmente. Entendê-la-ia mais como uma saída ao fluxo da vida, uma disposição em confiar na ordem natural, na inevitabilidade da penetração e da mudança. Contrariamente às descrições populares de *daimon* que que que esse *daimon* paradoxal constitui o verdadeiro cerne do signo. É impossível alcançar, assim como a procura do Graal é difícil para Leão, a vida é opostos para Gêmeos, a domesticação do touro para Touro, e assim por diante. É mais fácil e muito mais comum que Virgem fuja para o comportamento amoroso obsessivo, onde os aspectos mais severos de Astréia subjugam a alegria de Atargatis. Muitas vezes isso é o prelúdio da chegada a estados psicossomáticos, pois Atargatis é uma divindade que pede passagem para a vida mais básica da vida — o corpo.

esses sentimentos eróticos, até então completamente reprimidos, de amantes. O fato de ela ter encontrado um homem que a desejava, que ela imaginasse que podia desejá-la, jogou-a numa crise. O começo da crescente noção de que seu corpo tinha leis válidas e de vez de ser um objeto que podia ser trocado por amor e segurança. A loja, que é o símbolo moderno do antigo templo, leva-a à experiência reivindicada o primeiro amante como afirmação do feminino antes de ligar-se a um marido. Aqui o animus é o iniciador, disfarçado como loja, afirmando o direito dela de seguir os ditames de sua natureza e acasalar com quem desejar. Os brincos de ouro sugerem não apenas uma vez implicando um paradoxo — mas também a própria inteiração do sonho, portanto, sugere que esse encontro com a prostituta é uma constelada pelo novo relacionamento, assinala o começo do desenvolvimento individual de Susan. Esse tipo de sonho não é incomum em mulheres cujo signo que tenham enfrentado o mesmo tipo de problemas maternos. Este sonho aqui, porém, porque ele incorpora muita coisa do "destino" da mulher.

A questão de conceder favores ou graças conforme se deseja, é uma necessidade interna, em vez de satisfazer expectativas para obter prêmios para a figura mítica da Virgem. Esther Harding, no livro *Women's Mysteries*, discute a deusa virgem:

A principal característica da deusa na fase crescente é que ela é não é usado para capturar ou possuir o homem que ela atrai. Ela é o homem escolhido que precisa recompensá-la com a devoção, para obter a segurança de um marido, lar e família. Permanecendo sendo a deusa do amor. Essencialmente, ela se basta... Seu destino depende de sua relação com um marido-deus, e assim seus atos são uma necessidade de conciliar com ele ou adequar-se a suas qualidades.

sexos, cujo *daimon* geralmente os compele a manifestar seus talentos diretamente expressiva e concreta. Porém, para que esses potenciais se expressem formalmente, é preciso que a virgem morra, pois a essência desaparece com qualquer criação física. Desconfio que a fascinação experimentem pela virgindade (ver o número de filmes que tratam do defloramento de uma jovem, para não falar da enraizada expectativa de que a mulher vá para o leito nupcial intocada, a não ser pelo espólio desse mito. A contaminação ofende Virgem, mas é preciso haver uma vida que a vida seja vivida. A figura de alma que mais se aproxima da perfeição na consciência ocidental é a de Maria, que incorpora a santidade da alma imaculada. Maria continua milagrosamente virgem no nascimento de Jesus, o que reflete as qualidades sempre renovadas e capaz de ser prostituta e mãe, porém conservando-se essencialmente virgem.

Não falei nada sobre Hermes-Mercúrio, que é o regente planetário da parte porque já o encontramos em Gêmeos e muitos de seus aspectos pertencem a Virgem. Mas nunca me senti à vontade considerando a única descrição do complexo emaranhado do caráter de Virgem e do planeta, ainda não descoberto, que possa ser um co-regente; talvez algumas vezes ser visto em forma feminina nos textos alquímicos, mostrando a melusina com cauda de peixe. Esse Hermes lunar com cauda de peixe é a imagem da deusa síria Atargatis, que é metade peixe e que, segundo alguns, que tem mais afinidade com Virgem. Na forma feminina, o Mercúrio é a mãe virgem, o ventre da matéria que vai dar à luz o filho divino, o Mercúrio, na forma masculina. Se formos nos contentar com a representação de Mercúrio sobre Virgem, precisamos fazer nossa compreensão da paradoxal dimensão lunar. Pois ele é lunar, e, apesar da expressividade da destreza e da sagacidade, que são as dádivas de Hermes a Virgem.

papel, na história de Orestes; seu tribunal humano, votando o príncipe, é algo "novo", algo diferente dos deuses briguentos e zangados. No mito, aqui, estivesse sugerindo que na faculdade eminentemente humana, o "natural", do julgamento racional, reside uma solução potencial para o equilíbrio entre os choques e conflitos da psique inconsciente, que se manifesta tanto de representar na forma de divindades em disputa e maldisputada, a deusa Astréia também possui um pouco dessa qualidade de julgamento, embora, como já vimos, sua esfera seja outra; mas a minha experiência com Virgem e Libra partilham de um senso de ultraje parecido com relação à falta de regras. Parece, porém, que Libra projeta essa visão de justiça na forma mais elevada. Forma a base do intenso idealismo desse signo e de sua visão da vida. Nunca achei que se referisse, como nos dizem algumas deusas, ao amor romântico, flores e luz de velas, a não ser como uma parte integrante com os rituais de corte adequados, segundo uma concepção idealizada. O amor romântico não é propriedade de Libra. O signo tem muito mais a ver com questões da ética e da moralidade, do julgamento e da distribuição de justiça. O tema da moralidade muitas vezes na vida de librianos, pois existe uma forte que anseia pela confirmação dessa divindade que segura os pratos da balança balanceados do julgamento; para alcançar essa experiência, os pratos extremos e a violação da lei são acontecimentos necessários, pois o culpado consegue fugir facilmente.

A imagem mítica de Osíris julgando as almas dos mortos, o julgamento que os deuses fazem do homem, e implica a existência de leis universais de certo e errado, aos quais a vida humana precisa obedecer. Os princípios não são "naturais" no sentido de que não são leis do mundo físico. Pertencem ao reino do espírito humano e de sua visão da perfeição. Vamos explorar agora dois contos míticos cujo tema principal é o julgamento

a necessidade de fazer um julgamento — sobre valores pessoais reagindo de forma característica. O fato de o seu final ter sido infeliz nesse seja o destino concreto de Libra, embora às vezes as escolhas efetivamente levem a bastante confusão e dificuldades. Já vi o triângulos amorosos típicos de Libra, em que tais escolhas jogam a emocionais (e às vezes também financeiros) mais ou menos convencida de que esse mito engloba um padrão de desenvolvimento.

Tirésias, por outro lado, é um personagem um pouco diferente encontramos no conto de Édipo, ele é um vidente cego, famoso discernimento. É ele que avisa Édipo de que o próprio rei era a coisa estava contaminando Tebas. Mas a história da cegueira de Tirésias Existem várias versões; em uma delas, Tirésias, como Páris, foi escolhido era a mais bonita entre quatro deusas, Afrodite e as três Graças. Deu uma das Graças, atraíndo assim a ira da deusa do amor, que o transformou Mas a versão mais conhecida do mito de Tirésias começa quando o pelo monte Kilene. Aí viu duas serpentes copulando. Quando as duas golpeou com seu bastão, matando a fêmea. Imediatamente foi mulher, e passou vários anos como uma notável prostituta. Sete aconteceu de ele ver a mesma cena no mesmo local, e dessa vez rec de homem, matando a serpente macho. Devido à sua incomum ex sexos, Zeus o convocou para decidir uma questão entre ele e Hera estado discutindo, como de hábito, sobre a infidelidade de Zeus, e argumentando que, quando partilhava a cama da esposa, ela ficava porque as mulheres têm mais prazer no ato sexual. Hera negava e que o contrário era verdade; se não, por que mais o marido seria promíscuo? Tirésias, convocado a decidir a questão, respondeu:

Se dividirmos o prazer do amor em dez partes

mata e se gera, no signo de Câncer, e na alquimia, o uroboros muitas vezes é representado como um par de serpentes ou dragões formando o círculo da vida. Tirésias, evidentemente, observou um mistério profundo, pois essas cobras representam o Mundo, macho e fêmea juntos. Assim, elas o atacam, pois ele não deu o devido respeito. É como o ataque mítico de Ártemis contra Actéon, que acidentalmente viu a deusa se banhando: a natureza tem ciúme de seus segredos. O frio e a solidão, sem dúvida, espiona os lugares em que não é "permitido" ir, principalmente o amor, e o amor muitas vezes se volta e ataca o libriano por causa de sua natureza desinteressada. Para se defender, Tirésias mata a serpente fêmea – talvez, proteger-se do lado instintivo da vida. Ao fazer isso, sacrifica a si mesmo, o homem. Talvez essa seja uma imagem do preço pago por esse estágio de desenvolvimento que a nítida repressão e aversão pelo corpo e pelos odores característicos de Libra, pode resultar na perda do *self* e na venda da alma. O futuro profeta tem outra visão das origens da vida, e nessa segunda visão, o lado do subjugante princípio patriarcal que anteriormente tinha feito dele perder a sua própria sexualidade. Assim, é devolvido a si mesmo. Essa oscilação entre o masculino e o feminino, espírito e corpo, parece típica tanto dos homens quanto das mulheres de Libra. O mesmo aplica-se à experiência simbólica do sexo oposto, que é separada da própria biologia e é possuída pelo inconsciente transexual. Os mitos de Libra, tradicionalmente, são conhecidos pela afinidade que têm com a vaidade, o enfeite, da ornamentação e do embelezamento, enquanto as mulheres são conhecidas pelo pensamento claro e racional e pela capacidade de ouvir. O mito de Tirésias sugere que a sexualidade de Libra, freqüentemente ambivalente, é profundamente arquetípica.

Foi em conseqüência da sabedoria adquirida por Tirésias que ele foi escolhido para solucionar a disputa conjugal olímpica. É como o mito de Páris: pede-se que um mortal forneça o que os deuses mesmos não conseguem decidir.

uma unidade, dois aspectos de um todo. Diz a história que Medusa era uma mulher, que um dia ofendeu a deusa Atena:

As Górgonas, Estero, Euriale e Medusa, eram lindas. Porém Medusa deitou-se com Posídon, e Atena, enfurecida porque eles tinham relações nos templos dela, transformou-a num monstro alado com olhos imensos, língua saliente, garras afiadas e anéis de serpente; seu olhar transformava os homens em pedra.¹¹³

Outra versão dessa história diz que Medusa foi violentada por Poseidon, um semblante assustador que ficou gravado em seu rosto era a expressão de dor que sentiu. De qualquer forma, estamos de volta aos temas escorpiano de estupro e da sexualidade ofendida. Quer a horrível feiúra da Medusa seja uma Atena ultrajada ou de um espírito feminino ultrajado, sob o signo da mesma coisa, pois Atena, a deusa virgem que é a sabedoria de Zeus, representa o julgamento contra o comportamento não civilizado. O rosto da Medusa reflete a raiva e do ódio femininos; qualquer um que a contemple fica paralisado. É um retrato extremamente acurado, do ponto de vista psicológico, de uma mulher duradoura com relação à vida e a amargura que conduz à apatia interior. É um signo que muitos do signo de Escorpião, mais cedo ou mais tarde, precisam reconhecer.

Perseu foi incumbido de matar a Medusa para impedir que sua filha se casar com o rei Polidectes. Aqui surge o motivo da redefinição da identidade feminina através da vitória sobre outra figura feminina, mais sombria em essência, são a Mãe. A mãe pessoal só pode ser redimida quando a filha é confrontada. Muitas vezes, um homem tem sua alma interior confrontada com a herança da raiva e da amargura inconscientes da mãe, de forma

— é uma das maiores e mais complexas criações literárias, pois per o humano arquetípico. Na Parte Dois do poema de Goethe, ele p alquímico, através do ar, água, fogo e terra, descendo ao misterioso finalmente subindo novamente ao céu; durante toda a jornada purificação, nunca abandona sua luta lastimosa.

Jung ficou fascinado pela figura de Fausto. Via nele a per problema inerente à cultura ocidental, o difícil e espinhoso camin bamba entre uma renúncia à vida, nascida do amargo cinismo sob do mundo, e uma identificação demasiado grande e abandono ao r material. Como Fausto é tanto um homem espiritual como sen armadilhas dos dois: a aversão pela humanidade, por um lado, e a r outro lado. Jung assim descreve sua complexa personalidade:

O anseio de Fausto torna-se sua ruína. Seu anseio pelo outro m rastro uma aversão pela vida, de modo que ele estava à beira d seu anseio igualmente pertinaz pelas belezas do mundo p reiterada ruína, dúvida e miséria, culminando com a trag Gretchen. Seu erro foi ter feito o pior dos dois mundos, seg impulso de sua libido, como um homem tomado por paixões for

Nessa descrição imagino poder ver muito do *daimon* de Escorpi violentamente para cima e para baixo mas que, como a imagem ma com o dragão, precisa confrontar e finalmente aprender a viver con e assustadora da vida instintiva, da qual a Górgona e a Hidra são elevadas aspirações de Escorpião, que, como ressalta Jung, podem l vida, é sua poderosa sensualidade, desejosa de submergir no mun cama extremamente incompatíveis. Entretanto, derivam no mesm

surge a brilhante aspiração que forma o cerne de todos os rituais re-
do espírito imortal e sua bondade, à espera no amplexo do Bom Pai

Os deuses que agora governam a vida como guias e idéias já não
e sim ao éter; por isso, dos três reinos e seus deuses... só perman
de perfeição divina, o reino de luz de Zeus.¹²¹

Essa é a descrição que Walter Otto faz de Zeus, divindade muito m
Moira – embora imprevisível – e muito mais próxima do Deus do
cristão.

Mas Zeus não é inteiramente livre, nem está inteiramente no
substituído Moira, como Ésquilo acreditava, mas seu casamen
espinho eterno em seu lado divino. Esse contrato de casamento
como *contrato*, um vínculo de união e permanente, como os
contrato gravado na lança de Wotan no *Ring* de Wagner – liga-o et
feminino da forma. Diferentemente da divindade judaico-cristã, Ze
esposa. Hera é tanto esposa como irmã, e Kerenyi enfatiza a impor
ela e Zeus representam um casamento de iguais. Estão constantem
discussões conjugais, como a que vimos envolvendo o profeta Tir
essa disputa é um tema próprio do padrão de vida de Sagitário
correndo atrás de outras mulheres. A lista de suas amantes e se
enche volumes. Hera está sempre frustrando-o, espionando-o, per
estragando seus idílios românticos, tentando eliminar ou enlouq
bastardos. Os dois travam uma batalha eterna mas ficam eterna
imagem do espírito criador de fogo preso ao mundo da f
compromissos humanos, da moralidade, da "decência" e da respon
que faz parte da natureza de Sagitário tanto quanto a desenfi

proteana. Essas são suas características, mas Hera é o seu destino.

Podemos agora passar para a curiosa figura de Cheiron ou Quíron, cuja imagem forma a constelação de Sagitário. Existem duas histórias sobre ele. Numa delas, Íxion, um mortal, contemplou a deusa Hera e cobrou-lhe a atenção submissa, e também porque queria provocar ciúmes no marido Zeus que, para descobrir a verdade, esculpiu a imagem de sua esposa, chamando-a Néfele. Íxion, iludido, abraçou a nuvem e gerou um filho, um homem, meio-cavalo. Esse filho, algumas vezes chamado Kentauron, herdou as asinhas das éguas do monte Pelion e gerou uma raça de centauros, os seio-centauros, que habitam a floresta, com a parte inferior de cavalo e a parte superior de homem. Às vezes ele é representado como a criança-cavalo.

A segunda história do nascimento do centauro faz dele o filho de Crono, portanto meio-irmão de Zeus. Crono, certa vez, deitou-se com Filira e foi surpreendido no ato por sua esposa Réia. Imediatamente Filira fugiu e ganhou o galope, fazendo com que Filira gerasse um filho, um meio-cavalo, o centauro Quíron. Sentindo repugnância pelo filho, Filira amamentou-o com as vacas e, quando Filira amamentar, Filira rogou aos deuses que a libertassem, e foi transferida para o monte Pelion.

Considerando qualquer uma das histórias, Quíron é um filho de deuses, ou titã, e não um olímpico. Era conhecido como o mais sábio dos centauros. Sua fama de curador, de erudito e de profeta espalhou-se por toda a Grécia. Ele é uma divindade ctônica, pertencente ao grupo de tutores fálicos dos deuses, que simbolizam a sabedoria da natureza e do próprio mundo. Quíron se tornou o rei dos Centauros, e numa caverna embaixo do pico do monte Pelion, ele ensinou os filhos de deuses. Entre esses, sobressaiu-se Asclépio, o curador dos homens. O centauro ensinou as artes médicas.

Numa velha pintura de vaso, ele aparece num traje coberto

Zeus é o *daimon* que preside Sagitário, mas o mito de Quíron constituindo o inferno sombrio do signo. Uma vez conheci um sábio que disse que tinha um ferimento real: tinha sofrido um acidente logo depois com vinte e poucos anos, quando caiu num lance de escadas. Entrou na coxa e a ferida nunca cicatrizou. Apesar dos melhores cuidados médicos, vários antibióticos, a infecção continuou com uma leve supuração, um dolor razoável. A presença constante de um problema físico, mesmo no ponto de prejudicar sua vida pessoal ou profissional, foi suficiente para tomá-lo mais pensativo, pois um problema desses no corpo dá uma sensação autônoma — como se viesse de "algum outro lugar" e tivesse um dono. Aconteceu de ele me ouvir falar sobre o mito de Quíron num seminário, um perturbador e espantoso que sua vida se encaixasse tão exatamente no mito. Não achei o fato perturbador, mas não espantoso, porque já vi outras encarnações de mitos. É sempre um pouco assustador quando o mundo das imagens se encarna de forma tão evidente. Em geral somos mais velados e tendemos a exteriorizar os contos antigos. É preciso perguntar qual pode ser o sentido de coisas dessas. Talvez, para esse homem, só algo tangível e incômodo no mundo física tivesse o poder de dirigir para dentro seu espírito em geral expressando no sentido de examinar questões sérias como a razão de sua vida, ou o significado profundo de seu casamento, o que coincidiu com o ferimento.

Mas é exatamente para aí que leva o ferimento de Quíron, Cordeiro. O mito, pode ser entendido ideologicamente. A ferida aponta para cima, para a vida eterna do espírito; e também aponta para baixo, para a vida ígnea no corpo, a quem cabe agüentar uma alma tão ferosa e, conseqüentemente, o *magnum miraculum* do *Corpus Hermeticum*, Sagitário é uma criação de dignidade e de honra, em parte *daimon* e em parte deus, em parte mortal e imortal, que volta os olhos para sua metade imortal e depois precisa decidir, decidindo como se fuder, mas isso representa sempre

*Que raízes prendem, que galhos crescem
Desse entulho de pedras? Filho do homem,
Você não pode dizer, nem adivinhar, pois só conhece
Um punhado de imagens quebradas, onde bate o sol,
E a árvore morta não dá abrigo, o escabelo nenhum desce
E a pedra seca nem sinal de água.*¹²⁴

Já encontramos essa terra em ruínas na história de Parsifal e do Graal. A versão de Parsifal é a versão de Leão, a de Capricórnio é a versão do próprio mito. Como Átis, Cristo, o filho de Deus, é pregado à cruz: a madeira da vida material. É uma imagem que tem semelhança, como o sabão de França, *Bough*, com o sacrifício anual do rei, esartejado e lavrado na terra das colheitas. Mas o esartejamento ritual da Eucaristia renova o esartejo e deixou para trás o protótipo cuja intenção era renovar a natureza arruinada e da longa espera pelo redentor, em meio à depressão, desespero. É um padrão demasiado comum na vida das pessoas nascidas sob Capricórnio que conseguiram o sucesso material, que se acredita ser um esartejo deste signo.

Pode-se ver a encenação do mito de formas aparentemente comuns. A incorporação da responsabilidade indesejada, tão característica do mito de Capricórnio, parece refletir essa crucificação na matéria. Prisão, libertação, pertencem à primeira parte da vida de Capricórnio, quer isso signifique um negócio do pai ou casar com uma mulher que se engravidou, ou milhares de obrigações que escravizam sem esperança de libertação. Capricórnio assume de bom grado essa servidão, mesmo que haja ou não como se procurasse e desse as boas vindas a esse destino, por

grita Zeus para Dioniso, seu filho, na *Bacchae* de Eurípides; a entrada do Pai e a separação da Mãe formam o leitmotiv da passagem de Capricorniano a uma vocação e a uma vida mundana. A aceitação da responsabilidade terrenas também é o processo de passagem de filho para pai, de meninice de espírito sem alicerces a uma ativa contribuição na encarnação. O processo também envolve um senso de comunidade, unia espécie de serviço com aspectos difíceis da descida é a participação na vida comunitária — que é irritante e ameaçadora, porque parece estragar o que ele tem de específico em seu enfoque narcisista. Paradoxalmente, a "prisão" acarretada por um desses também é unia libertação. É a reunião com o Pai, sem a qual o espírito autenticamente viva pode penetrar na vida. De outra forma, o espírito não encontra um ideal em algum lugar "lá em cima", e se despedaça ao passar pelo conflito e fracasso. O fracasso é um aspecto necessário da jornada de deus; sem sua fé não tem sentido a menos que tenha passado pelo teste do desespero.

Abaixo está o sonho de um cliente capricorniano, um homem que fez a interpretação de seu horóscopo no período em que Saturno, regente do signo, estava transitando em conjunção com Plutão pelo ascendente, no fim de um longo trânsito tinha-o pressionado de várias formas. Quando falei dos limites e da limitação, ele me contou o sonho.

Estou com minha mulher numa prisão. É um lugar estranho, as portas e janelas ficam abertas, temos liberdade de ir embora. Mas tenho a sensação de que vou sair voluntariamente a prisão. Uma guarda, uma mulher escura mais velha, está de fora da porta. Minha esposa não se sente à vontade com a porta aberta. Acho que isso é necessário para mostrar que consentimos em sair. Tranqüilizo-a, dizendo que a prisão não vai durar para sempre, ela vai suportá-la, por razões que no sonho são obscuras.

pelo jovem Zeus. Seja o senex o pai pessoal, um conjunto de rígidas normas superego dentro da pessoa, ou instituições e autoridades do mundo exterior. O arquétipo de Capricórnio parece conduzi-lo a esse ciclo, para que possa experimentar a dualidade dentro de si James Hillman, no livro *Puer Papers*, cita uma prece do século X, uma prece a Saturno:

Ó mestre de sublime nome e grande poder, supremo Mestre; Ó Mestre, o Frio, o Estéril, o Lúgubre, o Pernicioso; Tu, cuja vida é sincera e certa; Tu, o Sábio e Solitário, o Impenetrável; Tu, cujas promessas são cumpridas; Tu, que és fraco e cansado; Tu, que tens maiores cuidados que quem não conheces nem o prazer nem a alegria; Tu, velho e astuto, mestre dos artifícios, enganoso, sábio e judicioso; Tu, que trazes a prosperidade e tornas os homens felizes ou infelizes! Conjuro-Te, ó Pai Supremo, a tua benevolência, e Teu generoso favor, a fazeres por mim o que peço, 1

Não é preciso dizer que essa prece é um monte de paradoxos e contradições. Ressalta que na figura de Saturno o aspecto dualista é mais vividamente expresso do que em qualquer outra figura divina grega — ate mais do que em Hermes. O arquétipo é pernicioso e honrado, generoso e avaro, terrível e piedoso. O que é jovem e velho, prece, é jovem; pois a juventude em si é vivenciada no suplicante, e padece de fora. Hillman acha que a própria astrologia é uma arte saturnina, pois se desenvolve aos limites e fronteiras dentro das quais a pessoa precisa se desenvolver.

Assim, as descrições de personalidade do senex dadas pela literatura são afirmações do *senex* pelo *senex*. É uma descrição que vem da experiência de autodestruição do estado de prisão e agrilhoamento da natureza humana estabelecida dentro da privação de seus limites caracterológicos.

do amor e da fraternidade mas que, como se torna cada vez mais visível, vai ganhando um pouco mais de complexidade. Aquário é um signo complexo, com influências de outros planetários, Saturno e Urano; mas seus regentes, diferentemente dos outros, não são tão pouco em comum. Na realidade, são inimigos no mito grego, como Crono e Urano, e entre eles parece retratar uma dualidade ou ambigüidade inerente a Aquário. Há bastante coisa sobre Crono-Saturno; existe pouco material mítico sobre Urano, a não ser o destino que ele sofre nas mãos de seu filho. Na realidade, a passagem de relevo que temos sobre essa divindade antiga e indistinta é dada pela repulsa pelos filhos que gerou em sua mãe-esposa-irmã Gaia, os titãs, e os grotescos gigantes de cem mãos, e aprisionou a prole toda no Tártaro, o inferno, para que ela não ofendesse seu senso estético. Isso já nos dá uma ideia de Aquário — na verdade, mais do que a escassez de material poderia sugerir — com tanta freqüência esse processo de repressão do terreno e do humano em aquarianos, que parece ser uma necessidade fundamental do signo. A influência de Saturno e o ctônico provocam em Aquário talvez seja responsável por seus instintos para reformar e redimir a humanidade, e por seu quase feroz instinto de ser eternamente preocupado com os aspectos mais vis da personalidade humana, como o cachorro com seu osso. Como Urano, o *daimon* "celestial" do signo sofre profundamente sofrendo nas mãos do que criou, mas a redenção vem através de filhos que são mais ambíguas. Os genitais cortados que Crono lança ao mar geram os filhos que combinam em si a sensualidade dos titãs da terra e o esteticismo do céu de seu pai. As Erínias, como já vimos, também são sua progênie, nascidas de seu sangue, e são uma espécie de lei permanente contra o derramamento de sangue dos parentes.

Mas é preciso olhar para muito além de Urano, se quisermos captar o significado de Aquário. Penso que uma figura igualmente importante que influencia o significado do signo é o benéfico titã Prometeu, que vem da mesma raça que os outros titãs. Prometeu é o filho de Gaia e Urano, e é o irmão de

Prometeu demonstrou seu desprezo pela tirania de Zeus de várias formas. Com a lenda, um dia o titã foi convidado a arbitrar uma disputa sobre se os sacrifícios de um touro de sacrifício deviam ser oferecidos aos deuses, e quais partes da comida para os homens. Esfolou e esquartejou o animal e costurou as partes em duas sacolas, abertas de um lado. Numa delas, colocou a carne deliciosa e o fígado baixo do pouco atraente estômago. Na outra, colocou os ossos, a pele e a esplêndida camada de gordura. Em seguida, deixou que Zeus escolhesse, facilmente enganado, escolheu a sacola com os ossos e a gordura, pensando em um engano, puniu Prometeu negando aos homens o dom do fogo. "Deixando sua carne crua", gritou. Prometeu, então, procurou Atena, sua filha favorita, e introduziu no Olimpo pelas escadas do fundo. Na carruagem ele trouxe e acendeu uma tocha e tirou dela um pedaço de carvão em brasa, e criou o primeiro gigantesco galho vivo de árvore. Em seguida, apagando a tocha, fogueira, chama sagrada aos homens.

Zeus jurou vingança. Ordenou que Hefesto, o ferreiro divino, fizesse uma mulher de argila. Os quatro Ventos sopraram a vida dentro dela e todas as coisas se enfeitaram. Essa mulher, chamada Pandora, foi mandada como presente para Epimeteu, irmão de Prometeu. Mas Epimeteu tinha sido advertido por Prometeu, previdente para não aceitar qualquer presente de Zeus, e, assim, recusou. Zeus, então, acorrentou Prometeu, nu, a uma coluna no alto do Monte Cáucaso, onde todo dia, ano após ano, um abutre voraz (ou águia) comia seu fígado. De noite, o fígado se refazia. Epimeteu, alarmado com a sorte de seu irmão, com Pandora. Ela abriu um cântaro, que Prometeu tinha advertido que não abrisse onde ele tinha aprisionado, com esforço, todas as pragas que poderiam destruir a humanidade: Velhice, Fadiga, Doença, Insanidade, Vício e Paixão. Os deuses, numa nuvem e atacaram a raça dos mortais. A esquiva Esperança, que Prometeu também tinha fechado no cântaro, impediu, com suas lágrimas, que os homens cometessem um suicídio geral.

de fogo. Não é preciso dizer que o isolamento de seus semelhantes é profundamente doloroso para o aquariano de mente social. Somos o filho de Jung; mas não há dúvida de que ele mesmo, apesar da suspensão da pena que ocorre no mito, teve de continuar a usar o anel forjado de sua cadeia para evitar sua ofensa aos deuses. Todos os campos de atividade tradicionalmente associados à ciência, invenção, assistência social, psicologia, até astrologia — são formas de solidão, que é o preço pago por ofender Zeus. Ela forma o ímpeto-social que se pode aliviar uma pequena parte da intensa falta de comunicação. Lembremos que Lúcifer, o anjo rebelde que se opôs aos desejos de Deus, em latim "o portador da luz", e que em Aquário encontramos outra forma de o filho rebelde e o pai ciumento. Em Capricórnio, esse diálogo ocorreu e se cristalizou em formas velhas e rígidas, e o filho que se rebela com as coisas mundanas que vão em detrimento de sua produtividade. Em Aquário, o filho do deus ciumento cuja criatura, sem ter permissão, investigou sua origem.

É provavelmente relevante que, numa das versões do mito de Prometeu, o que via à frente, sabia do destino futuro que aguardava. Zeus, disposto a apoderar-se dessa informação, deixa-se chantagear e encontramos esse misterioso acordo ambivalente que é a convivência entre o consciente e o inconsciente. Zeus, embora pudesse reduzir Prometeu a átomo pelo seu pecado, permitiu que ele continuasse a viver e até que fosse libertado. Prometeu tinha algo que o rei dos deuses precisava. Tinha necessidade do conhecimento que Prometeu sobre o futuro, precisava de orientação sobre a forma de agir. Aqui temos novamente a velha heresia alquimista — Deus precisa do trabalho para realizar o trabalho da perfeição. Também é um dos temas maiores que Jung desenvolve de Jung, e que lhe infunde uma conotação profundamente misteriosa.

*É uma loucura tifo harmoniosa
Fluiria de meus lábios.
O mundo, então, deveria ouvir — como estou
ouvindo agora.*

Shelley, *To a Skylark*

O signo dos Peixes está mergulhado no mito pois, diferentemente das criaturas zodiacais, a linhagem do último dos signos precede os outros por muitos séculos. Peixes também é um dos mais surpreendentes signos. A exploração de seus mitos gera visões que não são normalmente associadas ao "alma sensível" que pode tornar-se um bêbado, um músico ou um poeta. O último signo é também o primeiro, porque forma o cenário de outro ciclo; visto sob esse prisma, não é estranho que o simbolismo de Peixes, com o deus Netuno, nem com qualquer outra divindade masculina primordial que já encontramos no signo de Câncer, cuja manifestação

O peixe tem um simbolismo muito velho e variado. É um ser teriomórfico que abrange todo o espectro desde as profundezas do oceano da deusa da fertilidade até a carne transcendental de Cristo. Como o cordeiro percorre o mesmo espectro e é o pássaro de Jatar e de Afrodite, assim como o Espírito Santo, o peixe é pagão e cristão, e sua natureza, em parte, é feminina. Se seguirmos nossa trilha através do emaranhado de conexões inter-relacionadas, acabaremos chegando a um tema comum. As histórias egípcias e babilônicas sobre os dois Peixes celestiais vinculam-nos ao nascimento sírio-fenício da grande deusa Atargatis, que encontramos com relações nos templos tinham piscinas com peixes sagrados, que ninguém podia tocar. Comiam ritualmente refeições de peixes, pois a própria deusa às vezes tomava a forma de peixe. e seus sacerdotes usavam peles de peixe. Essa deusa

peixe voraz, a deusa, de quem a vítima precisa ser resgatada; ou para salvar, precisa ser sacrificado, para absolver os outros do pecado. Essas são as funções do salvador, vítima e monstro devorador do pecado e da condenação, integrantes do mesmo motivo mítico. Já se disse que é plausível as pessoas se encarnarem ou para sofrer ou para salvar. Como generalização, é mais verdadeira que a maioria; e em geral ocorrem as duas coisas, pois somem-se a falta de compaixão. Nenhum signo tem tanta propensão a apresentar-se como vítima, nenhum outro signo tem tanta propensão à autêntica empatia com o sofrimento, nunca se viu outro signo cair tão rapidamente no caos, na licenciosidade e na dissolução, conforme a imagem da exuberante deusa Atargatis, o signo que, onde, como nos diz o Corão, vem toda a vida.

O que isso nos diz acerca do padrão de desenvolvimento de Peixes no primeiro lugar, significa que os dois peixes não podem ser separados. O mundo caótico da Mãe está sempre desconfortavelmente próximo. O Câncer, pode criar a partir dessa profundidade: há uma longa lista de "grandes" em música, da arte e da literatura que manifestaram o doce e trágico do mundo aquático com profundezas insondáveis. A maioria deles procurou o sofrimento na vida pessoal. A união com o mundo do inconsciente é muito fácil para um homem de nossa cultura. Frequentemente, é assustador, mas masculina. descobrir-se um Filho da Mãe, porque o desmembramento está por perto; para Peixes, a experiência da morte e do desmembramento é integrante até mesmo da criação artística. Conheci muitos piscianos que se tornaram criaturas intelectuais, super-rationais, mas sempre soavam estranhos, pois o mundo irracional jaz logo abaixo da superfície. Muitas vezes eles envolvem-se fatalmente com pessoas que exteriorizam para eles o mundo da deusa; assim- tocam as profundezas por delegação, tornando-se vítimas ou loucos. Einstein, um pisciano cuja maior contribuição foi dada ao mundo da matemática, era um místico que não se envergonhava disso. Se

priada, o menino nasceu. Assim, Dioniso foi chamado "nascido da
criança da porta dupla". É um macho filho de um macho, entre
afeminado, um deus de mulheres, geralmente retratado como um jovem
feições suaves. Ao nascer, tinha chifres, com serpentes nas pontas. Um
totêmico é a cabra, símbolo da fertilidade e da luxúria. Obedecendo
os titãs o seqüestraram e, apesar de ele ter se transformado em
cortaram-no em pedacinhos, que ferveram num caldeirão. No lugar
sangue brotou do solo uma romãzeira.

Mas Réia, sua avó, salvou-o e devolveu-o à vida. Foi criado em sua
de menina (como Aquiles, que sofreu uma indignidade semelhante).
novamente, quando ele se tornou homem, e enlouqueceu-o. Ele ficou
pelo mundo todo, acompanhado por seu tutor Sileno (um sátiro) e
Mênades selvagens. Ensinou a arte da viticultura aos egípcios e im
peregrinar pela Grécia. Acabou chegando a Tebas, local de nascim
Ali, o rei Penteu, cujo nome significa "aquele que sofre" (como o
não gostou da aparência dissoluta do deus e mandou prendê-lo,
desleixado séquito. Mas Dioniso fez o rei ficar louco, e Penteu
algemado um touro em vez do deus. As Mênades fugiram e lançaram
montanha acima, onde despedaçaram animais selvagens. O rei Pent
porém as Mênades, inflamadas pelo vinho e pelo êxtase religioso, lid
mãe do rei, despedaçaram seus membros e arrancaram sua cabeça
mesmo destino do deus que tinha rejeitado.

A história de Dioniso é cruel, e o próprio deus exhibe uma s
encontra paralelo em outra figura mítica, exceto na que lhe é mai
Escura, como Kali, Bast ou Sekhmet. Pode parecer estranho qu
qualidade de selvagem crueldade ao signo manso e inofensivo de F
lembrar piscianos históricos como Kemal Ataturk, que em 1915
massacrar quase um milhão de armênios num genocídio quase

peessoas que sofrem desse problema, é no sentido de ter fé num po
própria pessoa.

Talvez seja o destino de Peixes viver com esse *daimon* extrao
repudiá-lo, como sugere o mito de Penteu, pode ser perigoso. A pr
desmembrar, se não for bem-vinda. A identificação com a figura do M
um tema pisciano. Assim também é a identificação com a vítima, poi
elas são uma e a mesma pessoa. Entretanto, a profunda compaixão
capaz e seu acesso criativo às profundezas do insondável mundo
dádivas decorrentes da proximidade com um tal deus.

Nas páginas anteriores, encontramos uma série de histórias e de figu
uma personificando uma faceta diferente da complexa dança da vida
há uma quantidade de contos que deixei de lado, mas espero ter transm
da forma como o mito, que parece expressar o significado e o senso
experiência, funde-se com os signos astrológicos. Embora, por motiv
tenha descrito os padrões de cada signo astrológico como se
especificamente ao signo solar, na realidade parece que esse não é o c
Sol e o ascendente dominarem o mapa natal, sendo os padrões a ele
importantes para o desenvolvimento da pessoa, qualquer coisa no map
sob o prisma mítico. Isso inclui aspectos entre os planetas e colocaç
padrão, muito complicado, que é assim tecido, transmite a qualidade
determinado horóscopo. Já se ressaltou em vários textos astrológic
alguns temas se repetem quando se examina atentamente o mapa n
fazer a mesma colocação, por exemplo, a respeito de Vênus em Esc
sétima casa, vários planetas na oitava, e assim por diante; os temas b
emergem constituem a espinha dorsal do mapa, o enredo principal da v

O mesmo ocorre quando usamos o mito como uma ampliação

década de 30. Acho que foi em 1928 que dancei duas noites a fio, Na manhã seguinte, domingo, estava bastante estafado. Assim, não fiquei muito pouco contente quando fui acordado pelo telefonema de um amigo para uma festa que ele ia dar naquela tarde. Recusei, mas o poder do meu amigo acabou levando a melhor e fui. Ao entrar na sala, naquela época bastante suscetíveis, captaram a vi-são de uma bela moça. Como me apresentou a ela, disse o seguinte: "Dr. Adler — Sra. Adler". Ela chamou a atenção; pelo menos chamou a minha... Conversamos bastante bem curioso a respeito do outro. Assim, decidimos continuar a conversar naquela ocasião. Depois disso, encontramos-nos várias vezes. Em resumo, esse encontro, se não ainda de almas iguais, mas apenas de nomes iguais, tornou-se amizade íntima e muito fecunda. Porém — e aí está o nó da questão — a minha xará tinha visto Jung e estava profundamente envolvida pelo seu autêntico estilo da anima, ela despertou minha curiosidade sobre o homem e sua Psicologia Analítica; até então, eu tinha estado muito interessado em Freud...

"Foi assim que *isto* começou" — mas o que é "isto"? Aqui, o destino foi profundamente entrelaçado num padrão complexo por causa da linguagem comum, só podemos chamar de encontro casual. Acaso ou da prontidão interna para a mudança e direção — como é possível? De qualquer forma, podemos perceber aqui uma "coincidência sig-nificativa" entre destino interno e os acontecimentos externos.¹⁴⁰

O Dr. Adler cita outros exemplos pessoais dessa aparente emergência do destino secreto na vida comum, onde se tem a impressão de que "alguém está trabalhando para moldar a direção em que a pessoa se desenvolve. Freud também cita exemplos semelhantes. Ele escreve: "Acontece muitas vezes que

aparentemente "casual", embora não fosse com ninguém com o meu conhecimento de inverno do meu terceiro ano na universidade, aconteceu de eu estar em Massachusetts, onde conheci uma pessoa interessada em astrologia bastante esotérica. Naquela época, eu não tinha nem experiência nem interesse em astrologia, mas estava preocupada quanto ao meu próprio rumo — continuar a estudar ou fazer carreira como cenógrafa e figurinista teatral. Fui "persuadida" a ir, e com certo ressentimento, a visitar a astróloga do meu conhecimento, Sra. Hickey, na época residente em Boston, mas ainda desconhecida por mim. Ela era um astrologista astrológico. Na ocasião, há mais ou menos 20 anos, na realidade, ela estava em um "grande" círculo astrológico, mas pessoas que estudavam o assunto eram poucas e sozinhas. A Sra. Hickey era o centro de um grupo de alunos, pouco numerosos, e marcamos uma hora para a leitura do meu horóscopo.

Naturalmente, a leitura me interessou, embora fosse muito rápida e superficial. Uma hora — e fiquei perplexa com sua profundidade e acuidade: um nível de conhecimento comum no primeiro encontro de qualquer leigo com as mistéricas artes da astrologia e mapa natal. Fiquei, não há dúvida, profundamente impressionada, e comecei a considerar formas alternativas de encarar as coisas, diferentes das que eu estava aprendendo como behaviorista que eu estava aprendendo. Mas a leitura do mapa, apesar de ser superficial, foi suficiente para me levar a estudar o assunto em profundidade. Entre outras coisas, a Sra. Hickey sentiu um nítido interesse por mim, sugerindo que eu passasse mais tempo no estudo da astrologia, e se ofereceu para me incluir em sua turma de aulas particulares. Acolhi a idéia com entusiasmo, mas antes que ela se concretizasse, seu oferecimento, ela, por razões que até hoje não entendo, inverteu-se e tomou-se de apaixonada aversão por mim, insultou-me e excluiu-me. Não fiquei, e nem estou agora, espantada por ela não ter aceitado meu convite; provavelmente, sou tão "não gostável" quanto qualquer um. Mas o fato de ela se tornar e abertamente agressivo me surpreendeu. Nem eu nem meu amigo

e seus antigos símbolos, que acabaria se tornando a vocação de minha vida. No ensino do mestre, o ensinamento budista, quando o aluno está pronto, o mestre aparece. No meu caso o mestre tenha desaparecido com igual rapidez, me fez perceber que eu precisava ir para encontrar o caminho.

Essas duas configurações — o trânsito de Júpiter por Urano e a progressão de Mercúrio a Netuno — são os indicadores primários de "o que está acontecendo" na época de meu encontro com a Sra. Hickey. Não são aspectos "bons" ou "ruins", pronto, como aspectos espetacularmente significativos, como podem ser as progressões do Sol ou trânsitos dos planetas exteriores. Ficaria surpreso se o astrólogo, sem retrospecto, olhasse essas configurações e dissesse "isso são dos grandes pontos de virada da sua vida". Isso levanta uma questão interessante sobre a relação entre o "significado" de uma experiência em termos subjetivos e a força dos aspectos que refletem, no mapa, essa experiência. Constatamos que essas coisas não coincidem necessariamente. Parece que alguma outra coisa determina a importância de uma determinada experiência para a pessoa, além dos aspectos astro-lógicos; mas qualquer que seja essa "coisa", parece que ela é refletida, por um movimento planetário adequado, que fornece um "marcador de tempo" para sua expressão. Vamos explorar o que pode acontecer na hora devida, quando chegarmos à questão do destino e do Self. Parece que, de ver, a constelação de conteúdos arquetípicos e acontecimentos que ocorrem em coordenação com trânsitos e progressões planetários; o significado dessas experiências e suas qualidades essenciais são refletidos pelos planetas envolvidos. Mas a experiência para a pessoa, entretanto, não é necessariamente proporcional ao do trânsito ou da progressão de acordo com as regras astro-lógicas tradicionais.

Nos escritos de Jung sobre o assunto, ele chega à conclusão de que os acontecimentos sincrônicos tendem a ocorrer quando a pessoa está sob a influência emocional. Ele descreve esse processo da seguinte forma:

um afeto. No meu caso, a sensação de confusão e de indecisão sobre o futuro constituíam o abaissement que permitiu ao inconsciente "infiltrar-se" através das peculiares propriedades sincrônicas. O Inconsciente foi ativado por um "evento certo". Estou convencida de que esse padrão de tempo é inerente ao processo de nascimento, assim como a época em que o tomate floresce e produz frutos é inerente à sua natureza. Assim, como que por acaso, encontrei alguém que me ajudou no seguinte de minha vida, através de uma "coincidência significativa" que foi a descoberta interior e um acontecimento exterior. A experiência interior que me levou para explorar o mundo netuniano, foi refletida no exterior pelo encontro com Hickey, e o significado inerente aos acontecimentos — interior e exterior — por vez, foi refletido, em termos astrológicos, por Mercúrio progredido conjuntamente com Júpiter em trânsito estacionário sobre tirano.

Jung achava que as situações "encalhadas" tendiam a gerar fenômenos, pois a situação de impasse na vida constela a natureza compensatória do inconsciente e tendem a surgir sonhos e imagens arquetípicas como uma espécie de "caminho". Do ponto de vista da astrologia, entretanto, é ao contrário. Quando se desencadeia a sensação de estar encalhado, pois a presença de um trânsito planetário em progressão importantes anuncia uma profunda mudança no padrão interior. Alguma coisa nova, assim, lenta, entra na vida do ego, alguma coisa que estava encerrada num sono de conto de fadas de potencial inconsciente. O choque entre esse novo desenvolvimento e a situação estática do ambiente torna-se perfeitamente satisfatória, que resulta na sensação de estar encalhado. Muitas vezes tantas pessoas usam essa palavra quando o mapa reflete mudanças planetárias de grande magnitude, que cheguei à conclusão de que o "encalhe" é o efeito de qualquer movimento importante no mapa — e na pessoa. Não se trata de não ser que uma coisa em movimento encontre um obstáculo. As vezes, quando uma atitude preexistente com relação a vida, refletida por uma situação planetária, subitamente começa a parecer estreita demais. Nessas ocasiões, muitas vezes

Quando os primeiros autores religiosos tentaram descrever a Deus, eles viam como a incognoscível Vontade de Deus, ou a Providência. Em assuntos da vida, tiveram dificuldade em articular a tecedura da causalidade que qualquer intromissão dessa Providência parecia. Por esse motivo, faz-se referência à Providência Divina como algo que está fora do tempo: o futuro e o passado são simultaneamente o presente na criação como um todo ocorre espontaneamente no mesmo momento. Em termos psicológicos, que experimenta a vida num *continuum* linear, quando o inconsciente irrompe no campo da consciência, com eventos sincrônicos que o acompanham e a qualidade de "conhecimento" que a experiência que se tem é de ausência de tempo e de destino preordenado. Isso da seguinte forma:

O "conhecimento absoluto" que é característico dos fenômenos de conhecimento não mediado pelos órgãos sensoriais, respaldado pelo significado automantenedor, ou até expressa sua existência, sua existência só pode ser transcendental, visto que, como mostra a experiência de acontecimentos futuros ou distantes no espaço, ela está com o tempo fisicamente relativos, isto é, num *continuum* que é irrepresentável.¹⁴⁴

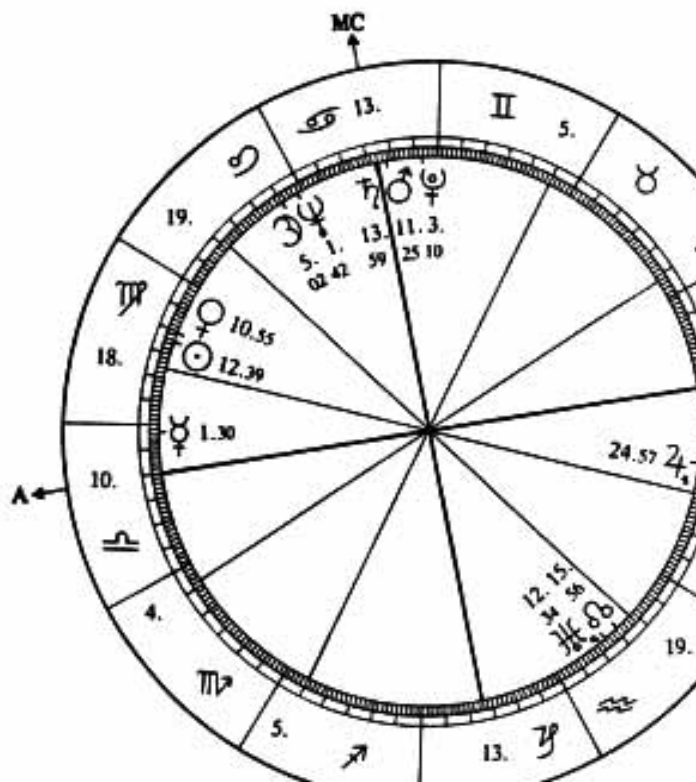
O problema do que o religioso entende como a pré-cognição de Deus em alguns confrontos mais ou menos violentos no decorrer do desenvolvimento da teologia cristã. Era inconcebível, para os primeiros homens da Igreja, que Deus fosse onisciente; mas se Ele fosse onisciente, então sabia que pecariam e cometeriam no futuro, o que significava que pecado, salvação e condenação eram predestinados. Mas isso cheirava muito ao velho conceito pagão de destino. A ideia de que Deus sabia o futuro era incompatível com a ideia de que Deus era amoroso e que Ele queria que os homens fossem livres para escolherem seu destino.

seus pecados, o que é diferente. Assim, a famosa Oração de Clelia Russell como exemplo da crença pagã na Providência, poderia fazer uma oração cristã, com uma ligeira troca de nomes:

*Conduz-me, Ó Zeus, e tu, Ó Destino,
Conduz-me d frente,
Para qualquer tarefa que me envies,
Conduz-me à frente.
Seguirei sem medo; mesmo que, sem confiança,
Eu me retarde e não vá, preciso seguir à frente.*¹⁴⁶

Aqui temos uma ressonância da declaração de Jung de que o destino é uma capacidade de fazer de bom grado o que é preciso fazer.

Parece que se manifesta uma espécie de progressão ou evolução do destino causal e concreto de Moira para o destino sincrônico da Providência. Moira, mesmo sendo menos digerível para a consciência do século XX, ajuda a entender. Jung define a sincronicidade como a ocorrência simultânea de um determinado estado psíquico e um acontecimento (ou acontecimento) que se apresenta como um paralelo significativo com relação ao estado subjetivo. A essência, que encontramos ao interpretar qualquer posicionamento sincrônico, é principalmente ao considerar fatores que possam ser prognosticados por progressões e trânsitos, mapas horários e retornos solares. Como o poeta que viu a Morte no mercado de Isfahan, a questão de saber se a situação poderia ser evitada ou mudada torna-se, de certa forma, irrelevante. É especular que outro "arranjo" poderia ter acontecido para levar o Dr. Dr. caso tivesse recusado o convite do amigo para a festa. Já fiquei intrigado com a possibilidade de ter sido "arranjado" para me introduzir à astrologia, se não fosse por uma coincidência. Há uma Moira que não é apenas uma divindade sincrônica.



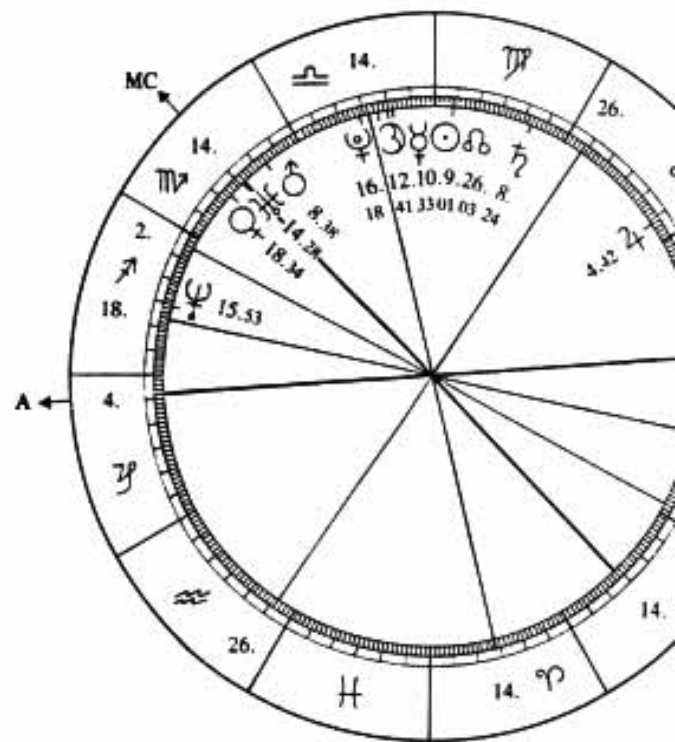
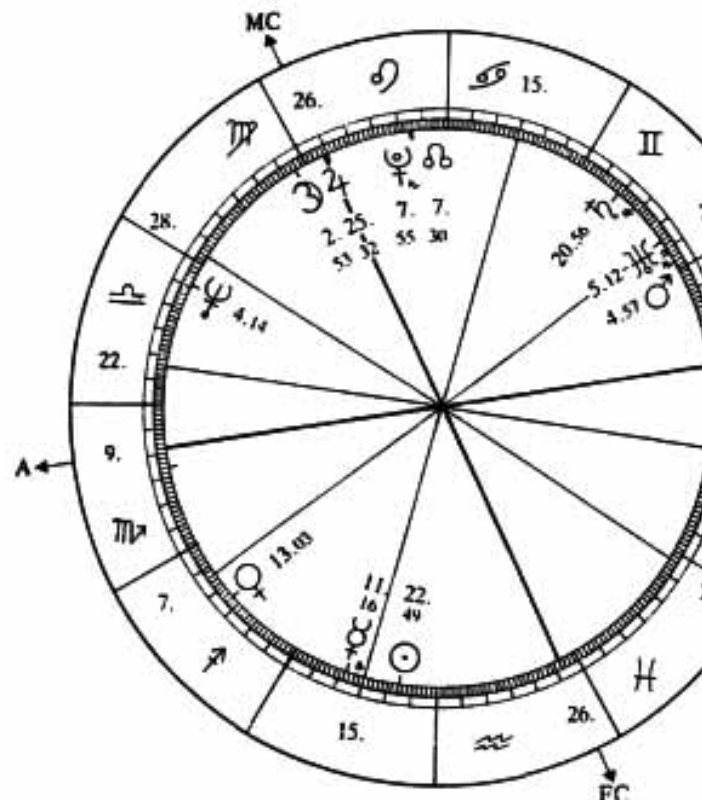


DIAGRAMA 16. Horóscopo da morte de David Bowie



solar, Marte progredido estava a 15 Leão, fazendo uma oposição modo que o Sol progredido e Marte progredido também estava. Finalmente, o próprio nodo progredido tinha avançado até uma casa. Urano natal, também na quarta casa.

Não há dúvida de que Gauricus teria riscado David Bates, assim francês, mas no momento estou mais preocupada com o significado. Esses contatos astrológicos certamente cheiram a raiva e grande querer que estivesse acontecendo dentro de David na época do ataque que ele devia estar extremamente frustrado e insatisfeito, talvez com a vida de sua vida e com seu significado (ou falta de significado). Parece sendo pressionado pela necessidade de alguma mudança, com a qual ele não sabia lidar, devido à intensa relutância que sentia com relação às mudanças "internas". Essa mudança tinha começado três anos antes de sua morte. Marte progredido avançou até uma quadratura com Urano natal, regente do Sol. O Sol rege a décima primeira casa e também está aí colocado; reflete o conflito entre os objetivos e atividades de David na sociedade, e seu desejo de ser individual. Isso sugere que algo estava sendo exigido dele, na esfera individual; mas como David não era inclinado à introspecção "egoísta", seu movimento em direção a uma nova dimensão de experiência foi frustado. O que ele fez, na época da progressão, foi se aposentar — mas essa mudança significou, de forma alguma, uma expansão. Significou simplesmente parar de trabalhar, enquanto tudo o mais continuava exatamente como antes.

David Bates era diretor de uma escola para meninos, profissão que ele lhe admiravelmente, tendo o Sol em Virgem e o Meio-do-Céu em Capricórnio. Em seu trabalho, e seus alunos e colegas respeitavam-no e gostavam dele. O homem virginiano que trabalhou a vida toda num só emprego e num só lugar, não é uma crise importante, pois Virgem tende a identificar-se com seu trabalho. É de uma coisa mais profunda que uma mudança de horários para

essencial. No casamento, parece que ele foi o parceiro mais flexível. A vontade, a paixão e a auto-assertividade de David sempre foram controladas pela voz da autoridade coletiva, representada por Saturno, que estava sendo desafiada. Outra visão desse fato, talvez mais plausível, é que David continuou preso, pela vida toda, à mãe e aos códigos de conduta impostos, nas áreas profissional e pessoal; agora havia uma oportunidade para a prisão fosse relaxada, com todas as conseqüências decorrentes.

Quatro meses antes de sua morte, Plutão tinha estado estacionado em quadratura exata com Saturno no Meio-do-Céu. Era a quarta vez que, nesse ponto, a culminação de um longo e subterrâneo processo de anos entre a aposentadoria e a morte, ou, astrologicamente, entre Urano e Sol-nodo, Plutão também cruzou várias vezes o ascendente das duas estações. Como Plutão está colocado na nona casa no mapa natal, implica o questionamento da perspectiva filosófica e moral, e na análise dos aspectos mais ambivalentes de um Deus que, para David Bates, é *summum bonum*, somente bondade: Mais uma vez, fico com a ideia de que David, na época subsequente à aposentadoria, tinha começado a voltar a se preocupar com coisas a respeito de si mesmo e de sua vida, e não gostou do que viu. Talvez tenha começado a sentir raiva da falta de liberdade verdadeira ou de independência na vida, ou da maneira como, tantas vezes, ele tinha se limitado em nome da autoridade coletiva. Como vamos ver, os aspectos cruzados entre os mapas de David e de sua esposa são absolutamente fáceis, e seus conflitos estavam sendo abertamente discutidos no período de reorientação de três anos. Mas, longe de serem abertamente discutidos, esses conflitos eram rigidamente reprimidos pelos dois. Talvez David tenha tido um ataque cardíaco porque a única alternativa seria um tipo diferente de prisão, a qual não podia sancionar.

Também é interessante notar que Saturno em trânsito tinha entretanto

de si mesmo. É um mapa em geral harmônico, sem nenhuma oposição ou quadraturas. Mas há algo extremamente perturbador no aglomerado de planetas. Tomado apenas como um momento de um dia, esse mapa, falando sobre a morte, que era um bom momento para alguém morrer.

Marc Edmund Jones, no livro *Horary Astrology*, faz o seguinte comentário sobre os princípios de operação desses mapas de acontecimentos:

A pergunta muitas vezes levantada pelo não-astrólogo é uma que não pode o padrão de uma situação trivial da vida ter seu reflexo no mapa encontrada na concordância geral dos acontecimentos num universo de um sistema de energia integrada.¹⁴⁷

Assim, o princípio da sincronicidade na qualidade do momento é tão importante quanto os fenômenos sincrônicos com relação à pessoa. Alguns momentos são "mapas da morte" que outros, e este é um deles. A presença da morte é evidente especificamente ao horóscopo de David, mas é uma propriedade específica em que ele morreu. Que esse momento "cheio de morte" no horóscopo dele com muita exatidão (com aspectos tais como Júpiter em conjunto à Lua) torna-o ainda mais espantoso. Posso explicar as coincidências tanto quanto posso explicar por que as galinhas vêm do céu.

O "mapa da morte" de David não é o mapa de uma pessoa, mas o mapa de uma situação. Portanto não podemos interpretá-lo de acordo com os padrões da psicologia. Sob muitos aspectos, esse mapa é mais árido, mais duro, porque não é a carne humana. A tranquilidade desse horóscopo, com seus muitos aspectos em oposição, reflete com precisão infalível a tranquilidade do falecido. O mapa que diz respeito a tipos de morte, uma coronária fatal súbita provavelmente é menos desagradáveis; assim, o Sol, a Lua, Mercúrio e Plutão todos com

décima casa de Jean. Esse eclipse, além do Plutão em trânsito, também Marte natal-Mercúrio progredido. Como o Vênus-Plutão de Jean em aspecto cruzado de quadratura, com a conjunção Saturno-Marte em quadratura, podemos conjecturar que poderia ter havido alguns elementos mercuriais atuando nesse relacionamento; o Saturno de David, em quadratura com o Sol de Jean, e o Saturno de Jean em quadratura ampla com o Marte de Jean, talvez um "problema conjugal" básico, onde os dois parceiros tenderam a se enraivecer o outro. O que é curioso é que toda a rede de aspectos em quadratura estava sendo constelada pela configuração Sol-Lua-Mercúrio-Plutão em quadratura na época da morte. Não tenho certeza de como ler isso, mas desconforto com qualquer outro destino e quaisquer outras motivações que pudessem ter ocorrido por ocasião de sua morte, David Bates deixou a esposa da única forma que eu conheço.

Outra faceta interessante no horóscopo de Jean é que, exatamente no momento em que o Sol progredido fez quadratura com Urano no mapa de Jean, ela se aposentou, Jean estava experienciando o Sol progredido em quadratura com Plutão. Ela, também, estava passando por profundas mudanças; algum tipo de crise existencial assomava no seu horizonte, três anos antes do evento. Ela me contou que em um período ficou bastante "doente", sofrendo de vertigens e desmaios frequentes, consultando uma médica. A nossa tendência, como analistas céticos, seria olhar o lado psicológico dos sintomas, principalmente porque aconteceram numa época que Jean descreveu como "maravilhosa", quando ela e o marido estavam particularmente próximos, ela não estava perdendo de vista. O Sol progredido em quadratura com Plutão desafiava a parceira com mais exatidão que os aspectos atuantes na época da morte. Isso é muito misterioso. É como se, para ela, alguma coisa tivesse morrido em quadratura com a época da aposentadoria de David. É isso que queria dizer quando ela falou na sombra dessa morte já tinha sido projetada muito tempo antes. Pode ser que o marido já não usava mais suas insónias sociais, ela se visse desafiada por ele.

observar os aspectos cruzados entrelaçados ocorrendo na época da morte, sugerindo que os problemas conjugais fossem a "causa" da morte, sugerindo que a vida à tona desses problemas e a necessidade psicológica foram sincrônicas com a morte.

Gostaria agora de considerar a experiência da morte do pai nos filhos, começando com o mais novo, que vou chamar de Trevor. Há aspectos progredidos importantes no mapa de Trevor por ocasião da morte do pai. Os dois filhos tinham se separado da família de maneira mais ou menos amigável, embora não revelasse nada para a Sra. Bates. Alguns anos antes da morte do pai, Trevor tinha emigrado para a Austrália e Brian para a América. Assim, na época da morte do pai, Trevor não estava enredado nos problemas da família, embora a configuração do mapa natal, como Lua em quadratura com Netuno e Sol em oposição com Netuno, que os dilemas que os pais não puderam solucionar passaram para o filho. Trevor também tem o revelador contato Marte-Saturno, que partilha com o pai e que é uma espécie de "assinatura da família". Mas havia um aspecto progredido em vigor no ano antes da morte: o Sol tinha avançado para a Lua natal, fazendo um trígono com a Lua natal em 21 Câncer na sétima casa, o que é geralmente considerado harmônico e estabilizador, sugere que a vida do filho estava realmente caminhando num sentido muito construtivo, e que ele estava experimentando um período de felicidade pessoal na profissão e no casamento. É interessante, à luz das dificuldades que os pais estavam vivendo, como o "casamento interior" de Sol e Lua representasse uma espécie de cura familiar, e uma cura da sua divisão interna entre mãe e pai — sugerindo uma cura entre o Sol e a Lua. Tenho visto muitas vezes que a morte de um dos pais ocorre numa época na vida do filho quando ocorre, internamente, uma cura do filho em relação ao pai. Assim, rompe-se o cordão que une pai e filho num nível inconsciente e os filhos ficam livres para buscar seu destino. Tive ocasião de observar o funcionamento em um de meus analisados quando o inconsciente

conjunção exata com a Lua, estava entrando em oposição exata à cuspide de Mercúrio de Trevor desde a cúspide da oitava casa. Esse trânsito tem um tanto literal: uma experiência de morte perturba a estabilidade de Vênus da segunda casa. Urano em trânsito também se aproximava da cúspide exata com Plutão natal em 15 Leão na oitava casa; mais uma vez, há o risco de uma experiência repentina da morte, um choque com alguma entidade irrevoável. Também havia uma conjunção de Plutão em trânsito com o natal de Trevor em 15 Libra na nona casa. O envolvimento da nona casa, que aparece no mapa de Jean Bates, traz a implicação de alguma mudança profunda no mundo. Já se processando algum tempo antes da morte. Netuno na nona casa em posicionamento extremamente idealista; Trevor tem esse atributo em comum com a mãe, que também tem Netuno na nona em 16 Leão. Assim, os dois tinham uma visão de um cosmo bem-aventurado e amoroso; Deus é surdo e o sacrifício e a submissão são exigências feitas à alma. Na época da morte de Jean, Urano em trânsito fazia quadratura com o Netuno na nona casa de Trevor. O mesmo trânsito fazia conjunção com o Netuno de Trevor na mesma casa. Assim, os dois estavam passando por alguma mudança profunda nas atitudes filosóficas por volta da época da morte de David Bates. A visão imediata de uma divindade amorosa e interessada foi despedaçada pelo modo de morte "injusta" da mãe; a de Trevor estava sendo minada e sutilmente perturbada nos meses anteriores. A morte não causou essas mudanças — foi simplesmente qualquer evento súbito e "não merecido" tem uma tendência a causar essas mudanças na época de questionamento das crenças religiosas básicas. Mais uma vez, a morte está atuando, embora em esfera diferente.

O filho mais velho Brian Bates, parece ter registrado a morte de sua mãe com tanta firmeza que o irmão, pois as progressões e trânsitos da época da morte tinham extrema força. Talvez o acontecimento tenha significado muito para ele, coincidindo com mudanças mais turbulentas em sua vida. O

único membro da família imediata que realmente sentiu o impacto da época do evento. Os outros a registraram, mas talvez só a tenham experimentado no nível emocional mais tarde. Isso não é incomum, pois nem todos experimentam as coisas da mesma forma e na mesma época. Muitas vezes existe um intervalo de época de uma experiência concreta e a época em que ela é assimilada no receptáculo da experiência no nível dos sentimentos, por assim dizer, "entranhas", porque ela digere os acontecimentos da vida e os torna parte de aspectos lunares em todos os mapas, menos no de Brian, sugere que Jean Bates tenha registrado *a idéia* da morte do marido, não sentiu as suas implicações; na verdade, quando conversei com ela, tive a impressão que ela ainda não tinha digerido totalmente essa morte, embora já se tivessem passado vários anos. Quando perguntei sobre o enterro e o que ela sentiu, ela me contou o mandado cremar o corpo do marido. Só Brian foi ver o corpo antes com a atitude que os outros achavam meio estranha. Até parece que essa experiência foi totalmente real para nenhum membro da família, exceto Brian.

Finalmente, para concluir a análise dos mapas da família, o horóscopo de Brian parece relevante. E o trânsito de Saturno pela primeira quadratura com a conjunção Marte-Urano, antes da morte. A Lua em Virgem, liga-o ao irmão, que tem Saturno em Virgem bem perto do pai, embora a órbita da conjunção entre a Lua de Brian e o Saturno seja tecnicamente demasiado ampla. Porém, esse trânsito de Saturno no mapa de Brian como o retorno de Saturno no mapa de Trevor, parece sugerir um processo amadurecido de uma forma um tanto amarga nos meses precedentes. As quadraturas com os planetas na sétima casa refletem a dolorosa separação em seu casamento, revelando um conflito entre o senso de responsabilidade e a premente necessidade de liberdade. Mas o trânsito pela Lua sugere uma superação relativa à mãe. Além de superar o pai, Brian também estava superando a mãe. Em certa forma parece que ele tinha se casado com ela ou com uma substituta dela.

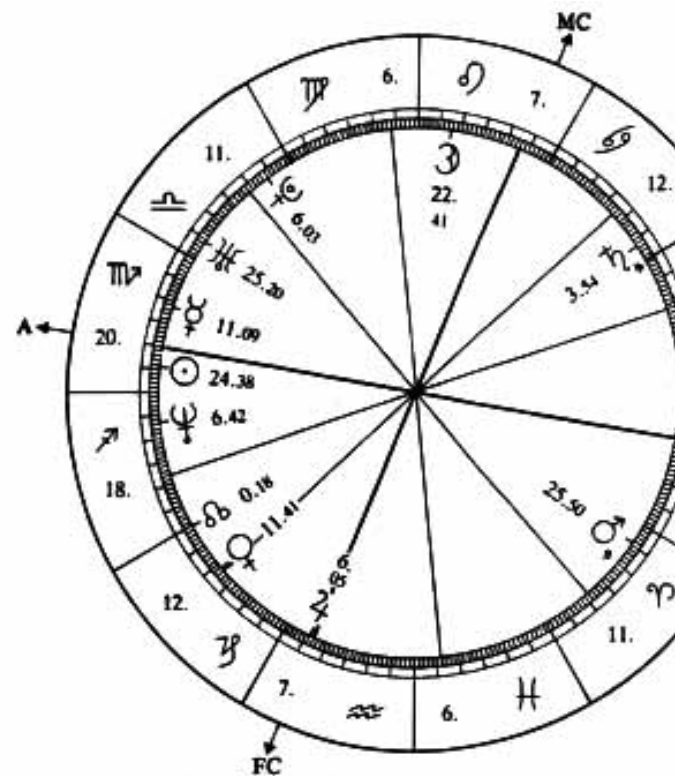


DIAGRAMA 19: Horóscopo natal de Bruce Bates
Nascido a 17 de novem-

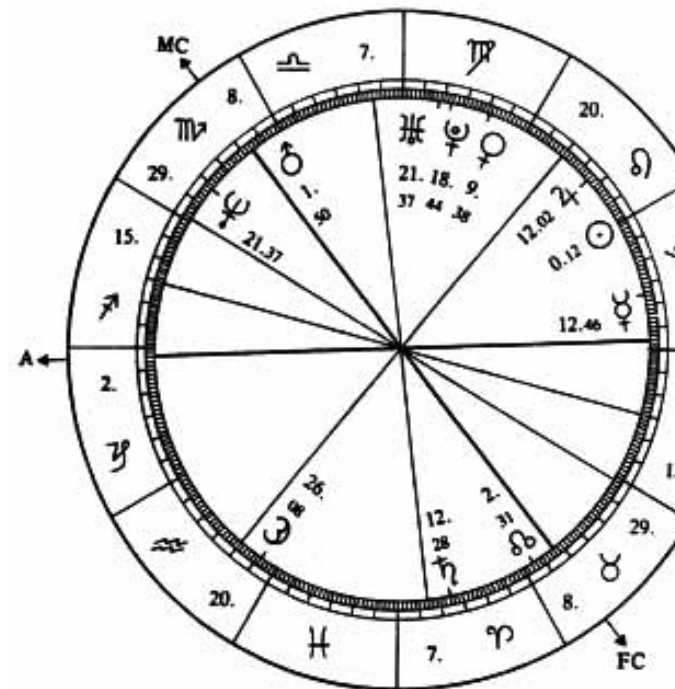


DIAGRAMA 21. Horóscopo natal de
 Rupert Bates
 Nascido a 23 de julho
 de 1967.

10

O Destino e o Self

*O que você fará, Deus, se eu morrer?
Sua taça se quebrará? A taça sou eu.
Sua bebida se estragara? A bebida sou eu.
E sou o seu ofício;
Comigo, vai-se todo o seu sentido.*

Rainer Maria Rilke

Como conceito empírico, o *self* designa toda a esfera dos fenômenos do homem. Expressa a unidade da personalidade como um todo. Mesmo a personalidade total, devido ao seu componente inconsciente parcialmente consciente, o conceito do *self* é, em parte, apenas empírico e, nesse sentido, é um *postulado*...

Assim como, na prática, encontramos fenômenos conscientes e inconscientes, o *self*, como totalidade psíquica, também tem um aspecto consciente e inconsciente. Empiricamente, o *self* aparece em sonhos, mitos, e em outras figuras da "personalidade supra-ordenada, como rei, herói, profeta etc. ... na forma de um símbolo de totalidade, como o círculo, o quadrado, o *circull*, a cruz etc. ... Empiricamente, portanto, o *self* aparece como luz e sombra, embora concebido como uma totalidade e uma unidade. Os opostos ...

O *self* não é uma idéia filosófica, já que não afirma sua própria existência e não-substanciação. Do ponto de vista intelectual, é apenas um trabalho. Seus símbolos empíricos, por outro lado, possuem muito valor emocional. Uma nítida *numinosidade*, isto é, um valor emocional a priori, caracteriza o *self*, a mandala ... Assim, prova ser uma *idéia arquetípica*, que difere de outros do mesmo tipo porque ocupa uma posição central condizente com seu conteúdo e de sua numinosidade.¹⁵¹

Algumas vezes Jung escreve sobre o *self* como "um" arquétipo, vários fatores ordenadores ou padronizadores do inconsciente. Assim como Moira é um auto-retrato do instinto primordial da natureza que impede a vida material e pune a transgressão desses limites, o *Self*, com sua

maioria de nós: num estado de encontro gradual com mais e mais total que primeiro vem ao nosso encontro como "destino" no mundo e tarde, às vezes com considerável esforço, como aspectos de nós mesmos não menos "destino". Uma das facetas mais interessantes do trabalho a este ponto de vista astrológico é a maneira como as pessoas se tornam mais e mais parecidas, com seus horóscopos, à medida que cresce a consciência. Longe de "transcender" o mapa natal, parece que a pessoa se sente mais e mais ele; os dois começam a se encaixar; ao mesmo tempo, ela se sente mais e mais ele. É claro que isso pode ocorrer sem qualquer discussão de temas pessoais, mas modo que dificilmente podem acusar-me de "fazer" meus analisados sentir-se. Seus mapas — freqüentemente só vejo seus mapas depois de anos de trabalho — solar é o que parece brilhar cada vez mais na pessoa, como se esse ponto fosse, acima de todos, o "veículo" do *Self*. Mas não estamos chegando lá, não saber por que algumas pessoas decidem fazer a viagem individual e outras não.

Outro problema levantado com relação ao *Self* e o horóscopo é a questão de como nos deparamos muitas vezes: por que uma determinada configuração astrológica manifesta-se numa pessoa em um nível, e noutra num nível totalmente diferente? Sem dúvida podemos mexer com algumas coisas da psique, com outras não, mas o que ser apresentado em breve é uma ilustração do último caso. Mas parece-me que a vida de uma perspectiva mais ampla, que as fronteiras dadas — as fronteiras da Providência ou pelo *Self* — são exatamente as fronteiras certas para o desenvolvimento daquela pessoa. É difícil descrever isso, exceto parcialmente no sentido dessa experiência: uma frase que tenho ouvido com freqüência (e que senti) é que não se poderia mudar nenhum aspecto da vida passada, por mais que se forma tudo se "encaixou" e levou ao presente e, além do presente, o futuro inclui os pedaços "maus" ou "infelizes", os "erros", as "escolhas erradas" e os pedaços "felizes" e as "escolhas certas". Essa profunda experiência

vida objetiva. Mas nem por isso deixa de ser uma realidade psíquica: que é exatamente a vida "objetiva"? Não se pode, na realidade, chegar a uma conclusão a esse respeito: é como a questão de Deus, apresentada e resolvida e enfeitada no começo do filme *A canção de Bernadette*: "Para os que acreditam em Deus, nenhuma explicação é necessária; para os que não acreditam, nenhuma explicação é possível." Assim, qualquer posicionamento no mapa não representa empiricamente o caráter ou um fato, mas pode ser "sem sentido" para quem simplesmente uma dessas coisas, uma afirmação do destino impresso no mapa. Uma pessoa não sente uma relação verdadeira Não é um "co-criador" de sua vida, mas pode ressoar como algo profundamente significativo porque é realmente parte da pessoa, e não algo imposto de "fora" pelos pedaços de mapas celestes chamados de planetas. É nisso que o conceito junguiano do *Sol* difere das experiências internas que as pessoas têm quando encontram sua própria vida psíquica, difere do antigo *heimarmenê*, a "compulsão planetária" que castigava a abatia sobre o corpo pecador mas não podia atingir a alma. Colocados no mapa, subitamente nos envolvemos com algo profundamente individual e pessoal. A compulsão planetária; os planetas simplesmente refletem, ou são símbolos do mundo drão existente no homem e na mulher interiores, orquestrado através da vida pelo arquétipo que representa a essência de sua individualidade. Os mapas não "compelem" contra a alma, mas são veículos dela.

O mapa que se segue é de uma mulher que vou chamar Alison. Ela é uma astróloga astrológica, não minha analisada, embora esteja familiarizada com o mundo do psique, pois também trabalha com ele. Alison é cantora e conselheira, e possui um conjunto de habilidades terapêuticas que usa juntamente com a voz, em vez de trabalhos individuais. Ela é cega, mas não totalmente; às vezes é capaz de distinguir luz e sombra, movimento e cor. Sua cegueira é congênita, mas ela pode manifestar. Como ela é uma mulher de excepcional vitalidade e energia.

e diziam "É a idade, quando crescer passa." E mudavam minhas lentes de modo que àquela altura eram feias e grossas de verdade. Aí eu fui ao conselho do meu especialista. Para mim estava ótimo, porque eu detestava

Liz: *O que você preferia fazer?*

Alison: Durante toda a minha infância eu pintava e desenhava. Era o que eu fazia, e o que eu mesma queria fazer. Mas o destino também interveio. Tinha uma mais detestável professora de arte que se pode imaginar. Eu gostava de desenhar. Mas essa professora era o tipo acabado da carrancuda, que não tinha nada de ser desenhado realisticamente, e assim ela acabava me criticando. Assim, de uma maneira engraçada, ela estava certa. Em vez de ir para a escola de arte, que sempre tinha sido minha ambição, quando fiz dezesseis anos e disse que era melhor sair da escola, eu disse "Viva!" e fui para Liberty, uma loja compradora de moda. A idéia parecia boa, eu poderia expressar um pouco de meu criativo. Mas aí minha visão começou a piorar rapidamente. De manhã cedo, seis e meia, viajava para Londres e ficava exausta, e aí começou a piorar. Minha visão ficou nublada e a nitidez não voltou. Voltei ao especialista e meu diagnóstico foi errado. Ele não falou comigo, mas disse à minha mãe que era um deslocamento da retina no olho esquerdo, que era o olho tão bom. Era glaucoma. Ele me mandou para Moorfields para colocar lentes de contato.

Liz: *Esses constantes erros de diagnósticos soam muito como um destino*

Alison: Ele era o consultor de toda a região de Hertfordshire. Aí eu fui a espécie de destino. Foi assim que fui a primeira vez a Moorfields. O destino me levou! Na realidade, fiz minha primeira visita a Moorfields para cancelar

Liz: *E o seu trabalho, lá que o curso para professora estava interdita*

Alison: Ouvei falar de um curso de serviço social, que só podia fazer um ano. Arranjei um emprego de rececionista numa fábrica local. Um ano, esse emprego me deu um pouco de dinheiro e uma identidade. Desenhei e escrevi; foi uma transição bem útil. Depois me inscrevi no serviço social e mudei para Londres. Isso me deu uma resposta a uma necessidade também um trabalho onde podia usar minha experiência. Deu-me um trabalho alguma coisa desafiadora. A experiência toda de ficar quatro meses entrando e saindo do hospital, estar com pessoas que tinham perdido a vida me impressionou muito. Costumava visitar uma mulher cega e surda, que ia morrer. Passar muito tempo com uma pessoa completamente surda e cega me fez começar a pensar em questões muito profundas. Comecei a trabalhar social com pessoas cegas velhas. A vida delas em tão horrível, em North Kensal Rim. .. moradias horripilantes, senhorios desumanos ... Lembro-me que aumentou para quatro libras. Questionei meu papel em tudo isso, e talvez não foi Deus em tudo isso. Passei por uma época de bastante depressão, mas não tendo sido dada a depressões do tipo clássico. Por temperamento, não é o tipo de realidade que encontrava no dia-a-dia era muito deprimente. Mas cantava.

Liz: *Onde é que entrou o seu canto?*

Alison: Já tinha começado a cantar com dezesseis anos, e usava a música conscientemente. Dá-me um prazer tremendo e adoro a reação positiva. A necessidade de cantar era, e é, um contrapeso ao confronto da realidade. A perda de visão, da perda de visão dos outros, da morte, todas essas questões. Em 1965, aderi a uma espécie de marxismo não-ortodoxo. Mas nunca cantei sozinho. Durou mais ou menos cinco anos. Foi um período muito estressante.

encontrar aquela necessidade de me curar. Percebi que eu mesma já estava curando. Quando me envolvi com a medicina alternativa passei por algumas experiências mais difíceis com relação à minha visão. Mas chegou o ponto em que a visão ficou importante. A perda da visão dá-me tanto quanto me tira.

Liz: *Como você vê o seu futuro agora?*

Alison: Recentemente fiz uma coisa nova, num seminário com Pat e outros sobre mitos. Cantei um mito. Li a história um dia antes e improvisei uma experiência maravilhosa fazer parte da história de Homero, que tem uma maneira diferente de ver o mundo. Agora tenho uma noção disso através da voz, cantando e dizendo canções que têm qualidades místicas. A visão deu-me uma percepção mais aguda do som e da voz. Agora falo mais com a voz. Acho que é uma combinação esquisita, uma pessoa que pode falar e cantar sem acompanhamento. Mas esta sou eu.

A resistência e o realismo de Alison falam por si mesmos. Alison gosta de examinar seu horóscopo, tanto o mapa natal como os planetas e os trânsitos atuantes entre as idades de dezesseis a dezoito anos. Alison não tem experimentado nenhuma revelação transpessoal importantíssima, mas não quer qualquer teoria religiosa para explicar ou justificar seu padrão de vida. Alison é forte e otimista que lidou construtivamente com uma limitação difícil no contexto geral de sua vida, de modo que o que domina nela não é a limitação, mas sim sua própria personalidade. Muitas vezes isso não acontece com a vida que golpeia a vida de uma pessoa, pois em muitos casos a condição e o modo de vida são a pessoa. Não quero teorizar sobre o fato de Alison ser "indivíduo que experimentou o Self". Embora eu tenha usado esses termos no capítulo, de certo modo não são oportunos agora. Mas ela

e a persistência tenaz demonstradas por ela são tipicamente capricórnio. A realidade a persistência tenaz não é o suficiente. Mesmo as experiências com os médicos, que mostraram ser muito mais cegos do que ela, parecem não ser no padrão; como diz Jung, "todas as peças se encaixam". Presumivelmente, se de Alison tivesse sido descoberto mais cedo, os dois olhos não teriam sido danificados. Mas parece, pela colocação de Plutão, que embora alguns médicos fossem capazes — ou tenham "permissão" — de encontrar ajuda, ortodoxa ou não, essa ajuda estava destinada a ser uma delas. Algo mais era exigido dela, e ela se viu diante do desafio; mas o que, então, fez essa exigência?

Capricórnio, um signo de terra, Inclina-se mais pela solução de problemas em formas práticas, e é menos propenso a "chocá-los" e fazer da vida um inferno interior. O lado fortemente saturnino da natureza de Alison parece explicar quando ela se refere à autopiedade como "desgastante", tirando-lhe a paciência por qualquer escuridão ou sofrimento que pudessem estar à sua espera. Os aspectos ligados ao Plutão ascendente e à conjunção Lua-Plutão, traduziram-se em escuridão e ao sofrimento que ela encontrou no mundo à sua volta. Isso é de acordo com a ênfase na sexta casa. A dedicação de Alison a sua causa, a determinação de tratar as coisas da maneira mais normal possível, com a melhor qualidade terrena, de longe o elemento mais dominante do horóscopo, a preocupação das verdadeiras emergências, é sensata; sua tendência é simplesmente agir bastante para não pensar. A profunda preocupação pelos problemas sociais, a incursão pelo marxismo como solução potencial também é uma abordagem caracteristicamente terrena, pois a terra não tem muito tempo para especular com teorias. Capricórnio, em particular, tem o maior respeito pelas pessoas e coisas, alguma coisa, que ajudam de verdade de forma clara e que contribuem para a comunidade; muitas vezes é através desse tipo de trabalho que Capricórnio se respeita. Que Alison não se detivesse na terra, mas investigasse as causas

que se manifesta tanto através de imagens interiores como através de acontecimentos da vida real.¹⁵⁷

Dessa forma, o Self manifesta-se, nesse caso, tanto como a cegueira, a seguir um caminho específico de desenvolvimento, como a resposta à cegueira, que a levou a encontrar um significado e um potencial em sua condição.

Entre as progressões planetárias para 1957, o único aspecto em um difícil período em que Alison foi pela primeira vez a Moorfields e suas operações é Vênus progredido aproximando-se de um trígono com Urano, fazendo uma conjunção com o Sol. Do ponto de vista ortodoxo, difícil é esse tipo de quadro que descreveria as dificuldades por que ela passava. O fato de seu namorado, e na época acreditar que ia se casar com ele, está muito mais relacionado a esses aspectos. Porém, de um ponto de vista menos ortodoxo, a conjunção com o Sol na sexta casa, que também é o regente do mapa, sugere um limiar de seu verdadeiro desenvolvimento. O fato de esse limiar se manifestar de um considerável grau de desconforto e sofrimento não é revelado pelo aspecto progredido. Mas estou convencida de que os aspectos progredidos revelam necessariamente qual vai ser a sensação; ao contrário, dizem qual vai ser o resultado.

O quadro mostrado pelos planetas em trânsito é mais informativo, mais literal. Como estamos considerando um período de dois anos, são os trânsitos que precisamos levar em conta, já que os outros se movem depressa. O trânsito mais impressionante é o de Urano, que tinha entrado em Leão em 1955, estava pairando sobre o ascendente de Alison. Em abril de 1957, Urano estava estacionário exatamente sobre o ascendente, em conjunção com Plutão.

é, com poucas exceções, a entelêquia do self consiste numa sucessão de compromissos, onde o ego e o *self* diligentemente mantêm em equilíbrio a balança para que tudo corra bem.¹⁵⁸

A consciência pode se identificar com seu parceiro transcendental, sofrer uma inflação, e até uma psicose, onde a pessoa acredita que é o indivíduo. A consciência pode negar completamente a realidade do mundo e não altere de forma nenhuma o padrão da psique, e nesse caso experimenta o sentido e sensação de uma negra fatalidade, quando a vida não se submeter-se à vontade do ego. Pode-se percorrer o espectro todo desde o destino, como não tinha no começo, uma resposta verdadeira à questão de ser predestinados ou livres, o que é o destino, ou se pode ser transformado pelo misterioso postulado de Jung sobre o *Self* descreve grande parte do destino, além de abrangê-los de forma a não dividir-nos entre a passividade e o arrogante auto-engrandecimento. É difícil, para o astrólogo, refutar a autoridade interna, que pode ser vivida de tantas formas diferentes, dispondo de posições planetárias que mostram quais são suas intenções; mas a linguagem dos "potenciais" é igualmente negada, pois qualquer erro de autoridade interna não tem o sabor de um potencial que é provado, mas um choque com a vontade dos deuses ou de Deus.

Acho que fica bem terminar com um conto de fadas, como com a história bem conhecida que contém uma profunda Ironia. Deixo ao leitor decidir se ela realmente trata do destino ou do Self Mas certamente trata da humana, que contém muito dos dois.

Então o homem foi embora, tencionando ir para casa, mas, quando encontrou um grande palácio de pedras. Sua mulher estava diante dele para entrar; tomou-o pela mão e disse: "Entre". Assim, ele entrou porque tinha uma grande entrada com chão de mármore, muitos escancaravam as portas; as paredes eram claras, com lindas cortinas, cadeiras e mesas de puro ouro, candelabros de cristal pendiam do teto, quartos tinham tapetes, e havia comida e vinho do melhor sobre a mesa, eles quase sucumbiram. Atrás da casa também havia um grande pátio para cavalos e vacas, e as melhores carruagens; também havia um jardim com as mais lindas flores e árvores frutíferas, e um parque de um longo comprimento, onde havia cervos, veados e lebres, e tudo que se poderia imaginar. disse a mulher, "não é bonito?" "Sim, de fato", disse o homem, "vamos morar nesse lindo castelo e ser felizes". "Vamos pensar a respeito", disse a mulher, "dormir sobre o caso". Assim eles foram para a cama.

Na manhã seguinte a mulher acordou primeiro, quando o dia estava claro e da cama viu o belo campo à sua frente. O marido ainda estava adormecido, então ela o cutucou com o cotovelo e disse, "Levante-se, marido, e dê uma olhada na janela. Olhe, nós não poderíamos ser os Reis dessa terra toda? Vamos seremos os Reis." "Ah, mulher", disse o homem, "por que deveríamos ser Reis? Não quero ser Rei". "Bem", disse a mulher, "se você não quer ser Rei, eu serei Peixe, pois eu serei Rei". "Ah, mulher", disse o homem, "por que vou ser Peixe? Eu não quero dizer isso a ele." "Por que não?" disse a mulher. "Por que não? Eu mesmo; eu preciso ser Rei!" E assim o homem foi, muito infeliz, porque queria ser Rei. "Não está certo; não está certo", pensava ele. Não conseguiu assim mesmo.

Chegando ao mar, viu que estava cinza bem escuro, com a água muito pútrido. Ficou perto do mar e disse:

Se ele pode *fazer* um Imperador, pode fazer um Papa. Vá logo até ele, você não passa de meu marido; vá imediatamente."

O homem ficou com medo e foi; mas estava muito fraco, tiritando as pernas e joelhos bambos. Soprava um vento forte pela terra, as nuvens do fim da tarde ficaram tudo escuro; as folhas caíam das árvores, a água soprava como se estivesse fervendo, rebentando na praia; lá longe ele viu os canhões em sua terrível emergência, sacudidos e agitados pelas ondas. No meio do céu, ainda havia uma pequena mancha azul, embora cercada por grandes tempestades de todos os lados. Tomado de desespero, o homem ficou com muito medo até a borda, e disse:

*Flounder, flounder in the sea,
Come, I pray thee, here tome;
For my wife, good Ilsabil,
Wills not as I'd have her will.*

"Bem, o que ela quer agora?", disse o Peixe. "Ai de mim", disse o homem, "ser Papa". "Volte para ela, então", disse o Peixe; "ela já é Papa."

Assim ele foi, e quando lá chegou viu o que parecia ser uma enorme cidade de palácios. Abriu caminho entre a multidão. Lá dentro, entretanto, havia milhares e milhares de velas, e a esposa estava vestida de ouro, e o homem muito mais alto, com três enormes coroas de ouro na cabeça, e o homem de esplendor eclesiástico; de cada um dos lados havia uma fileira de torres, a maior era do tamanho da mais alta torre, e a menor era do tamanho da cozinha; todos os imperadores e reis estavam de joelhos diante dela, e o homem disse, olhando-a atentamente, "você agora é Papa", e ela, "sou Papa". Ele ficou diante dela, olhando, e era exatamente

- 24 Bachofen, p. 165.
25 *Êsquilo*, *The Oresteia*, tradução de Tony, Harrison, Collings, Londres, 1981.
26 Erich Neumann, *The Great Mother*, Bollingen Foudation/Princeton University Press, 1955, p. 303.
27 Neumann, p. 303.
28 Neumann, p. 230
29 James Hillman, *The Dream and the Underworld*, Harper & Row, Nova York, 1979, p. 19.

2 O Destino e Plutão

- 30 Hillman, p. 20.
31 Walter F. Otto, *The Homeric Gods*, Thames & Hudson, Londres, 1979, p. 264.
32 Sylvia Brinton Perera, *Descent to the Goddess*, Inner City Books, Toronto, 1981, p. 21.
33 Perera, p. 21.
34 Robert Graves, *The Greek Myths*, Penguin Books, 1955, vol. 1.
35 J. R. R. Tolkien, *The Lord of the Rings*, Guild Publishing, Londres, 1980, p. 145.
36 Sigmund Freud, *The Interpretation of Dreams*, Penguin Books, 1976, p. 332.
37 Hillman, p. 161.
38 Hillman, p. 162.
39 Luigi Aurigemma, "Transformation Symbols in the Astrological Tradition: A Jungian Process", organização de Joseph Wheelwright, C. G. Jung Foundation, Nova York, 1979, p. 10.

3 O Plutão Astrológico

- 40 James Hillman, "On the Necessity of Abnormal Psychology: Ananke and Atropis", organização de James Hillman, Spring Publications, Dallas, 1980.
41 *Êsquilo*, *Prometheus Bound*, tradução de David Grene, citado no ensaio acima de Hillman, p. 161.
42 Paracelso, *Selected Writings*, tradução de Norbert Guterman, Bollingen Foundation, Nova York, 1958, p. 203.
43 Otto, p. 47.
44 Erich Neumann, *The Origins and History of Consciousness*, Bollingen Foundation/Princeton University Press, 1973, p. 186.

- 99 C.G. Jung, *Mysterium Coniunctionis*, CW14, par. 404.
- 100 Jung, CW14, par. 405.
- 101 Emma Jung and Marie-Louise von Franz, *The Grail Legend*, Hodder & Stoughton, 1963, p. 183.
- 102 Jung & von Franz, p. 294.
- 103 Otto, *The Homeric Gods*, p. 70.
- 104 Jane Harrison, *Themis*, Merlin Press, Londres, 1977, p. 517.
- 105 Frances A. Vates, *Astraea*, Peregrine Books, Londres, 1977, p. 32.
- 106 John Layard, "The Virgin Archetype", em *Images of the Untouched*, Spring Publications, 1982, p. 170.
- 107 Layard, p. 171.
- 108 *The Thunder, Perfect Mind*, de The Nag Hammad Library, tradução de George D. Howard, Brill, Leiden, 1977.
- 109 Esther Harding, *Women's Mysteries*, Rider & Co., Londres, 1971, p. 124.
- 110 Jung, CW9, Parte 1, par. 316.
- 111 Graves, *The Greek Myths*, vol. 2, p. 11.
- 112 Jane Harrison, *Prologomena*, Merlin Press, Londres, 1962, p. 298.
- 113 Graves, *The Greek Myths*, vol. 1, p. 127.
- 114 E. M. Butler, *The Myth of the Magus*, Cambridge University Press, 1979, p. 1.
- 115 Goethe, *Faust*, Parte 1, tradução e introdução de Philip Wayne, Penguin Books, 1971, p. 87.
- 116 Coelho, *Faust*, Parte 1, p. 87.
- 117 Goethe, *Faust*, Part 2, p. 282.
- 118 Jung, CW5, par. 119.
- 119 Kerényi, *The Gods of the Greeks*, p. 91.
- 120 Otto, *The Homeric Gods*, p. 283.
- 121 Otto, *The Homeric Gods*, p. 158.
- 122 Kerényi, *The Gods of the Greeks*, p. 98.
- 123 Kerényi, *The Gods of the Greeks*, p. 160.
- 124 T. S. Eliot, *The Waste Land*, em *The Complete Poems and Plays of T. S. Eliot*, Faber and Faber, 1969, p. 61.
- 125 Campbell, *The Hero with a Thousand Faces*, p. 113.
- 126 Campbell, *The Hero with a Thousand Faces*, p. 117.
- 127 Jung, CW9, Parte 1, par. 316.

ou quem leva as almas para o inferno. No papel de psicopompo, equivale mais ao Hermes grego.

Aornis [grega]. Um dos rios do inferno. O nome significa "sem pássaros".

Apoio [grega]. Deus do sol, da música e da profecia; filho de Zeus e irmão gêmeo de Artemis. Seu oráculo em Delfos previa o futuro dos consulentes, mas em termos de profecia, era considerado "língua dupla". Também é o protetor dos rapazes e o mais cavalheiresco dos deuses olímpicos.

Aqueronte [grega]. Um dos rios do inferno. O nome significa "rio da Aflição".

Aquiles [grega]. Um dos heróis da guerra de Tróia, Aquiles era filho da deusa do mar, Tetis, e de um mortal. Quando era bebê, a mãe o mergulhou no rio Estige, para torná-lo invulnerável. Porém, ele não conseguiu evitar de mergulhar na água o calcanhar, por onde o segurava. Essa parte vulnerável foi atingida durante uma das batalhas contra os troianos.

Ares [grega]. Deus da guerra e do prazer do combate, nasceu de Hera, tainha do casamento. No mito, é descrito como brutal, violento e traiçoeiro. Seu equivalente romano é Marte.

Ártemis, Diana [grega]. Irmã gêmea de Apoio, o deus sol, é uma divindade lunar, caçadora, destemida, virgem, senhora dos animais selvagens. Na Ásia Menor, era considerada como prostituta e deusa da fertilidade, mas paradoxalmente também é associada à gravidez e do parto. Também é associada a Hécate, outra deusa lunar e regente do mundo subterrâneo.

Asclépio, Esculápio [grega]. Filho de Apolo, o deus sol, foi criado pelo centauro Quirón, deus da cura e da medicina. Era o patrono dos curadores e também podia levantar os mortos. Foi atingido por um raio de Zeus. Também é coxo.

Astréia [grega]. Deusa da justiça. Filha de Zeus, viveu certa vez na terra, misturada com os mortais, mas foi ficando cada vez mais desgostosa de sua vileza e acabou retirando-se para a constelação de Virgem.

Asvins [hindu]. Dois gêmeos divinos, criadores da chuva e distribuidores da vida, chamados os Condutores do Céu.

Atárgatis [síria-fenícia]. Uma das grandes deusas da fertilidade da Ásia Menor, é uma divindade lunar. Como Istar e Inanana, é ao mesmo tempo virgem e prostituta. Seus ritos orgiásticos. É retratada como peixe ou com cauda de peixe, acompanhada por uma fatia, também retratado como um peixe.

Atena [grega]. Deusa da sabedoria e da estratégia da guerra, também é protetora

elas surgem do sangue caído sobre a terra do deus Urano castrado. Em Esquilos, Nix, a deusa da Noite. Em geral são três, às vezes mostradas como um enxame de tochas e chicotes, com cobras na cabeça. Sua punição é a loucura.

Eros [grega]. Representado na arte grega clássica como um garoto rechonchudo com uma flecha que fere os mortais de amor; inicialmente, era um grande deus criador. O amor e a paixão criou o universo manifesto. Também é um deus da morte, que Platão chama de "*daimon*" (*daimon* significa dispensador do destino).

Estige [grega]. Um dos rios do inferno. Estige separava o reino dos mortais do reino dos deuses. O nome significa "veneno".

Eumênides [grega]. Eufemismo para designar as Erínias, deusas da vingança, também conhecidas como "benfeitoras".

Eurínome [grega]. Filha de Oceano, foi uma das amantes de Zeus, concebendo deuses.

Europa [grega]. Mulher mortal por quem Zeus se apaixonou, levou para Creta e se casou com o deus de touro branco. Ela lhe deu três filhos — Sarpédon, Radamento e o rei Minos.

Fafnir e Fasolt [germânica]. Dois gigantes que discutiram por causa de um tesouro guardado nos Niebelungos ou anões. Fafnir assassinou seu irmão Fasolt e em seguida se tornou um dragão, para guardar o tesouro. Acabou sendo morto pelo herói Siegfried.

Fedra [grega]. Filha do rei Minos de Creta, tornou-se esposa do herói Teseu. Apaixonou-se perdidamente pelo filho dele, Hipólito que não correspondeu. Desesperada, ela se enforcou, deixando um bilhete de suicida explicando que tinha se apaixonado por Hipólito. Enraivecido, Teseu amaldiçoou o filho, só vindo a descobrir a verdade quando a maldição tinha sido cumprida e o deus Posídon tinha feito matar Hipólito por um acidente no mar.

Flégeton [grega]. Um dos rios do inferno. O nome significa "queimar".

Frixo [grega]. Príncipe de Iolco. Ele e a irmã Hele escaparam à ira da madrasta por terem oferecido um carneiro de ouro enviado por Zeus. Hele caiu no mar e se afogou, mas Frixo conseguiu a segurança à Cólquida, à corte do rei Eetes, onde sacrificou o carneiro. Seu tosão de ouro, mais tarde roubado por Jasão.

Ganimedes [grega]. Um belo jovem, filho do rei Trós de Tróia. Zeus o desejou, raptou-o com uma águia e o raptou, levando-o para o Monte Olimpo, onde o rapaz se tornou imortal e um dos escanção dos deuses.

Géia [grega]. Deusa da terra. Era irmã e amante de Urano, deus do céu. A união deles criou o universo manifesto.

Jó [hebraica] . No Velho Testamento, Jó era um bom e leal servo de Deus. Deus, Satanás, sujeitou-o a pesados sofrimentos e perdas, para testar sua fé. Como n o amor que tinha por Deus se alteraram, tudo o que lhe foi tirado acabou sendo

Kali [indiana]. Denominada a "Mãe Negra", é uma deusa sanguinária da batalha e c com um colar de crânios humanos, língua protuberante e olhos vermelhos o desintegração e à doença, mas também restaura a vida e concede favores a seus

Ketu [indiana] . Demônio que devora o sol durante o eclipse solar. Astronomicam ao nodo sul, ou descendente, da Lua.

Laio [grega]. Rei de Tebas, foi advertido pelo oráculo de Apoio para não ter um f seu assassino. Sua esposa Jocasta lhe deu um filho, apesar da advertência; criança fosse exposta num monte. O menino, entretanto, sobreviveu e cres acabou matando o pai, sem saber, numa estrada da montanha, e em seguida tornando-se rei de Tebas. (O mito completo de Édipo está na página 151.)

Lâmia [grega] . Às vezes representada por um conjunto de deusas infernais vinga primitiva do mito, Lâmia foi uma rainha da Líbia que Zeus amou. Viu seus conseqüência do ciúme de Hera e a dor deixou-a louca, passando a devorar r dos braços das mães. As Lâmiás infernais são responsáveis pela morte dos recé

Láquesis [grega] . Uma das três Moirai ou Parcas. Láquesis é a medidora, a qualidade e a extensão da vida mortal.

Lete [grega] . Uni dos rios do inferno. A palavra significa "esquecimento".

Lóqui [germânica] . É um deus embusteiro, um deus do fogo. É ladrão e mentiros sábios e astutos. É análogo ao Hermes grego.

Maat [egípcia]. Deusa da justiça. Seu emblema é uma pena, colocada na balança n do inferno, e comparada ao peso do coração do morto, para avaliar seus pecar "mais pesado que a pena de Maat, ele é atirado como repasto ao monstro Am recebe vida eterna.

Mala [grega]. Mãe do deus Hermes, em geral é mostrada como uma ninfa pela qua Mas Maia também é o nome que Zeus dá à grande deusa da Noite, sugerind mãe de Hermes é a própria escuridão.

Marduc [babilônica] . Deus do fogo, é mais ou menos análogo a Javé enquanto de monstro marinho Tiamat, sua mãe, e de sua carne despedaçada criou o univers

Marte [romana] . Deus da guerra, equivalente ao Ares grego.

do pelo lugar que ocupa nas lendas arturianas, mas na verdade é uma figura muito cristã. É o cavaleiro inocente e tolo que descobre o Santo Graal mas deixa importante que curaria o Rei do Graal, doente, e devolveria a prosperidade necessário, então, que ele labute por vinte anos, até poder reencontrar o tesouro que completa a sua saga.

Pasífae [grega] . Esposa do rei Minos de Creta, foi castigada pelo deus Posídon com o touro sagrado que Minos havia recusado sacrificar ao deus. O resultado da mulher e o touro foi o monstruoso Minotauro, que coube ao herói Teseu matar.

Peleu [grega] . Mortal, gerou o herói Aquiles na deusa marinha Tétis. Tétis estava para torná-lo imortal, quando foi descoberta por Peleu. que arrancou o menino um membro mortal, enquanto o resto já tinha se tornado imortal. Foi através de Peleu que Aquiles acabou sendo morto.

Pélops [grega] . Rei da Lídia, era filho de Tântalo, que zombou dos deuses matando num jantar oferecido aos olímpicos, para ver se eles seriam capazes de descobrir o comendo. A deusa Réia devolveu o menino Pélops à vida, mas ele sempre ficou no ombro, de onde a deusa Deméter, sem saber, tinha comido um pedaço. Fundou a cidade sobre a qual pairou uma maldição que só foi rompida pelo herói Orestes.

Penteu [grega]. Rei de Tebas, recusou-se a permitir o culto ao deus Dioniso, acompanhado de seu séquito de enlouquecidas seguidoras. Com vingança. Dioniso, a mãe de Penteu, de modo que quando ela e suas companheiras o descobriram tentaram matá-lo, confundiram-no com um fauno e o fizeram em pedaços.

Perséfone [grega] . Seu nome significa "portadora da destruição". Uma *kore*, ou virgem, filha de Deméter e de Zeus e é uma deusa da primavera. Foi arrebatada da mãe por Hades, onde foi violentada e concebeu um filho chamado Zagreus ou Dionísio, como Rainha dos Mortos.

Perseu [grega] . Filho de Zeus e Dânae, uma mortal, foi lançado ao mar junto com sua mãe encerrados numa caixa de madeira. Foram salvos pelo rei Polidectes. que quis casar-se com Perseu contra a vontade dela. Perseu recebeu a incumbência impossível de matar Medusa, o que conseguiu com a ajuda da deusa Atena. Voltou para derrotar Polidectes, casou com a amada Andrômeda e viver feliz para sempre.

Plutão [romana] . Deus do inferno, equivalente ao Hades grego. Seu nome significa

Polideuces [grega]. Chamado Pólux em latim, era o gêmeo mortal do par associado ao gêmeo imortal Castor. O nome grego Polideuces deriva do grego *polydeukos*, "muitos deuses".

labirinto e conseguiu sair dele usando um novelo de linha que lhe fora dado pela Ariadne, a quem mais tarde abandonou na ilha de Naxos.

Tétis [grega]. Deusa do mar, mãe do herói Aquiles com um homem mortal, Peleu.

Tiamat [babilônica]. Primitiva deusa-mãe, retratada como um gigantesco monstro. Marduc a assassinou e trinchou seu corpo para daí criar o universo físico.

Tiestes [grega]. Irmão do rei Atreu de Micenas. Sua vingança contra Atreu, que a matou, foi uma maldição sobre a linhagem do irmão. (Ver pág. 87.)

Tirésias [grega]. Vidente cego que advertiu Édipo do seu incesto involuntário. No momento da revelação foi transformado em mulher e passou sete anos assim. Depois foi-lhe devolvido o corpo de homem. Devido a essa experiência única, Zeus lhe pediu para decidir uma controvérsia entre Atena e Apolo, tendo com ela. A resposta de Tirésias ofendeu a deusa, que o cegou. Zeus, como castigo, deu-lhe o dom da profecia.

Ulisses [grega]. Um dos heróis da guerra de Tróia, tema do grande poema épico de Homero que narra sua longa e tortuosa viagem de volta para a esposa Penélope e o reino de Ithaca após a guerra. É chamado "o astuto" porque conseguiu safar-se de muitas dificuldades durante a guerra, principalmente usando a engenhosidade e não a força bruta.

Urano [romana]. Equivalente ao deus grego Ouranos, é o primitivo deus do firmamento.

Urd [germânica]. Deusa da terra. Urd é também o nome da mais velha das Nornas, as Moirai ou Parcas gregas.

Válala [germânica]. Morada dos deuses, grosseiramente equivalente ao Monte Olimpo.

Valquíria [teutônica]. Deusa guerreira, filha do deus da tempestade, Votã. As Valquírias carregam as batalhas e carregam a alma dos heróis mortos para o Valhala, para um banquete e festejos e de lutas gloriosas.

Vatón [germânica]. Equivalente ao Odin nórdico e ao Zeus grego, é uma divindade que era o regente dos deuses e senhor da tempestade e do caos. Também é mágico. Sacrificou um dos seus olhos para conseguir a sabedoria da fonte sagrada aos poços de Mimir. Tem como companheiros dois corvos que voam por toda parte e lhe trazem notícias do que acontece no mundo. Também guarda certa semelhança com o Javé hebreu, pois é um deus de pactos e leis, e exibe uma irascibilidade semelhante.

Vênus [romana]. Deusa da beleza e do amor sensual, equivale à Afrodite grega.

Vulcano [romana]. Ferreiro e artesão divino, equivalente ao Hefesto grego. Vulcano é a deusa Vênus, que lhe era eternamente infiel.

Outras obras de interesse:

ASTROLOGIA E RELACIONAMENTO HUMANO

Lois Haines Sargent

CICLOS ASTROLÓGICOS E PERÍODOS DE CRISE

John Townley

MANUAL PRÁTICO DE ASTROLOGIA

Bel-Adar

TRIANGULAÇÃO DE SATURNO — JÚPITER — MERCÚRIO

Donald H. Yott

A LUA — Sua Influência Sobre o Homem e a Natureza

Ilya Virgatchik

RELACIONAMENTOS KÁRMICOS

Martin Schulman

PLUTÃO

Puiggros